UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Orientais

Programa de Pós-Graduação em Letras: Língua, Literatura e Cultura Japonesa

HITOMI INAMURA

Nippongo – os livros didáticos de língua japonesa
para os descendentes de japoneses:
uma análise do contexto de sua produção e do
processo de estabelecimento da sua política editorial

(Versão Corrigida)

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Orientais

Programa de Pós-Graduação em Letras: Língua, Literatura e Cultura Japonesa

Nippongo – os livros didáticos de língua japonesa

para os descendentes de japoneses:

uma análise do contexto de sua produção e do processo de
estabelecimento da sua política editorial

HITOMI INAMURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. LEIKO MATSUBARA MORALES

São Paulo

2016

Agradecimento

A Deus, por ter me guiado para fazer este trabalho e por estar sempre comigo.

Ao meu marido, Paulo Eduardo, pela sua compreensão e ajuda no meu estudo.
A profa. Dra. Leiko Matsubara Morales, pela indicação do tema e pela sua orientação.

A profa. Ayako Akamine, pela sua dedicada tradução.

A profa. Dra. Eliza Atsuko Tashiro Perez, pelos seus conselhos significativos.

A profa. Dra. Lica Hashimoto, pela sua ajuda no dia de inscrição de Qualificação.

A minha amiga Valéria Camargo, pela sua revisão e seu encorajamento.

A minha amiga Sayaka Izawa, por ter contribuído com as informações necessárias no processo de pesquisa.

Aos Sr. Masatake Suzuki e Sr. Susumu Miyao, de Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, pelos seus depoimentos preciosos.

Aos Sr. Hoshi e Sr. Matsuzaka, de Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, por ter apresentado arquivos valiosos.

Aos todos os funcionários da Biblioteca do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, pelo auxílio para coletar arquivos antigos na biblioteca.

A todas as minhas amigas, especialmente, a Deise Lima e a Tufaina Moananu.

Ao Jorge, secretário de pós do DLO, pela ajuda atenciosa na administração.

A Burajiru Imin Bunko, pelo seu trabalho e sua dedicação de digitalizar arquivos importantes na web.

Aos meus alunos, pela alegria e inspiração que sempre me deram.

LISTA DE SÍMBOLOS

[...] Partes omitidas de trecho

“ ” Citação direta

[] Acréscimo da pesquisadora

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

- ACBJ - A abreviação utilizada com referência à Aliança Cultural Brasil - Japão (*Nippku Bunka Fukyukai*)
- *Bunkyô* - A abreviação utilizada com referência à Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (*São Paulo Nihon Bunka Kyôkai*), atual Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social.
- CPLD - Comissão de Publicação do Livro Didático da Língua Japonesa (*Nihongo Kyôkasho Kankô linkai*)
- *Nichigakuren* - A abreviação utilizada com referência a *Hakkoku Nihongo Gakkô Rengôkai* (Federação das Escolas da língua japonesa do Brasil)
- RELJ – Reunião de Ensino de Língua Japonesa (*Nichigo Kyôiku Kaigi*)
- 80 ANOS - Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil

O sistema de romanização Hepburn é utilizado para transcrição em alfabeto.

LISTA DE SIGNIFICADOS DE PALAVRAS JAPONESAS

(Convenção nossa)

- *hiragana* – fonogramas principalmente usado em língua japonesa
(ex. あいうえお)
- *issei* - imigrante japonês
- *kana* - termo genérico que significa dois grupos de fonogramas, *hiragana* e *katakana*
- *kanji* - logogramas japoneses oriundos da China.
(ex. 亜伊宇絵尾)
- *katakana* - fonogramas usado para transcrever palavras oriundas de línguas estrangeiras, onomatopeia, ou para enfatizar palavras em língua japonesa (ex. アイウエオ)
- *koroniago* - a língua falada e escrita pelos imigrantes japoneses no Brasil. Sua característica maior é o uso de palavras emprestadas de língua portuguesa dentro de sintaxe de língua japonesa
- *nikkei* - descendentes japoneses. Pode ser usado como substantivo ou adjetivo.
- *nissei* - segunda geração dos imigrantes japoneses, cuja natalidade deu-se no Brasil
- *sansei* - filho de nissei.

Resumo

INAMURA, H. ***Nippongo* – os livros didáticos de língua japonesa para os descendentes de japoneses: uma análise do contexto de sua produção e do processo de estabelecimento da sua política editorial**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016

Este estudo teve por objetivo reconstruir o contexto de produção e o conteúdo da política editorial da série do livro didático *Nippongo*, que foi elaborado no período entre 1959 – 1961 e publicado em 1961 no Brasil. A fim de delinear o contexto sócio-histórico da época e o processo de estabelecimento da sua política editorial, fontes primárias como jornais e revistas da época foram pesquisadas. Foram mapeados o surgimento de *Bunkyo* e *Nichigakuren*, a influência dos jornais nipo-brasileiros, mudança na política no Brasil, reformas no sistema de escrita e da educação no Japão. Além disso, é observado que os isseis preocupavam-se com a baixa motivação dos nisseis nos estudos de língua japonesa. E também havia a necessidade de que as autoridades brasileiras reconhecessem o livro didático. Neste contexto, Ando iniciou o seu movimento, na Reunião de Ensino de Língua Japonesa, porém, acabou fracassando. Depois foi criada uma nova comissão chamada de Comissão de Publicação do Livro Didático da Língua Japonesa (CPLD), para confeccionar livros didáticos com o apoio financeiro de uma editora do Japão, *Teikoku-Shoin*. A CPLD estabeleceu uma política editorial, levando em consideração as opiniões dos professores em exercício. Comparando-se os livros didáticos utilizados anteriormente pela colônia com o *Nippongo*, podemos dizer que houve uma continuidade do ensino do pré-guerra em relação ao foco nos *kanjis* e na aprendizagem dos kanas, mas também houve a adoção de uma nova abordagem com a introdução de empréstimos lexicais do português e a inserção de textos com tópicos abrangentes, bem como aqueles que relacionados ao Brasil.

Palavras-chave: imigrantes japoneses, ensino de língua japonesa, livro didático, política editorial

Abstract

INAMURA, H. ***Nippongo* – the textbook of Japanese language for Japanese descendants: an analysis of the context of its production and the process of establishment of its editorial policy.** M.A. Dissertation, Faculty of Philosophy, Languages & Literatures, and Human Sciences, University of São Paulo, 2016.

This study aims to examine the context of the production and contents of the editorial policy of a textbook series called *Nippongo*, which was edited between 1959 and 1961 and published in 1961 in Brazil. In order to outline the social and historical context and the process of establishment of its editorial policy, primary sources such as newspapers and magazines during those periods were investigated. According to the contexts, the following factors were observed: foundation of Bunkyo and Nichigakuren, newspapers' influence, policy change in Brazil and reform of orthography and education system in Japan. Moreover, it was observed that many Japanese immigrants perceived that their childrens' motivation to learn Japanese were low. In addition, they needed textbooks officially approved by Brazilian authorities. In this context, Ando started to express his own view about Japanese language education. Ando's ideas were promoted via a newly formed group called the Committee of Education for Japanese Language, but in vain. After that, the Committee for Publication of Japanese Language Textbooks was founded with financial support by a publishing company in Japan called *Teikoku-Shoin*. The committee established its editorial policy, taking teachers' opinions into considerations. Compared with other series of textbooks used in Japanese community in Brazil, this series of *Nippongo* consists in contents of those before the World War II, such as a large quantity of Chinese characters and its focus on the reading. However, it is observed adaption of new approach such as the use of loan word from Portuguese and of texts which treat wide topics, for example, about Brazil.

Key-words: Japanese immigrants, Japanese language education, textbooks, editorial policy

LISTA DE QUADROS

Descrição

Quadro 1: Estrutura do livro didático *Nippongo* (volume 2)

Quadro 2: Período de coleta dos artigos de jornais

Quadro 3: Títulos dos capítulos do folheto de Ando e suas primeiras publicações

Quadro 4: Síntese das fontes primárias analisadas

Quadro 5: Perfis de membros da CPLD

Quadro 6: Comparação de características das duas séries de LDs

Quadro 7: Quadro comparativo das opiniões acerca do LD

Quadro 8: Quadro comparativo das opiniões acerca do LD (com a política editorial da CPLD)

Quadro 9: Panorama dos fatores que compunham os ideais do ensino de japonês nas décadas de 50 e 60

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Capa do livro didático *Nippongo*, vol. 1

Anexo 2: Capa do livro didático *Nippongo*, vol. 2

Anexo 3: Índice do livro didático *Nippongo*, vol. 1

Anexo 4: Um texto do livro didático *Nippongo*, vol. 1

Anexo 5: Capa de jornais em forma de papel arquivados

Anexo 6: *O Paulista Shimbun* em forma de papel

Anexo 7: Capa do *São Paulo Shimbun* em forma de microfilme

Anexo 8: Artigo do *Nippaku Mainichi Shimbun* arquivado em forma de microfilme

Anexo 9: Ando, Zenpati

Anexo 10: Moriya, Kimio

Anexo 11: Coquetel Party no *Bunkyo*: participantes

Anexo 12: Coquetel Party no *Bunkyo*: Takemoto e Moriya

Anexo 13: Takemoto, Yoshio

Anexo 14: Okazaki, Chikashi

Anexo 15: Furuno, Kikuo

Anexo 16: Livros didáticos *Nippongo* na livraria em São Paulo

SUMÁRIO

Capítulo 1. Introdução	1
1.1 Sobre a escolha do tema de pesquisa	1
1.2 Pesquisas precedentes	2
1.3 Objetivo.....	5
1.4 Justificativa	6
1.5 Estrutura da dissertação	7
Capítulo 2. Metodologia.....	9
2.2 Periodização da Pesquisa.....	10
2.3 Parâmetros da análise	11
2.4 Materiais	11
2.4.1 As fontes primárias.....	12
2.4.2 As fontes secundárias	29
Capítulo 3. O contexto e o processo de edição dos livros didáticos	31
3.1 O contexto histórico	31
3.1.1 Contexto histórico do início da imigração japonesa até o fim da Segunda Guerra Mundial (1908 – 1945).....	32
3.1.2 Contexto histórico no período pós-guerra (1945 – 1950)	35
3.1.3 Contexto histórico no período entre 1950-1960.....	37
3.1.4 Situação do ensino de língua japonesa entre 1945-1960.....	39
3.1.4.1 A situação do ensino de língua japonesa	39
3.1.4.2 Os ideais e objetivos do ensino de língua japonesa	42
3.1.5 Problemas no ensino de língua japonesa na década de 1950 sob o ponto de vista do issei	47
3.1.5.1 A lei brasileira que limitava o ensino de língua estrangeira.....	48
3.1.5.2 As dificuldades de aprendizagem dos nisseis sob o ponto de vista do issei	49
3.2 O Processo de criação de LDs.....	53
3.2.1 Contexto	53
3.2.1.1 Ando e as atividades do Grupo Esperança	53
3.2.1.2 Movimento dentro da Nichigakuren.....	55
3.2.2 O primeiro encontro - Reunião do Ensino de Língua Japonesa (1956)	55
3.2.2.1 O encontro.....	55
3.2.2.2 A discussão sobre o ensino de língua japonesa é estimulada no <i>Paulista Shimbun</i>	56

3.2.3 O segundo encontro - Reunião de Ensino de Língua Japonesa (1957)	61
3.2.3.1 O encontro.....	61
3.2.3.2 RELJ: opiniões diferentes de dois membros da diretoria.....	66
3.2.3.3 Escassez de recursos para a edição do LD	68
3.2.3.4 Num passe para a estagnação	71
3.2.4 Formação da Comissão de Publicação do Livro Didático de Língua Japonesa e sua edição (1959).....	75
3.2.4.1 O processo de formação de uma nova comissão editorial e a obtenção de recurso financeiro de uma editora japonesa	75
3.2.4.2 O caminho para a reestruturação organizacional da comissão editorial do LD de japonês	78
3.2.4.3 Os membros da CPLD	80
3.2.4.4 O processo básico de edição	86
3.2.4.5 Diálogo com os professores atuantes de língua japonesa.....	86
3.2.4.6 Publicação e aprovação do governo brasileiro	88
Capítulo 4. A formação da política editorial de <i>Nippongo</i>.....	90
4.1 LDs utilizados para o ensino de língua japonesa no Brasil.....	90
4.1.1 A mudança no sistema de aprovação de LD e na ortografia da língua japonesa no Japão.....	91
4.1.2 As duas séries de LDs utilizados no Brasil no pós-segunda guerra	94
4.1.3 O modo de uso das duas séries dos LDs	95
4.1.4 As críticas a cada um dos LDs	97
4.1.5 Crítica comum aos LDs, <i>Sakura</i> e <i>Yanagita</i>	100
4.2 As ideias para LD a ser elaborado	105
4.2.1 As ideias de Ando	105
4.2.2 As ideias apresentadas por Okazaki	111
4.2.3 As ideias de Takemoto	113
4.2.4 As ideias de Furuno	115
4.2.5 As opiniões de professores que serviram como referência para a edição do LD.....	115
4.2.6 Resumo	119
4.3 Detalhes da política editorial da CPLD no momento da publicação do <i>Nippongo</i>	121
4.4 Diferença entre a concepção e a execução do LD	126
4.4.1 Objetivos do ensino de língua japonesa: habilidades linguísticas a serem desenvolvidas e a quantidade de <i>kanji</i>	126

4.4.2 Objetivo da elaboração do LD	128
4.4.3 Fonte de materiais, processo de escolha e conteúdo dos textos ..	129
4.4.4 Empréstimos lexicais do português	132
4.4.5 Ordem de introdução dos <i>kanas</i>	135
4.4.6 Outros pontos a serem considerados	136
4.4.7 Resumo	137
Capítulo 5. Considerações finais	140
Referência Bibliográfica	144
ANEXO	157

Capítulo 1. Introdução

1.1 Sobre a escolha do tema de pesquisa

A pesquisadora iniciou seus estudos sobre a série do livro didático (doravante LD) *Nippongo*, interessada pelo tema ‘línguas em contato’, visto que a referida série fazia o uso de empréstimos lexicais do português, na ocasião em que se fez a investigação para a elaboração de monografia de conclusão do curso de *Especialização em Ensino e Aprendizagem de Língua Japonesa como Língua Estrangeira*, entre 2011 e 2013. Ao estudar as pesquisas já realizadas até então e buscar artigos de jornais nipo-brasileiros, foi possível perceber que havia uma lacuna a ser preenchida para compreender o contexto de elaboração do material didático. A nossa pesquisa foi feita levando-se em conta os parâmetros da historiografia da linguística que vamos discutir no capítulo da metodologia de pesquisa.

Dois pontos chamaram a atenção da pesquisadora: o primeiro é a constatação de que as pesquisas realizadas até então conduzem ao entendimento de que havia uma forte ligação do pesquisador Zenpati Ando¹ com o trabalho editorial do *Nippongo*, embora isso pareça não ter acontecido de acordo com os estudos realizados por nós. Um segundo aspecto se relaciona com divergências das pesquisas de Mori (2009) e Suenaga (2005), que dizem ter sido formada uma comissão editorial do referido LD graças ao

1 Zenpati Ando (1900 – 1983). Nascido em Hiroshima, veio ao Brasil após se formar na primeira turma do curso de Português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio. Atuou em várias profissões, tais como inspetor na transferência dos imigrantes, jornalista e editor em jornal nipo-brasileiro (Santo, 2009)

auxílio financeiro recebido por Kimio Moriya, presidente de uma editora japonesa *Teikoku-Shoin*, que veio ao Brasil em maio de 1959. Entretanto, pela investigação realizada pela pesquisadora nos jornais nipo-brasileiros, não foram encontrados artigos que mencionassem a vinda de Moriya, nem antes, nem depois de maio de 1959.

Na monografia apresentada ao curso de especialização, foram coletadas divergências entre as sugestões de Ando quanto à elaboração do LD com a política editorial apresentada pelo grupo editorial do *Nippongo*. Para esta dissertação, pesquisamos opiniões de outros participantes e observamos o contexto em que foi elaborado o material didático.

1.2 Pesquisas precedentes

No levantamento feito por nós, encontramos pesquisas de Mori (2004, 2009), Moriwaki et al (2010), Suenaga (2005), Furusugi (2005), Santô (2009) e Ishimine (2008, 2010). A seguir, apresentaremos resumidamente os pontos que cada uma dessas pesquisas discute acerca do assunto em questão.

Entre 2004 e 2009, Mori investigou a sequência de eventos que envolveu a publicação do LD *Nippongo*. O pesquisador utilizou fontes como o folheto *O nissei e o problema da língua japonesa* (1958) [*Nissei to nippongo mondai*] de Zenpati Ando, o panfleto da Comissão de Publicação do Livro Didático da Língua Japonesa (1959) [*Nihongo Kyôkasho Kankô linkai*, doravante CPLD] e a revista comemorativa da Federação das Escolas de Ensino de Japonês no Brasil [*Hakkoku Kônin Nichigo Gakkô Rengô-kai*, doravante *Nichigakuren*] que se chama de *Ikusanga* (1966). Escreve Mori (2004, p.151), "Os princípios básicos na publicação do livro didático estão

fundamentados no modelo de transmissão de cultura, tendo recebido forte influência de Ando". Além disso, o autor sugere que o ensino de língua japonesa que fazia uso do livro *Nippongo* defendia o uso do *koroniago*, pelo fato de essa ação fazer parte de um movimento de formação de uma identidade étnica pelos integrantes da colônia em que se objetivava a construção do pensamento de que os *nisseis* eram brasileiros *nikkeis* (MORI, 2009, p.94). Já as duas investigações relacionadas ao *Nippongo* em *História de cem anos de imigração japonesa no Brasil: vida e cultura* (2010), de autoria de Moriwaki et al, estão em consonância como as pesquisas de Mori, já que ele também participou da mesma pesquisa.

No que se refere à pesquisa de Suenaga (2005), esta apresenta uma visão geral das transformações ocorridas nos materiais didáticos de língua japonesa no Brasil. A investigação se concentrou na descrição do contexto histórico, nas particularidades que envolveram a elaboração e o conteúdo dos seguintes LDs: *Nihongo Tokuhon* (1937), *Nippongo* (1960) e *Nippongo Kaiwa* (1979). Como fonte de documentos históricos, além dos utilizados por Mori, fez o uso também de jornais e revistas nipo-brasileiras publicadas na época para descrição do contexto histórico no momento da publicação dos materiais e da política editorial do *Nippongo*, em especial o que tratava do uso do *koroniago*. Segundo a pesquisa de Suenaga, tal como constatado por Mori, a visão de ensino de língua japonesa de Ando exerceu uma grande influência no ensino na colônia. Atestou também que o objetivo de ensino do *Nippongo* consistia na formação do *nikkei* e de que "um dos objetivos do ensino de língua japonesa [com *Nippongo*] consistia em ensinar o *koroniago* aos filhos". Em relação à análise do conteúdo, Suenaga focou em três elementos: tópicos dos textos,

conteúdo do ponto de vista linguístico e o uso do *koroniago*. Como uma de suas reflexões, Suenaga se posiciona defendendo que o *Nippongo* foi um LD fruto de um período de transformação de um ensino de língua herança rumo a um ensino de língua estrangeira.

Furusugi (2005) também investigou a transformação dos LDs de ensino de japonês no Brasil, trabalhando os propósitos da elaboração do *Nippongo* e o percurso do processo de edição. A referência utilizada para sua pesquisa não é clara, mas há a menção do uso da revista *Ikusanga*, tal como usada em Mori (2004).

Há ainda o estudo de Santô (2009) que investiga a sociedade *nikkei* do Brasil e o ponto de vista da língua japonesa. Critica a doutrinação da formação espiritual no ensino de língua japonesa da época e avalia positivamente a postura prática de Ando e sua visão em relação ao ensino. Afirma também a influência do posicionamento de Ando na edição do *Nippongo* assim como os pesquisadores Mori e Suenaga.

Como pode ser observado, trata-se de pesquisas que analisam o *Nippongo* por uma perspectiva macro, trabalhando o ensino de língua japonesa no Brasil e a história do livro didático.

Além disso, há duas investigações de Ishimine sobre o *Nippongo*. Em pesquisa realizada em 2010, Ishimine aplicou uma enquete a ex-aprendizes de língua japonesa confirmando que até a década de 80, o *Nippongo* era o principal LD usado no ensino de japonês no Brasil. E em sua investigação de 2008, analisou o mesmo livro sob um ponto de vista linguístico, investigando as categorias gramaticais, bem como os fonemas do *koroniago* em uso.

1.3 Objetivo

Observando-se as pesquisas prévias, nota-se que há ainda um campo vasto a ser explorado em relação ao LD *Nippongo*. Sendo assim, há dois pontos que esta pesquisa pretende investigar, que virá a complementar as pesquisas já existentes:

1. A conjuntura histórico-social da época que envolve o surgimento do livro *Nippongo*, desde o nascimento do movimento em prol da elaboração de um LD na colônia, passando pelo estabelecimento da comissão editorial e pelo processo de edição, até o momento de sua publicação.
2. O processo de formação da política editorial apresentado pela comissão editorial, comparando-o com as sugestões apontadas por personalidades envolvidas no ensino de japonês, momento antes da edição do *Nippongo*.

No primeiro objetivo pretende-se traçar um panorama histórico-social do Brasil, do Japão e da sociedade *nikkei* na época referente à elaboração e à publicação do livro. Diferentemente de outras pesquisas existentes, que se fundamentaram principalmente na análise de dados documentais de fontes secundárias, como Ikusanga, que consistem na reprodução de textos publicados anteriormente, este trabalho terá como base central a análise detalhada das fontes primárias, tais como os jornais e revistas publicados na época.

O segundo objetivo, por sua vez, analisará o processo de formação e o conteúdo da política editorial do *Nippongo*. As pesquisas prévias apresentam

em seus resultados uma forte influência dos pensamentos de Ando na elaboração do livro, porém, nesta pesquisa, pretende-se examinar adicionalmente as opiniões e sugestões de outras personalidades da área que também podem ter influenciado esse processo. Para tanto, serão analisados o plano editorial da CPLD concomitantemente aos pensamentos que estavam em voga na colônia, na época, no que tange à visão de ensino de língua japonesa e ao LD.

1.4 Justificativa

O LD é um objeto concreto que representa uma política de ensino de um dado lugar em um dado momento da história de um povo. Com o LD *Nippongo* também não foi diferente. Os japoneses que o editaram levaram em conta o objetivo do ensino de língua japonesa para os seus descendentes nisseis, a diretriz educacional e discutiram os conteúdos a serem trabalhados. Assim sendo, com a análise da política editorial e o contexto de produção dos livros didáticos da colônia *nikkei* da época, podemos compreender a visão que se tinha sobre o ensino de língua japonesa e mapear os fatores que operaram para a materialização do LD.

Nesse sentido, acreditamos que há dois aspectos primordiais a ressaltar na presente dissertação: um se refere à contribuição que o presente trabalho dará para compreender o ensino de língua japonesa no Brasil aos descendentes, já que certamente a realidade do ensino hoje é muito diferente. Contudo, não podemos deixar de afirmar que há influências da época da elaboração que ainda hoje permanecem no ensino de japonês. Isso se deve ao fato de que o *Nippongo*, mesmo sendo produzido em 1961, foi utilizado até a

década de 1980 pelos professores de japonês e foi amplamente utilizado pelos estudantes. Assim muitos descendentes que estão na geração de 40 a 60 anos hoje passaram pelo *Nippongo* na sua fase de aquisição e/ou aprendizagem de japonês. E essa experiência se estende aos professores de japonês em exercício na atualidade, com implicações na formação de suas crenças e valores, na forma como estes os influenciaram ao ensinarem a língua nipônica aos aprendizes.

O segundo aspecto que destacamos é o que podemos deixar de sugestão à área de ensino de língua de herança no âmbito de ensino de uma língua sem o contexto direto da língua alvo. Nesse mundo globalizado, há muitas crianças que vivem em países que não são os mesmos dos seus pais. Para eles que vivem entre duas línguas, por exemplo, a japonesa e portuguesa que não são “genuinamente” nativas, os estudos a respeito dessa produção de material podem servir de importante dado empírico para compreender a situação de aquisição e aprendizagem de línguas e oferecer novas reflexões para o aporte teórico. Por exemplo, a análise da relação entre contexto histórico-sócial e a política editorial de LD da nossa pesquisa pode ser uma referência para a escolha ou confecção de LD que se destine ao ensino/aprendizagem de línguas de herança, além do japonês, em vários lugares do mundo. Ou seja, esperamos que a nossa pesquisa extraia lições para o sucesso de ensino de línguas de herança.

1.5 Estrutura da dissertação

A dissertação consiste em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, faremos uma breve introdução para o trabalho.

No segundo, explicaremos a metodologia de pesquisa e apresentaremos as fontes que utilizaremos na pesquisa.

No terceiro, relataremos contexto histórico e social da época em que o movimento de criação de LDs surgiu e os acontecimentos que ocorreram no processo de edição dos LDs.

No quarto, apresentaremos, de acordo com a seguinte ordem:

- 1) os problemas dos LDs antes de elaboração própria conforme eram percebidos por imigrantes,
- 2) as ideias para LD a ser elaborado,
- 3) a política editorial explicada pela CPLD,
- 4) a comparação e a análise de diferença entre a concepção e a execução do LD.

No quinto, faremos as considerações finais, relacionando o contexto e o conteúdo da política editorial dos LDs.

Capítulo 2. Metodologia

O presente trabalho utiliza uma parte da metodologia de Historiografia da Linguística. Esta não toma por objeto apenas a língua por si e seus fenômenos como método tradicional, mas o que foi dito e produzido em contextos sociais e históricos (BATISTA, 2013). Conforme Altman define (2012), a Historiografia da Linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das novas ideias linguísticas². Considerando esse objeto, esta pesquisa está embasada parcialmente na Historiografia da Linguística, uma vez que ela tem como objetivo investigar a formação das ideias de imigrantes japoneses sobre o ensino de língua japonesa no Brasil que surgiram como o LD *Nippongo* – ou seja, o processo de produção das novas ideias linguísticas.

O objetivo da Historiografia da Linguística também pode ser explicado a partir de uma perspectiva dicotômica – o contexto e o conteúdo. Como Swiggers (1990) ³ explica, o conteúdo do conhecimento linguístico e o seu

² Trecho original: “a historiografia linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidade e descontinuidade, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento.”

³ Trecho original : “Swiggers (1990) questiona, pois, com razão, o fato de as historiografias linguísticas mais recentes terem se dividido entre duas orientações aparentemente opostas – umas focalizam quase que somente o conteúdo do conhecimento linguístico, e outras privilegiam o contexto em que este conhecimento se produziu. Embora requeiram procedimentos metodológicos diferentes – historiografias do primeiro tipo operam sobre as dimensões “internas” das teorias linguísticas, enquanto as do segundo tipo lidam com as teorias da perspectiva do contexto social, cultural ou político – conteúdo e contexto estão

contexto de sua produção estão inevitavelmente ligados (apud ALTMAN, 2012). O foco da nossa pesquisa é somente o contexto, uma vez que não tem por objetivo ver o conteúdo do *Nippongo*, mas a influência do contexto na formação da política editorial.

Além disso, nossa metodologia emprega a perspectiva da Historiografia, que não julga o presente como melhor que o passado (BATISTA, 2013). Dessa maneira, quanto ao *Nippongo*, não podemos dizer que a referida série de LD fosse a mais adequada para o ensino de língua japonesa naquela época, mas que foi produto do contexto em que estava circunscrito.

A seguir, veremos fatores importantes na pesquisa da Historiografia, a saber, periodização desta pesquisa, parâmetro da análise, e as fontes.

2.2 Periodização da Pesquisa

O período investigado nesta pesquisa implica os anos de 1956 a 1961. As razões de escolha desse período são as seguintes:

a) Em junho de 1956, aconteceu a primeira Reunião de Ensino de Língua Japonesa (*Nichigo Kyôiku Kaigi*, doravante RELJ), em São Paulo. A partir desta reunião, muitos imigrantes começaram discussões fervorosas nos jornais sobre os problemas de ensino de língua japonesa e a necessidade de que os LDs fossem elaborados pelos próprios imigrantes. Sendo assim, a referida data será o período inicial desta investigação.

b) A elaboração do *Nippongo* pela CPLD iniciou-se em 1959, e a publicação dos primeiros oito volumes, foco de nossa pesquisa, ocorreu em

inevitavelmente ligados, embora nossa maneira de percebê-los possa, às vezes, sugerir o contrário.” (1990 apud SWIGGERS; ALTMAN, 2012, P.23)

abril de 1961. Uma vez que focaremos o contexto, o processo de elaboração e a formação de política editorial dos LDs, este ano da publicação representará o período final desta pesquisa.

Por essas razões, investigaremos especialmente os artigos de jornais nipo-brasileiros publicados nesses cinco anos (1956 a 1961). Porém, utilizaremos também outras fontes primárias como revistas e boletins datados antes e depois de 1956 a 1961. Detalharemos sobre isso ainda neste capítulo.

2.3 Parâmetros da análise

Batista (2013, p.74) define parâmetros externos como “relativos ao contexto de produção de determinada obra ou trabalho”. E parâmetros internos como “relativos ao conteúdo que trata de descrição e explicação de fenômenos linguísticos”. Nesta pesquisa, utilizamos somente parâmetros externos, que podem ser considerados como “o contexto geral de elaboração de LDs *Nippongo*”. Mais concretamente, o contexto histórico do Brasil, do Japão e da colônia japonesa no Brasil no período que envolve a elaboração do LD, bem como a série de eventos relacionados a esse processo.

2.4 Materiais

Nossa pesquisa baseia-se em uma busca ampla nas fontes publicadas naquela época e no exame delas sob os aspectos do contexto e objetivos de publicação, assim como considerar a opinião publicada de seus leitores. Levando em conta as várias definições⁴ que abrangem os conceitos de fontes

⁴ De acordo com MARTINS (2005, p.310), que explica essa divisão na área de História da Ciência, fontes primárias consistem no “material da época estudada escrito pelos

primárias e secundárias, determinamos os seguintes pontos: 1) as fontes primárias nesta pesquisa se constituirão dos materiais publicados no período que compreende o foco de investigação; e 2) as fontes secundárias, nos materiais produzidos depois desse período investigado, como reprodução ou interpretação de fontes primárias.

Ressaltamos que todas as fontes desta pesquisa, exceto *Revista Aliança Cultural Brasil–Japão*, são escritas em japonês. Apresentaremos os materiais utilizados neste trabalho, classificando as suas fontes primárias e secundárias.

2.4.1 As fontes primárias

As fontes primárias desta pesquisa são classificadas em quatro tipos, a saber: 1) a série de LDs *Nippongo*, 2) os jornais nipo-brasileiros, 3) as revistas de publicação periódica, e 4) as documentações publicadas uma única vez.

Para escolher as fontes, tentamos utilizar fontes consideradas marginais também, procurando aquilo que ficou sem destaque na história reconhecida⁵,

pesquisadores estudados”; e as fontes secundárias como “estudos historiográficos e obras de apoio a respeito do período e dos autores investigados”. Nos sites de universidades nos Estados Unidos podemos verificar cada explicação sobre esses assuntos, o exemplo da Princeton University Library que define a fonte primária como “um documento ou objeto físico que era escrito ou criado durante o tempo da pesquisa” e a fonte secundária como “(que) interprete e analise fontes primárias” (tradução nossa). De acordo com site de *National Diet Library Japan*, “*Historical documents in which all three conditions (i.e., they were written by persons at specific times and places) are designated "primary historical materials", and those which do not are considered "secondary historical materials"*”.

<http://www.ndl.go.jp/modern/e/guidance/whats01.html> Acesso em:10/09/2016

⁵ “Essa seleção de fontes deve encaminhar o historiógrafo para reflexões sobre: a) o papel dos materiais tradicionalmente reconhecidos por uma história oficial; b) o perigo da seleção de fontes que possam realçar a figura do “herói”; c) a procura por fontes consideradas marginais,

pois, “o historiógrafo deve evitar [...] a preposição de ressaltar indivíduos como “heróis”, já que todo conhecimento e toda colaboração de um sujeito inserem-se num contexto social mais amplo e complexo” (BATISTA, 2013, p.54).

A seguir, explicaremos detalhadamente cada uma dessas fontes.

A. A série de LDs *Nippongo*

As considerações acerca desta série de livros serão baseadas tanto nas explicações apresentadas pela CPLD em “O Sumário de Edição do LD da Língua Japonesa” (CPLD & ACBJ, 1961), quanto na análise do próprio LD. Para nossa pesquisa, que abrange apenas análise da política editorial dos LDs, verificamos seu formato e seu conteúdo.

< Formato do LD >

- Capa (foto em anexo)
- Tamanho = 210mm×148mm (A5 - tamanho igual a de um LD oriundo do Japão da época)
- Volume = oito volumes de nível elementar, para aprendizagem em quatro anos. Cada volume foi feito para ser usado por seis meses.
- Quantidade de páginas de texto = o primeiro volume possui oitenta páginas. Cada volume subsequente tem o seu número de páginas aumentado, sendo que o oitavo possui 135 páginas.
- Aprendizagem de caracteres = *katakana* no primeiro volume e *hiragana* no

em busca de uma reconstrução mais fidedigna possível dos eventos da História, lembrando-se de que o que ficou sem destaque na história reconhecida como a oficial pode ser relevante, pois o que se calou, uma não história, pode colocar-se também como ponto de observação.” (BATISTA, 2013, P78)

segundo volume. A aprendizagem de *kanji* começa desde o primeiro volume e continua nos volumes seguintes.

- Impressão em cores.

< Conteúdo >

Seguem abaixo a estrutura geral dos volumes e a distribuição de páginas do volume 2 de cada parte que compõe livro a título de exemplo.

Quadro 1: Estrutura do LD *Nippongo* (volume 2)

Conteúdo	Detalhes	Quantidade de páginas
Capa		1
Folha de guarda		1
Índice		1
Corpo do livro	Textos	76
Tabela de fonograma	Tabela de <i>hiragana</i>	2
Vocabulário	Tabela de vocábulos novos	4
<i>Kanji</i> novos	Tabela de <i>kanji</i> novos	1
Aos pais e professores	Objetivo de cada lição e linha de orientação	2
Colofão		1

Esta estrutura segue a dos LDs para ensino de língua japonesa como língua materna oriundos do Japão, tal como apontado por Suenaga (2005). Quanto ao corpo do livro, a maior parte é composta por textos para leitura, como narrativas, textos informativos, cartas etc. Poucas páginas são dedicadas para explicações de caracteres, vocabulários e gramática, sendo que inexistem exercícios encontrados geralmente nos LDs modernos. Os novos caracteres

que aparecem no texto ficam destacados na porção superior de cada página, em fonte pequena, sem explicação de sua pronúncia, nem de sua ordem de escrita⁶. Uma vez que toda série do *Nippongo* é escrita em língua japonesa⁷ e sem explicação em português, a aprendizagem autônoma para os iniciantes é uma tarefa extremamente difícil. Ou seja, é preciso certo conhecimento prévio da língua japonesa ou apoio de professores para a aprendizagem com o *Nippongo*.

< Período em que o *Nippongo* foi usado como LD >

De acordo com *Ikusanga* (1966), o resultado de um levantamento realizado em 1963 sobre a situação do ensino de língua japonesa dos descendentes japoneses do Brasil apresenta que o *Nippongo* era utilizado em 89% das escolas pesquisadas no Brasil (em 218 escolas do total de 245). Dessa forma, é possível notar-se que a série foi difundida em um curto espaço de tempo. Para averiguar a situação de duas décadas depois, Suenaga (2005) cita uma pesquisa feita em 1983. O resultado apresentado foi de que dentre as 352 escolas pesquisadas por todo o Brasil, 47.44 % das escolas ainda usavam o *Nippongo* (Aliança Cultural Brasil-Japão, Fundação Japão e Agência de Cooperação Internacional do Japão, 1983, apud SUENAGA, 2005). Isso significa que até na década de 80, o *Nippongo* era usado em quase metade de escolas japonesas. Entretanto, de acordo com uma pesquisa realizada por Ishimine (2010), o *Nippongo* não é mais utilizado após a década de 1990. No momento atual, em 2016, esta série não é mais publicada, uma vez que não

⁶ Para se escrever *kanji*, é necessário aprender a ordem sequencial dos traços.

⁷ A única exceção é a tabela de vocabulário novo, na qual aparecem os empréstimos lexicais do português. Porém, a quantidade desses é muito pequena. ex. 麦 (milho).

consta na lista de materiais do site do Centro Brasileiro de Língua Japonesa⁸, que é uma entidade civil sem fins lucrativos e exerce uma função importante no ensino de língua japonesa no Brasil, como o oferecimento de curso para a formação de professores e a divulgação de materiais didáticos.

B. Jornais em língua japonesa no Brasil

Neste trabalho utilizamos uma expressiva quantidade de artigos de jornais, portanto, apresentaremos a pertinência do seu uso, os tipos de artigos e as suas características. A partir daqui, nesta pesquisa utilizaremos a expressão “jornais nipo-brasileiros” para designar três jornais que foram utilizadas como fontes de pesquisa.

A pertinência do uso de jornais nipo-brasileiros para esta pesquisa

Os jornais em língua japonesa publicados no Brasil eram meios de comunicação de massa que influenciavam a vida dos imigrantes, principalmente os isseis⁹ (FUKASAWA, 2010), pois, nessa época, o transporte aéreo de jornais e revistas japonesas, rádio e TV ainda não eram comuns, sendo os jornais a única fonte de informação em língua japonesa para que os

⁸ Centro Brasileiro de Língua Japonesa é uma entidade civil sem fins lucrativos e exerce uma função importante no ensino de língua japonesa no Brasil no momento atual, pelo treino de professores e venda de materiais didáticos. <http://www.cblj.org.br/ja/> Acesso em : 28/03/2016.

⁹ Fukasawa explica que, de acordo com uma a investigação sobre a condição dos imigrantes japoneses no Brasil no cinquentenário da imigração em 1964, “60.4 % de imigrantes liam jornais nipo-brasileiros [...] (esses jornais) os influenciavam bastante (tradução nossa)”. Além disso, ele acrescenta que “Ao focar na geração da faixa etária acima de 40 anos, que é a mais importante economicamente, 64.3% liam os jornais e que por intermédio desse grupo, estendia-se a influência desses jornais às gerações mais novas”.

isseis pudessem se atualizar sobre os acontecimentos na colônia japonesa, no Brasil e no Japão (80 ANOS, 1991). Os jornais nipo-brasileiros não somente eram meios de comunicação, como também ofereciam espaços para que formadores de opinião da colônia japonesa expressassem seus pontos de vista. Além disso, os imigrantes em geral tinham como se manifestar nas colunas reservadas aos leitores. Dessa forma, os formadores de opinião e os imigrantes em geral da colônia discutiam na mesma mesa – nos jornais nipo-brasileiros – e foi dessa maneira que o consenso foi se formando (FUKASAWA, 2010). Por conseguinte, os jornais nipo-brasileiros exerceram uma enorme influência sobre os eventos e os projetos da colônia japonesa no Brasil, após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Esses jornais informavam projetos de eventos e os imigrantes discutiam-nos e examinavam-nos. Uma vez formado o consenso, decidiam o que iriam fazer (ibidem).

Destacamos também mais três observações sobre a pertinência da pesquisa por meio de jornais. Em primeiro lugar, essas fontes possibilitam esclarecer os acontecimentos na colônia japonesa e os fatos envolvidos no processo de elaboração do *Nippongo*. Em segundo lugar, proporciona o acesso às opiniões de pessoas de destaque na colônia, como por exemplo, aquelas que trabalharam e contribuíram, de alguma forma, na elaboração do *Nippongo*. E em terceiro lugar, viabilizam conhecer o pensamento dos imigrantes da época, pois analisamos a visão dos líderes e também dos imigrantes comuns.

Classificação de artigos

Os artigos de jornais utilizados na pesquisa podem ser classificados nas seguintes categorias.

- i. Notícias sobre fatos e acontecimentos da colônia japonesa e da

elaboração de *Nippongo*

- ii. Sugestões e opiniões de figuras importantes da colônia a respeito do LD
- iii. Explicação sobre o *Nippongo* pela CPLD
- iv. Opiniões de leitores
- v. Opiniões dos jornais (editorial)
- vi. Coberturas jornalísticas sobre o ensino de língua japonesa e LDs

Jornais pesquisados

Pesquisamos três jornais nipo-brasileiros da época – *Paulista Shimbun*, *São Paulo Shimbun* e *Nippaku Mainichi Shimbun*, pois são os mais representativos entre os jornais nipo-brasileiros da época (FUKASAWA, 2010; 80 ANOS, 1991; FUJII, 1969).

Leitores de jornais

Os leitores desses jornais são os isseis, como antes mencionado.

Período de coleta de artigos de jornais

Quadro 2: Período de coleta dos artigos de jornais

Jornal	Período	Localização do arquivo
<i>Paulista Shimbun</i>	Jan./1956 – Dez./1964	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
<i>São Paulo Shimbun</i>	Jul./1956 - Jun./1961	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
<i>Nippaku Mainichi Shimbun</i>	Mai./1956 - Jun./1961	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Os jornais arquivados, em forma de papel ou microfilme, foram consultados no Museu Histórico da imigração Japonesa no Brasil, no bairro da Liberdade, em São Paulo. Todos os jornais levantados na Tabela 2-1 disponibilizados no referido local foram investigados, mas não se pode negar que há a possibilidade de que, apesar do enorme acervo, faltem algumas edições da época. Foram fotografados todos os artigos que tratavam de assuntos relacionados à nossa pesquisa, sendo a coleta realizada entre junho de 2012 até abril de 2015, perfazendo um total de doze visitas ao museu.

Período investigado e características dos jornais

B-1 O *Paulista Shimbun*

< Período investigado >

Janeiro de 1956 – dezembro de 1964.

Os artigos de 1956 até 1964 foram consultados, ainda no começo desta pesquisa, durante o curso de *Especialização em Ensino e Aprendizagem de Língua Japonesa como Língua Estrangeira* da USP. Apesar do livro *Nippongo* ter sido publicado em 1961, foram consultados os artigos até o ano de 1964, pois de acordo com Suenaga (2005), as edições dos jornais posteriores a 1961 ainda continham matérias sobre a política editorial da CPLD.

< Características do jornal >

O *Paulista Shimbun* foi publicado primeiramente em 1947 e, desde o início, manteve a posição de aceitar a derrota do Japão na Segunda Guerra

Mundial¹⁰ (FUKASAWA, 2010). De acordo com Fujii¹¹(1969 apud FUKASAWA, 2010), os leitores do jornal constituíam uma classe instruída. Conforme Fukawasa (2010), a tiragem do *Paulista Shimbun*, por volta do ano de 1959, teria sido de 18.000 exemplares¹².

Pelas consultas realizadas em cada volume deste jornal, percebemos que este constantemente tratava de assuntos relacionados ao ensino de língua japonesa e à elaboração de LDs. O editorial se dispunha a discutir esses assuntos com frequência e despertava deste modo o interesse dos *isseis* sobre o futuro de *nisseis*. Além disso, conforme menciona Fujii (1969) “o *Paulista Shimbun* contribuiu bastante para elevar os ânimos dos jornalistas, depois da guerra (tradução nossa)”, devido a sua posição neutra e a não conformidade com um único ponto de vista, estimulando as discussões entre os seus leitores.

B-2 O Jornal São Paulo Shimbun

< Período investigado >

Julho de 1956 - junho de 1961.

Não foram encontradas edições da primeira metade do ano de 1956. Dessa maneira, o período investigado inicia-se pela edição de julho de 1956 quando ocorreu a cobertura da primeira reunião que discutiu a elaboração do

¹⁰ Logo depois do fim da Segunda Guerra, no Brasil houve conflitos entre os imigrantes japoneses que acreditavam na vitória do Japão com os que admitiam sua derrota. Mais detalhes, no capítulo 3.

¹¹ Fujii era chefe de Departamento de Assuntos Gerais do Jornal *São Paulo Shimbun* e depois se tornou Secretária-Geral do *Bunkyo*.

¹² Dado obtido na entrevista realizada com Mitsuo Nakano (ex-Vice Presidente do *Paulista Shimbun*) por Fukasawa. O número anunciado publicamente era de 23000 tiragens, mas sabe-se que era uma prática comum dos jornais da época em anunciar um número maior que o real.

Nippongo.

< Características do jornal >

Este jornal foi publicado primeiramente em 1946. De acordo com Fujii (1969 apud FUKASAWA, 2010), apesar de o jornal ter o conhecimento sobre a derrota do Japão na guerra, com a finalidade de conquistar a simpatia dos leitores, na maioria da classe popular, que acreditavam na vitória do arquipélago, não se enfatizava a realidade dos fatos, da derrota. Quanto à tiragem, declarava-se publicamente que era 23.000, mas não se sabe ao certo a verdadeira quantidade. Fujii (1969) relata que os jornais *São Paulo Shimbun* e *Paulista Shimbun* “competiam intensamente entre si (tradução nossa)”. Portanto, especula-se que anunciavam uma quantidade semelhante ao do *Paulista Shimbun* de forma proposital.

Foi possível perceber que não havia muitos artigos que cobriam o assunto do LD no período inicial do movimento pela elaboração do *Nippongo*, porém após a inauguração da CPLD, há um aumento gradativo de matérias relacionadas ao assunto.

B-3 O *Nippaku Mainichi Shimbun*

< Período investigado >

Janeiro de 1956 até junho de 1961.

< Características do jornal >

Este jornal foi publicado primeiramente em 1949. Foi criado por ex-jornalistas do *Paulista Shimbun*. Comparado aos dois jornais supracitados, é um jornal de menor porte, sem editorial. Por volta do ano de 1959, sua tiragem teria sido de 2.000 a 3.000 (FUKASAWA, 2010).

A posição deste jornal sobre os assuntos relacionados ao ensino de língua japonesa e à elaboração de LDs parece neutra. A frequência com que se aborda esses assuntos é menor que o *Paulista Shimbun*, porém maior que o *São Paulo Shimbun*.

C. Revistas (publicação periódica)

A fim de saber como a política editorial dos LDs foi formada, investigamos as revistas que, de alguma maneira, tinham relação com pessoas ou grupos envolvidos na edição do *Nippongo*.

C-1 Revista *Jidai*

- Publicação: grupo *Doyôkai* (formado por alguns membros da intelectualidade japonesa radicados no Brasil)
- Autores: membros do grupo *Doyôkai*
- Local de publicação: São Paulo
- Leitores: Principalmente os membros do grupo *Doyôkai*. Com o tempo, o público geral também começou a ler. Esta revista aborda a vida dos imigrantes com temas como: cultura, ciência, filosofia, literatura etc. Considerando-se a natureza desses conteúdos é que se supõe que os leitores constituíam a classe instruída.
- Período de publicação investigada: De 1947 até 1953 (volume 1 e volumes 3 a 15)
- A razão da escolha deste material: nesta revista, Zenpati Ando e outros membros discorrem intensamente sobre os problemas de educação de nisseis na época logo após a derrota na guerra.

C-2 Revista *Esperança*

- Redator: Zenpati Ando
- Autores: Ando e membros do Grupo Esperança
- Local de publicação: São Paulo
- Leitores: compostos majoritariamente por *nisseis*. Trata-se de uma publicação voltada aos nisseis com textos com pouco uso de *kanji*.
- Período de publicação investigado: de 1956 até 1958 (volumes 2 a 21).
- A razão da escolha deste material: o grupo Esperança promoveu a “Reunião de Ensino de Língua Japonesa” (RELJ), preparando o caminho para a elaboração do *Nippongo*, sendo possível verificar o pensamento do grupo e leitores da época. Esta revista tinha como público-alvo os leitores nisseis, e por isso, os assuntos dos textos são de caráter pedagógico para esses descendentes, tais como: literatura japonesa traduzida para o português, o modo de ser nissei, materiais educativos para aprendizagem de língua japonesa e os problemas atuais de um modo geral como ciência e sociedade.

C-3 Revista *Kaihô* (o título da revista depois muda para “**Colônia**”)

- Publicação: Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (doravante *Bunkyô*)
- Redação: Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (*Bunkyô*)
- Chefe de redação: Yoshio Takemoto
- Local de publicação: São Paulo

- Leitores: sócios da *Bunkyo*¹³, sendo esses formados por *isseis* que moravam no Estado de São Paulo.
- Período de publicação investigado: de 1956 até 1961 (31 volumes).
- A razão da escolha deste material: o *Bunkyo* é uma entidade que contribuiu para a elaboração do *Nippongo*. Como obtivemos poucas informações dos jornais sobre as atividades de elaboração dentro do período de 1958 e 1959, escolhemos esta revista.

C-4 Revista Aliança Cultural Brasil - Japão

- Publicação: Aliança Cultural Brasil - Japão (doravante ACBJ)
- Local de publicação: São Paulo
- Leitores: supõe-se que tenha sido divulgada para os membros da ACBJ. Já que a publicação desta revista é em língua portuguesa, é razoável ponderar que os leitores da época eram os *nisseis* e *sanseis*, e alguns *isseis* que sabiam ler português.
- Período de publicação investigado: exemplar no.1 (novembro–dezembro de 1959) e no. 16 (setembro–outubro de 1960)
- A razão da escolha deste material: a ACBJ contribuiu como gestora financeira para edição do *Nippongo*

C- 5 Revista *Kôya no Hoshi* (até o fim da segunda guerra, sob o nome de *Kôya*)

- Publicação: *Kôyasha* (Escola Gyôsei)

¹³ No primeiro volume está anunciado que “esta revista será distribuída de graça para os sócios” (BUNKYÔ, 1956)

- Chefe de redação: Yoshio Takemoto
- Local de publicação: São Paulo
- Leitores: por ser uma publicação de uma escola, é viável conjecturar que a maioria dos leitores eram pessoas interessadas em educação. Entretanto, ao considerarmos o anúncio no terceiro volume, em 1950, no qual se lê: *"gostaríamos de oferecer esta revista Kôya no Hoshi para toda família"* percebe-se que a divulgação fora realizada para o público geral.
- Período de publicação investigado: oito volumes de 1939 até 1955
- A razão da escolha deste material: O chefe de redação, Takemoto, foi membro da CPLD, tendo escrito um artigo sobre LDs nesta revista. Além disso, a maioria do conteúdo da revista é sobre a educação daquela época.

D. Publicações de volume único

D-1 Folheto *O nissei e o problema da língua japonesa* [*Nissei to Nippongo Monda*]

- Publicação: Zenpati Ando (por conta própria do autor)
- Autor: Zenpati Ando
- Local e data de publicação: São Paulo, em fevereiro de 1958.
- Leitores: desconhecido.
- Forma: Vinte e oito páginas, tamanho de B5
- A razão de escolha deste material: pesquisas prévias utilizaram essa publicação para analisarem os ideais de Ando sobre o ensino de japonês

- Conteúdo: os textos deste folheto são reproduções de artigos de jornais publicados anteriormente¹⁴.

Quadro 3: Títulos dos capítulos do folheto de Ando e suas primeiras publicações

capítulo	título	primeira publicação	
1	O ideal do ensino de língua japonesa	São Paulo Shimbun	2.10.1956
2	Imagem dos nisseis	Paulista Shimbun	23.1.1957 e 30.1.1957
3	Desejo pela alteração da lei que rege o ensino de língua estrangeira	Paulista Shimbun	7.6.1957 e 19.6.1957
4	A condição atual do ensino de língua japonesa e o objetivo da RELJ	Paulista Shimbun	16.10.1957
5	Sobre o objetivo e a linha editorial de livros didáticos de língua japonesa	Paulista Shimbun	22.1.1958

Segundo as informações obtidas no folheto, o objetivo da publicação consistiu em conquistar a cooperação por parte da colônia japonesa, a fim de propor a alteração da lei que regia o ensino de língua estrangeira e a elaboração de LDs. Ando almejava a tradução do folheto para a língua portuguesa e a divulgação para as autoridades brasileiras, como o prefeito e o comissário da polícia de São Paulo.

D-2 Documento “O Sumário de Edição do Livro Didático da Língua Japonesa” [*Nihongo Kyôkasho Henshû Tekiyô*]

- Publicação: CPLD (Comissão de Publicação do Livro Didático da Língua Japonesa , *Nihongo Kyôkasho Kankô linkai*) e ACBJ

¹⁴ As fontes originais (jornais) também foram consultadas.

- Autoria: CPLD (informação da autoria não consta no documento, mas pelo estilo de escrita, é provável que Takemoto, o porta-voz da CPLD, tenha escrito).
- Local e data de publicação: São Paulo, em maio de 1961.
- Leitores: pessoas relacionadas ao ensino de língua japonesa e pais isseis.
- Forma: Dezenove páginas, tamanho de B5, escrito à mão.
- A razão de escolha deste material: na pesquisa de Mori (2009) é mencionada a existência deste documento escrito pela CPLD. Trata-se de um documento que explica a política editorial do LD em 1959¹⁵.
- Índice do documento
 1. A necessidade do ensino de língua japonesa.
 2. A conclusão da edição dos oito volumes.
 3. A edição do LD de língua japonesa.
 - i. Até o início da edição
 - ii. O processo de edição
 4. A forma e o conteúdo
 - i. Forma do LD
 - ii. Ideias centrais do LD
 - iii. Conteúdo do LD
 5. Os problemas a serem resolvidos.
 - i. A edição corrigida
 - ii. Modelo de caligrafia

¹⁵ O documento de 1959 não foi encontrado, mas descobrimos este folheto publicado em 1961 no Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

- iii. Publicação de um guia de orientação aos professores
 - iv. Publicação de livro de consulta
 - v. LDs para aprendizes de níveis avançados
6. Um pedido aos imigrantes da colônia. (tradução nossa)

De acordo com um artigo do *São Paulo Shimbun* (23/05/1961), o objetivo da publicação desse folheto era o de “aprofundar a compreensão e o conhecimento em relação aos objetivos da elaboração e o conteúdo do LD de pessoas que trabalham com o ensino de língua japonesa, bem como dos pais (tradução nossa)”. Esse sumário foi confeccionado devido à falta de um guia de orientação destinado aos professores que poderiam fazer uso do *Nippongo*. Os textos desse documento foram reproduzidos em *Ikusanga* (1966), e podemos supor que tenham sido preparados como um documento oficial.

Quadro 4: Síntese das fontes primárias analisadas

	Título	Editora	Período	Localização de documento
revistas	Jidai	Doyôkai	1947 - 1953	Centro de Estudos Nipo-Brasileiro
	Esperança	Grupo Esperança	1956 - 1958	Centro de Estudos Nipo-Brasileiro
	Koya no Hoshi	Kôyasha	1939 - 1955	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
	Kaihô (Colônia)	A Sociedade Paulista de Cultura Japonesa	1956 - 1961	Biblioteca de Bunkyo, Biblioteca Suzuki Teiiti -USP
	Aliança Brasil-Japão	Aliança Cultural Brasil - Japão	1959	Biblioteca Suzuki Teiiti -USP
folheto	Nissei e o Problema da língua japonesa	ANDO, Zenpati	2.1958	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
	O Sumário de Edição do Livro Didático da Língua Japonesa	Comissão do Livro Didático da Língua Japonesa e Aliança Cultural Brasil- Japão	5.1961	Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

2.4.2 As fontes secundárias

As fontes secundárias são utilizadas para captar o contexto sócio-histórico que precede a edição do LD e para procurar fontes primárias que servirem para saber o seu processo de edição.

a. *Ikusanga - história do ensino de japonês no Brasil*

- Publicação: *Nichigakuren* [*Hakkoku Nihongo Gakkô Rengôkai*, Federação das Escolas da Língua Japonesa do Brasil, em português]
- Redator: *Nichigakuren*
- Local e data de publicação : São Paulo, em agosto de 1966.
- Leitores: supõe-se que tenha sido escrito para pessoas que tinham alguma relação com o ensino de língua japonesa
- Forma: 244 páginas
- A razão de escolha deste material: Os estudos anteriores como os de Mori (2009) e Suenaga (2005) citam esse documento.
- Conteúdo: relatório de atividades da *Nichigakuren*. Foi publicado no ano de 1966 e resume os acontecimentos relacionados à elaboração de *Nipppongo*, sob a visão de uma época posterior, com uma perspectiva diferente dos jornais publicados durante o período da elaboração. A maioria do conteúdo é uma reprodução de outras fontes e precisa ser classificada como fontes secundárias. Entretanto contém, excepcionalmente, um texto original que será utilizado como uma fonte primária – trata-se de um texto escrito por Kato, um membro integrante da CPLD, que descreve sobre sua carreira.

b. *Uma epopeia moderna - 80 anos da imigração japonesa no Brasil*

- Publicação: *Bunkyô*
- Autores: Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. (doravante 80 ANOS)
- Local e ano de publicação: São Paulo, 1991 (a versão em português foi publicado em 1992)
- Leitores: público geral
- A razão de escolha deste material: pesquisas prévias apontam este documento.

c. *Em direção ao amanhã: transmissão da língua e cultura japonesa*

(*Ashita e torikumu: nihongo to nihon bunka no densho*)

- Publicação: ACBJ
- Local e data de publicação: São Paulo, em agosto de 1979.
- Leitores: é suposto que o público-alvo seriam as pessoas envolvidas com a ACBJ
- Forma: 128 páginas
- A razão de escolha deste material: investigar informações sobre a editora do *Nippongo*, Chieko Kato, que tinha sido professora da ACBJ.
- Conteúdo: registro de um simpósio sobre o ensino de língua japonesa. Há relatos de Kato sobre a elaboração do *Nippongo*.

Capítulo 3. O contexto e o processo de edição dos livros didáticos

Neste capítulo pretende-se primeiramente desenhar o cenário que precede a edição do LD (3.1) e, num segundo momento, resumir a sequência de eventos que ocorreram durante o processo de sua edição (3.2).

3.1 O contexto histórico

No contexto do ensino de língua japonesa no Brasil, até 1950, era utilizado um LD proveniente do Japão e de uso para ensino de língua materna. Para que seja possível compreender como era esse cenário e a motivação que os imigrantes tiveram para a elaboração de um LD próprio, pretendemos traçar um breve histórico da imigração japonesa até a década de 1950, no que se refere à colônia japonesa, à situação histórico-social do Brasil, bem como do ensino de língua japonesa.

Para tanto, baseamo-nos em duas fontes bibliográficas: a publicação comemorativa *Uma epopeia moderna – 80 anos de imigração japonesa no Brasil* (1991, doravante *80 ANOS*) e o livro *História do ensino da língua japonesa no Brasil* (2008) de autoria de Reishi Moriwaki. Sendo assim, este capítulo será dividido nas seguintes seções citadas a seguir:

3.1.1 Contexto histórico do início da imigração japonesa até o fim da Segunda Guerra Mundial (1908 – 1945)

3.1.2 Contexto histórico no período pós-guerra (1945 – 1950)

3.1.3 Contexto histórico no período entre 1950-1960

3.1.4 Situação do ensino de língua japonesa entre 1945-1960

3.1.5 Problemas no ensino de língua japonesa na década de 1950 sob o ponto de vista do issei

3.1.1 Contexto histórico do início da imigração japonesa até o fim da Segunda Guerra Mundial (1908 – 1945)

Desde o início da imigração dos japoneses ao Brasil, em 1908, o ensino de japonês dos filhos ficou sob a responsabilidade dos próprios imigrantes. Após a abertura da escola primária Taisho na cidade de São Paulo, considerada a primeira escola de língua japonesa, outras escolas começaram a ser fundadas. Se em 1933, havia 187 escolas distribuídas nos estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, em 1938, esse número subiu para 476 (80 ANOS, 1991 apud MORIWAKI, 2008, p.230).

O período em que se verificou o maior aumento de escolas japonesas, entre 1930 a 1941, foi nomeado por Moriwaki (2008) como Período Áureo. Nessa época, o pensamento nacionalista em vigor no Japão foi transmitido e exaltado com a entrada da nova leva de japoneses que se juntaram aos imigrantes aqui residentes e pela interferência do governo japonês nas diretrizes educacionais por meio da agência *Bunkyo Fukyukai* (ibidem, p.237).

Em contrapartida, desde 1920, observava-se um crescimento do nacionalismo dentro do próprio Brasil, resultando na promoção de um clima de discriminação dos estrangeiros, incluindo-se os japoneses. A animosidade contra os imigrantes japoneses iniciou-se em 1923 com o primeiro movimento

antijaponeses e, após 1930, esse sentimento vai ganhando impulso com a política de expansão imperialista do Japão na Ásia (MORIWAKI et al., 2010, p.270; SAKURAI, 2007 ; NEGAWA, 2013a). Durante esse período, surgiram medidas que restringiram a entrada de novos imigrantes estrangeiros no Brasil. Assim, na Constituição brasileira de julho 1934, determinou-se que o Brasil só poderia receber, por ano, no máximo 2% do total de imigrantes de cada nacionalidade que entraram no país nos 50 anos anteriores. E a partir de 1941, quando o Brasil adotou uma postura de alinhamento aos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, a imigração dos japoneses no Brasil foi totalmente proibida.

Nesse contexto, o governo brasileiro aplicou também medidas restritivas ao ensino de línguas estrangeiras em geral. Em 1933, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo deliberou algumas leis, tais como:

1. A proibição do ensino de línguas estrangeiras aos menores de 10 anos.
2. A necessidade de o professor de língua estrangeira ter sido aprovado em exame reconhecido oficialmente pelo Brasil.
3. A necessidade de os LDs serem submetidos a uma avaliação prévia antes de serem liberados para uso.
4. A proibição do uso de LDs que pudessem prejudicar o cultivo do espírito brasileiro.

(80 ANOS, 1991, apud MORIWAKI, 2008, p.234)

Apesar de essas medidas terem causado dificuldades no ensino de japonês, remanesciam locais nos quais o ensino era realizado quando se era possível alinhar-se às medidas impostas (MORIWAKI et al., 2010, p.271). No

entanto, com a implantação do Estado Novo de Vargas em 1938, a escola de língua japonesa enfrenta numa situação muito complicada. Com a exaltação do espírito e a promoção do nacionalismo, é imposta uma política de assimilação desse sentimento aos estrangeiros (80 ANOS, 1991, apud MORIWAKI, 2008, p.233). E em dezembro de 1938 tornou-se oficialmente proibido o ensino de línguas estrangeiras, impossibilitando a continuidade do ensino de japonês. De acordo com a lei imposta, proibia-se o ensino de línguas estrangeiras a menores de 14 anos nas áreas rurais¹⁶; os professores deveriam possuir nacionalidade brasileira e havia a obrigatoriedade de que todos os LDs fossem escritos em português (MORIWAKI et al., 2010, p. 272). Como resultado, foram fechadas 294 escolas na cidade de São Paulo e 476 escolas em todo o território brasileiro (MORIWAKI et al., 2010 apud NEGAWA, 2013a, p. 64). Após esse período, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados e intensificou-se o controle sobre os imigrantes japoneses, impedindo-se a publicação de jornais escritos em japonês e restringindo-se o uso da língua japonesa na comunidade dos japoneses (80 ANOS, 1991) - período esse designado por Moriwaki como Período Vazio (MORIWAKI, 2008, p.246).

No que se refere aos objetivos do ensino de língua japonesa no Brasil, no período pré-guerra, Morikiwaki aponta dois: (1) o cultivo do espírito japonês e o desenvolvimento de uma competência linguística do japonês para que, no momento de retorno do cidadão ao Japão, não passasse por dificuldades e (2) a educação das crianças ao molde nipônico (ibidem, p.221).

¹⁶ De acordo com Negawa (2013a, p. 63), as autoridades consideravam todas as cidades, excetuando-se São Paulo e Santos, zonas rurais no estado de São Paulo, sendo que na época, a maioria das instituições de ensino aos *nikkeis* se encontrava nas áreas ditas rurais.

O primeiro objetivo refere-se ao plano dos imigrantes vindos no período pré-segunda guerra em acumular dinheiro no Brasil e retornar um dia ao Japão. O segundo está relacionado à situação social da época. Para Moriwaki, uma das razões do ensino ter vivenciado um período áureo no pré-guerra deve-se à entrada de imigrantes com nacionalismo exacerbado do Japão, como também ao movimento de resistência dos imigrantes frente ao abasileiramento promovido pelo governo brasileiro. Segundo o autor, esses dois motivos levaram ao fortalecimento da identidade japonesa. Em outras palavras, à medida que se fortalecia o sentimento nacionalista japonês entre os imigrantes, esses se voltavam ao ensino do japonês, e conseqüentemente, à formação do ser japonês (ibidem, p.238). Resumindo, podemos dizer que os objetivos do ensino de japonês no pré-guerra tinham tanto um elemento prático que visava à manutenção da língua e pensamento japonês para o momento do retorno dos imigrantes ao Japão, quanto um elemento psicológico de fortalecimento da identidade japonesa.

O conteúdo das aulas da época, segundo Morales (2009, p.40), seguia o modelo de ensino de língua materna em que a habilidade em leitura consistia no foco central, dando-se grande importância à escrita e leitura dos *kanji*.

3.1.2 Contexto histórico no período pós-guerra (1945 – 1950)

Em agosto de 1945, no contexto da Segunda Guerra Mundial, o Japão aceitou os termos de rendição incondicional. Reduzido às cinzas, o Japão foi submetido ao controle do Quartel General Supremo das Forças

Expedicionárias Aliadas (GHQ¹⁷), iniciando um caminho rumo à democracia. Cabe destacar que para os imigrantes aqui residentes, a derrota sofrida pelo país natal constituía algo difícil de ser aceito. Tanto que, após a guerra, houve uma cisão entre os próprios imigrantes. Os que não acreditavam na derrota do Japão foram conhecidos como integrantes do *kachigumi* (vitoristas), sendo que sua maior associação, a Shindo-Renmei (Liga do Caminho dos Súditos), era formada por mais de 100 mil membros. Sendo assim, sugere-se que a maioria dos imigrantes pertencia ao grupo *kachigumi* (NEGAWA, 2013a), em contraposição aos do grupo que acreditava na derrota do Japão, conhecido como *makegumi* (derrotistas).

Nesse ínterim, alastrou-se o conflito entre esses dois grupos, sendo registrados inclusive casos de assassinatos de membros do grupo *makegumi* pelos membros do *kachigumi*. Os distúrbios chegaram ao ponto de envolver violência com as autoridades brasileiras, resultando no prejuízo da reputação dos japoneses na sociedade brasileira, sendo que em 1946, foi quase aprovada uma lei que impediria a entrada de japoneses no Brasil (80 ANOS, 1991). Em 1947, os episódios de violência pareciam ter cessado, dando início a um período de paz dentro da sociedade *nikkei*, porém, ainda existiam certos conflitos psicológicos entre os dois grupos, de forma subliminar.

No que se refere à condição psicológica dos integrantes do *kachigumi*, Suwa (2010) afirma que esses “eram conscientes sobre a realidade da derrota,

¹⁷ GHQ é a abreviação de *General Headquarters of the Supreme Commander for the Allied Powers*. Seria o Supremo Comandante das Forças Aliadas que efetuou políticas de ocupação no Japão, após a rendição do país na Segunda Guerra Mundial (Britannica Japan Co.,Ltd., 2011)

mas por não quererem admitir o fato dentro de si, não perdoavam os membros do *makegumi* que bradavam em alto som a derrota do Japão”. Essa situação complexa do ponto de vista psicológico parece ter influenciado também o ensino de língua japonesa da época. Morales (2008) aponta um exemplo concreto dessa influência quando relata casos de perseguição sofridos pelos filhos de integrantes do *makegumi* pelos do *kachigumi*. Moriwaki (apud MORALES, 2008) também aponta o caso de 1949, quando foi distribuído às crianças da Escola Primária de Cotia, um LD no qual constava a derrota do Japão na guerra. A reação de muitos pais perante a isso foi a de retirar os filhos da escola sem nenhuma justificativa. Esses exemplos demonstram que, apesar de os membros do *kachigumi* não exteriorizarem o pensamento de vitória do Japão na guerra, eles ainda persistiam no ideal de superioridade do país.

Verificando-se a situação no Brasil desse período, é possível perceber o início de um abrandamento da política nacionalista. Em outubro de 1945 ocorre a queda do governo Vargas e em 1946 é promulgada uma nova Constituição. Como resultado, foi permitida a publicação de jornais escritos em japonês e realizada uma revisão das leis que regiam o ensino de língua estrangeira no país (80 ANOS, 1991).

3.1.3 Contexto histórico no período entre 1950-1960

Durante a década de 50, a realidade sobre a derrota do Japão na guerra ia sendo reconhecida gradativamente pelos imigrantes, e consequentemente, os distúrbios foram diminuindo na sociedade *nikkei*. Conforme Mori (2004), a sociedade *nikkei* da época “foi liberada do espírito

nacionalista que assolava o Brasil”, “sendo um período no qual ocorre a ativação da reorganização dessa sociedade”.

Em 1953, foi organizada uma comissão colaboradora da colônia japonesa para participar das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo. Após isso, mantendo-se a mesma estrutura dessa comissão, foi inaugurada a Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (*Bunkyo*) tendo como seu primeiro presidente, Kiyoshi Yamamoto. Visando às festividades do 50º aniversário da imigração japonesa foi também fundada uma comissão preparatória no ano de 1958, sendo que o sucesso do evento foi associado ao trabalho de equipe e à solidariedade entre os imigrantes. A partir de então, o *Bunkyo* passou a ter o comando supremo da sociedade *nikkei* como uma organização nuclear (MORIWAKI et al., 2010, p.321). Por ter em sua composição funcionários e ex-funcionários de três jornais nipo-brasileiros, passou a ter uma relação estreita com cada uma dessas empresas (FUKAWASA, 2010, p.145).

Tendo como organização-mãe a comissão colaboradora da colônia japonesa pró-IV Centenário de São Paulo, foi fundado um outro grupo de relevância, a ACBJ [Aliança Cultural Brasil-Japão, em japonês *Nippaku Bunka Fukyûkai*] (80 ANOS, 1991). Constituiu-se de uma associação criada a partir da colaboração entre brasileiros e *nikkeis* e que tinha como objetivo o intercâmbio e o desenvolvimento cultural entre o Brasil e o Japão. O primeiro presidente foi o brasileiro Guilherme de Almeida e no segundo ano, o presidente do *Bunkyo* (Yamamoto) acabou por assumir esse cargo. Em novembro de 1956, época da fundação da ACBJ, 70% dos membros eram brasileiros sem ascendência japonesa e 30% eram *nikkeis*, predominantemente composto por nisseis.

No que se refere à situação do Japão a partir de 1950, sabe-se que após o avanço da democracia, fruto da reforma drástica realizada pelo GHQ, em 1952, o Japão se tornou independente das nações aliadas depois do Tratado de Paz de São Francisco entrar em vigor. Após 1950, o país passou por um período de reconstrução notável no qual ocorreu um crescimento econômico sem precedentes. A imigração para o Brasil foi reiniciada e, em 1953, uma nova leva de imigrantes japoneses desembarcou no Brasil.

No Brasil, essa chegada de novos imigrantes resultou em alguns conflitos com os antigos já instalados aqui desde o período pré-segunda guerra, visto que os antigos não conseguiam entender os conceitos de democracia e igualdade trazidos pelos recém-chegados (Fontenele Reis, 2004 apud MORALES, 2009, p. 44). Segundo Handa (1970), surgiu um estranhamento entre os dois grupos, pois cada um deles desconhecia o fato de serem tão diferentes.

3.1.4 Situação do ensino de língua japonesa entre 1945-1960

3.1.4.1 A situação do ensino de língua japonesa

Em 1948, com o afrouxamento das restrições, decorrente da reforma das leis que regiam o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, ocorrida em novembro de 1947, o ensino de língua japonesa adentrou em um novo ciclo (Moriwaki et al., 2010, p. 326). A partir da década de 50, surgiram muitas escolas japonesas sendo que, em 1954, só na cidade de São Paulo, havia aproximadamente 30 escolas e no início da década de 60, 600 escolas distribuídas em todo o território brasileiro (ibidem, p.327).

Com o aumento das escolas japonesas licenciadas, em janeiro de 1955, é fundada a *Nichigakuren* – Federação das Escolas de Ensino de Japonês no Brasil (*NICHIGAKUREN*, 1966). Moriwaki (2008, p. 260) explicou a missão dessa organização baseando-se na carta de intenções da *Nichigakuren*¹⁸, contida em *Ikusanga* (1966). O autor explicita que para a federação, era necessário “assimilar a excelência do povo japonês a fim de formar um bom cidadão brasileiro”. O trecho “excelência do povo japonês” seria uma remanescência dos ideais nacionalistas do pré-guerra, como também do pensamento do grupo *kachigumi* surgido no pós-guerra.

A seguir, será exposta a relação da *Nichigakuren* com o *kachigumi*. A meta principal da *Shindo Renmei*, a maior organização do *kachigumi*, era o ensino de língua japonesa que tinha como objetivo o “cultivo do espírito japonês¹⁹”. Esse “cultivo do espírito japonês” era um conceito que passou a ser bastante utilizado a partir do período pré-guerra com a proclamação, pelos japoneses, da independência da Manchúria do governador local, considerado ditatorial, com a prominência do fascismo (Tosaka, 1936 apud HAYASHI, 2010), e está relacionado ao pensamento nacionalista de que o japonês era dotado de um espírito de excelência em particular. Entre os professores de japonês era grande o número daqueles do grupo vitoristas (*kachigumi*) e dentre eles, estava

¹⁸ No trecho original da carta de intenções da *Nichigakuren* consta o seguinte trecho no que se refere à formação de um bom brasileiro: “[Os descendentes japoneses] devem assimilar-se fazendo intercâmbio cultural entre os dois países e seguindo os bons costumes da sociedade brasileira, tendo como base a excelência étnica herdada de seus pais e avós através do convívio familiar (*NICHIGAKUREN*, 1966)

¹⁹ Entre os objetivos da *Shindo Renmei* estavam: “a necessidade do cultivo do espírito japonês” e “a cooperação ao ensino de língua japonesa para a formação de nossos filhos como súditos do Imperador” (80 ANOS, 1991)

um dos ex-diretores centrais da Shindo Renmei, Jinsaburo Asakawa (TOYAMA, 2006, p.457; 80 ANOS, 1991; *NICHIGAKUREN*, 1966). Sendo assim, é dito que foi grande a influência do pensamento do *kachigumi* na *Nichigakuren*.²⁰ Ao analisarmos os textos do *Boletim comemorativo dos 30 anos de fundação da Nichigakuren* (1984)²¹ percebe-se que mesmo passados 40 anos da guerra, já nos anos 80, ainda havia nesta federação, resquícios aquele pensamento nacionalista japonês.

Após sua fundação, a *Nichigakuren* exerceu um papel de liderança entre as escolas de língua japonesa do Brasil durante 30 anos, promovendo cursos de treinamento de professores (MORIWAKI et al., 2010) e organizando eventos pelas escolas (MORALES, 2009, p.58). Há o registro que, em 1958, participaram cerca de 68 professores no curso de treinamento de docentes promovido pela organização (*NICHIGAKUREN*, 1966 apud ibidem, p.58) e Morales (2009) ainda afirma que entre as décadas de 60 a 80, era difícil encontrar escolas comunitárias que não tinham ligação com a referida federação. E nas escolas, ocorria o ensino de língua voltado para os filhos dos *nikkeis*.

Por outro lado, diferente da *Nichigakuren*, a ACBJ promoveu cursos de ensino de língua japonesa como língua estrangeira. Quando começaram os

²⁰ Entretanto, de acordo com Morales (2009, p. 59), não eram todos que compartilhavam dos mesmos ideais do *kachigumi*.

²¹ No texto original, encontra-se o texto de Asakawa: "o que estabeleceu o papel nuclear da organização *Nichigakuren*, para se entender isso [...] é preciso saber que se trata de um corpo organizacional em que há o encontro dos ideais do presente com os do passado quando os veteranos promoviam o cultivo do pensamento japonês através na língua japonesa". (*NICHIGAKUREN*, 1984)

cursos em 1957, o fato se tornou notícia no *Paulista Shimbun* da edição de 25 de abril de 1957. E de acordo com o mesmo jornal, em agosto do mesmo ano, havia apenas 112 alunos matriculados (*Paulista Shimbun*, 01/08/1957) na instituição. É possível de se constatar que, nos anos 50, os professores e estudantes associados à *Nichigakuren* eram numericamente volumosos em comparação àqueles associados à ACBJ.

3.1.4.2 Os ideais e objetivos do ensino de língua japonesa

No pós-segunda guerra, não somente a vida dos imigrantes estava em processo de mudança, como também os objetivos do ensino de japonês. À medida que os imigrantes iam reconhecendo a derrota do Japão na guerra, começaram a abrir mão do sonho de retorno ao país e passaram a decidir permanecer no Brasil. Como motivo dessa decisão, Moriwaki et al (2010) enumera alguns fatores que contribuíram para isso: a prostração pela derrota do Japão, o capital já acumulado no Brasil e o crescimento dos filhos nisseis como cidadãos brasileiros. Com a resolução de permanecerem definitivamente no Brasil, um dos objetivos do ensino em “ensinar a língua e a cultura para que os nisseis possam se adequar ao Japão no momento de seu retorno” perdeu seu sentido. Em fins dos anos de 1940, quando os tumultos cessaram, foi inevitável que os isseis tivessem que reconsiderar os prós e contras do ensino da língua japonesa, a sua importância, os seus objetivos e o seu conteúdo, e a partir de meados de 50, começaram as discussões sobre os ideais do ensino (MORI, 2004).

Os ideais do ensino de língua japonesa

Em relação às discussões que surgiram na época, Moriwaki e outros autores (2010, p. 328) relatam que havia três posicionamentos sobre o ensino de japonês entre os imigrantes:

- a) Um posicionamento nacionalista japonês que, apesar de aceitarem uma assimilação ao Brasil em certo grau, alegava a necessidade de cultivo do espírito japonês pelo ensino da língua cujo intuito era formar um grande cidadão brasileiro dotado do espírito japonês.
- b) Um posicionamento que tinha o ensino como um meio de transmissão da cultura para formar um excelente cidadão brasileiro de modo que esse pudesse contribuir à sociedade brasileira. Isso se daria pela transmissão da tecnologia, cultura e valores japoneses via ensino da língua.
- c) Um posicionamento que não via a necessidade do ensino de japonês, alegando-se que isso se tornaria um ônus às crianças.

Os posicionamentos **a** e **b** se convergem sobre a importância do ensino, mas divergem quanto aos seus objetivos. Em **a**, o objetivo recai sobre a formação do espírito japonês e em **b**, sobre a transmissão da cultura japonesa para futura contribuição à sociedade brasileira.

O posicionamento **a** é aquele defendido pela *Nichigakuren*, conforme mencionado por Moriwaki (ver 3.1.4.1). Como defensor do posicionamento **b**, temos Zenpati Ando e o grupo Esperança liderado por ele como representantes (ver 3.2.1). Em seu folheto *O nissei e o problema da língua japonesa*, Ando defende a transmissão da cultura japonesa com o objetivo de dar contribuição ao Brasil. Ainda, advogava o desaparecimento do viés nacionalista do pré-

guerra (MORIWAKI et al, 2010, p. 339; MORI, 2009, p. 91). Observa-se então que há uma crítica em relação à posição de **a**.

Há controvérsias sobre qual dos dois posicionamentos foi o mais preponderante. Moriwaki (2008, p.92) afirma que o posicionamento **a** constituía a principal corrente na época, visto que entre os anos 50 e 60, o pensamento predominante referente aos aspectos do ensino na sociedade *nikkei* era aquele exposto na carta de intenções da *Nichigakuren*. Citando Suzuki²², o autor explica que os isseis, no íntimo, tomavam o ideal da transmissão da cultura japonesa como a transmissão do nacionalismo e do espírito japonês. Em outras palavras, apesar de acharem justo o posicionamento **b**, na prática, os isseis da época tinham como verdadeiro desejo a transmissão do espírito japonês, ou seja, um pensamento nacionalista. Por outro lado, em pesquisa realizada por Mori (2009, p. 91), constatou-se que o posicionamento **b** tinha sido aceito largamente pela comunidade de ensino de língua japonesa.

O posicionamento **c**, segundo o qual o ensino de japonês era visto como desnecessário, está relacionado à decisão dos imigrantes em permanecerem definitivamente no Brasil. Isso porque para obter sucesso econômico e ascender socialmente em terras brasileiras, tornou-se importante investir no ensino superior dos filhos (MORIWAKI et al., 2010, p.319), e investir em ambos os estudos, no japonês e no ensino brasileiro, poderia configurar uma sobrecarga às crianças (MORIWAKI, 2008). Dessa forma, ao se privilegiar o ensino oficial do Brasil, a aprendizagem de japonês era algo desnecessário para os que defendiam o posicionamento **c**. Era crescente o número de

²² Masatake Suzuk (1932 -). Atual diretor do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Foi responsável pela edição do LD *Nippongo* de língua japonesa em sua segunda fase.

imigrantes que se posicionavam dessa maneira e tal ocorrência foi inclusive noticiada no *Paulista Shimbun*. O pesquisador Seiichi Izumi ²³, que realizou um levantamento de dados entre os imigrantes no ano de 1955, relata no jornal que “3 anos atrás, nas vilas agrícolas, o ensino de japonês era o carro-chefe comparado ao ensino brasileiro, mas que atualmente a situação se inverteu” (*Paulista Shimbun*, 01/01/1956, tradução nossa).

Objetivos do ensino de língua japonesa

Os posicionamentos **a** e **b** referem-se aos ideais dos imigrantes sobre o ensino de japonês. Abaixo, serão explorados os motivos que levaram os pais a darem importância ao ensino da língua às suas crianças.

Ao observarmos as opiniões dos imigrantes japoneses na mídia impressa entre o pós-guerra e os anos 50, há muitos que afirmam a importância do ensino sem apresentar um objetivo concreto, relatando que os pais fazerem os filhos estudar japonês era algo óbvio. Por exemplo, há o seguinte registro da afirmação de Tomoo Handa “o fato de os pais quererem transmitir a seus filhos sua língua [...] considerando-o sob o âmbito do sentido de felicidade do ser é algo extremamente humano” (Jidai, 1948, tradução nossa). Ainda, “é da natureza humana que os pais isseis queiram ensinar a língua japonesa a seus filhos *nisseis*” (*Paulista Shimbun*, editorial de 23/06/1956, tradução nossa). Percebe-se então que entre os imigrantes não era necessário um objetivo para se estudar japonês, visto que era considerado

²³ Seiichi Izumi (1915-1970). Docente da Universidade de Tóquio e antropologista cultural. Entre 1952 a 1956 realizou uma pesquisa sobre a situação dos imigrantes no Brasil sob vários aspectos, como vida profissional e educação.

obviedade.

Não há muitos documentos que detalhem especificamente esse assunto, porém um que podemos usar como referência seria o *“Levantamento de atitudes de pais que possuem filhos aprendizes de japonês”*, uma pesquisa realizada em 1963. Ao questionamento sobre o objetivo²⁴ dos pais em fazer com que seus filhos aprendam japonês, as seguintes respostas foram coletadas:

- (1) Para a compreensão mútua entre pais e filhos.....24.6%
 - (2) Para transmitir aos filhos a cultura e a excelência do pensamento japonês.....22.7%.
 - (3) Para cultivar o espírito japonês (tais como a lealdade e o patriotismo) nos filhos.....13.7%
 - (4) Para o cultivo da sensibilidade estética das crianças (música, desenho, artesanato), complementando uma formação que não existe nas escolas brasileiras....13.4%
- (Sociedade de difusão da língua japonesa, 1963 apud MORIWAKI, 2008; SUENAGA, 2005)

Percebemos dessa maneira que a *“compreensão mútua entre pais e filhos”* foi o objetivo mais citado pelos pais. Pode-se deduzir que nessa resposta havia o desejo dos pais de que seus filhos fossem capazes de usar a língua japonesa para o cotidiano familiar, bem como para a transmissão de opiniões e sentimentos. A segunda resposta mais numerosa, *“para transmitir aos filhos a cultura e a excelência do pensamento japonês”*, se alinha tanto ao posicionamento **a** (formação do espírito japonês) visto na seção anterior como ao posicionamento **b** (transmissão da cultura para futura contribuição à

²⁴ No questionário aparece o termo “motivação de aprendizagem”, mas como “motivação” tem uma conotação psicológica do próprio aprendiz, nesta pesquisa achamos coerente trocá-lo por “objetivo”, visto que se trata do ponto de vista dos pais.

sociedade brasileira). Já o objetivo que aparece em terceiro lugar, *“para cultivar o espírito japonês (tais como a lealdade e o patriotismo) nos filhos”* se alinha perfeitamente ao posicionamento **a**. Mas Moriwaki (2008, p.269) acredita que no objetivo (1) “compreensão mútua entre pais e filhos” estão também inclusos o de (2) e (3), pois o desejo de transmissão de pensamento, cultura e espírito japonês segundo ponto de vista dos imigrantes da época, também ocorria em âmbito familiar e pela língua japonesa.

O quarto objetivo *“para o cultivo da sensibilidade estética das crianças (música, desenho, artesanato), complementando uma formação que não existe nas escolas brasileiras”* está relacionado ao currículo das escolas brasileiras na época. Na realidade, na época, havia uma insatisfação entre os imigrantes para com o ensino brasileiro de uma maneira geral e isso pode ser constatado no editorial do *Paulista Shimbun* em que se lê: “O ensino primário do sistema escolar brasileiro tem uma baixa popularidade porque ao compararmos com o ensino de qualidade que tivemos no Japão, há a sensação de estar faltando algo [...]” (*Paulista Shimbun*, 12/11/1958). Dessa forma, esperava-se que as escolas japonesas suprissem essa lacuna que os imigrantes sentiam no ensino oficial brasileiro.

3.1.5 Problemas no ensino de língua japonesa na década de 1950 sob o ponto de vista do issei

Devido ao esforço em conjunto dos imigrantes isseis e o contexto histórico, na década de 50, o ambiente para o ensino de língua japonesa estava favorável. Entretanto, havia alguns problemas a serem resolvidos sob a

perspectiva dos isseis. Nesta seção, daremos destaque a dois problemas levantados na época: a legislação brasileira que limitava o ensino de língua estrangeira e as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos nisseis.

3.1.5.1 A lei brasileira que limitava o ensino de língua estrangeira

Apesar do afrouxamento da legislação que regia o ensino de línguas estrangeiras, tornando-se possível o ensino de japonês, havia ainda algumas restrições que incomodavam os imigrantes. Seriam aqueles referentes ao LD e a idade de aprendizagem. Os únicos LDs permitidos eram aqueles com a certificação das autoridades brasileiras. Além disso, nas zonas rurais, era proibido o ensino de línguas estrangeiras para analfabetos menores de 14 anos (nas cidades de São Paulo e Santos, a idade limite era 10 anos) (*NICHIGAKUREN*, 1966).

A realidade é que as escolas japonesas da época infringiam essas duas determinações do âmbito legal. Eram usados LDs provenientes do Japão e sem certificação (ANDO, 1958a) e o ensino de japonês às crianças era realizado sem se respeitar a faixa etária estabelecida pela lei. Essa configuração de ensino pôde continuar ou porque era realizada às escondidas, ou porque alguns oficiais faziam vista grossa a essa situação. Entretanto, ter que agir contra as leis era algo que incomodava os imigrantes. O desejo deles era de que o ensino pudesse ocorrer de forma legítima com livros certificados pelas autoridades. É dito que os imigrantes acreditavam que para serem aceitos na sociedade brasileira, seria primordial o cumprimento das leis deste país. Há inclusive um registro em *Ikusanga* (1966) de que havia pessoas que exigiam advertir as escolas que não noticiavam formalmente sua reabertura no

pós-segunda guerra. Essa situação de ilegitimidade foi o ponto de partida para o surgimento de movimentos a favor da reforma das leis que regiam o ensino de língua estrangeira e a favor da compilação de um LD.

3.1.5.2 As dificuldades de aprendizagem dos nisseis sob o ponto de vista do issei

Ao observarmos as fontes históricas, é possível detectar que a ineficácia de aprendizagem de japonês dos nisseis constituía um problema. Foram levantados 3 motivos principais: a falta de motivação dos nisseis, a dificuldade de aprender japonês frequentando-se ao mesmo tempo o ensino brasileiro e a distância linguística.

A falta de motivação foi considerada o principal motivo e esse aspecto foi abordado diretamente em dois artigos da época. Em texto escrito por Shûichi Masuda na revista *Jidai* (1949) temos o trecho: "A frase - meus filhos não gostam de jeito nenhum do japonês - é uma fala recorrente da maioria dos pais" (tradução nossa). Ainda, no *Paulista Shimbun* (25/07/1956) há um trecho de um texto opinativo de um leitor, onde se lê: "Apesar dos problemas do ensino de língua japonesa dos nisseis fazerem parte de muitas discussões, não se vê melhora nos resultados. Ainda mais, mesmo com a grande empolgação dos pais, as crianças não demonstram o mínimo de interesse"²⁵(tradução nossa).

Não há como ter absoluta certeza se realmente faltava motivação entre

²⁵ Em outro editorial do *Paulista Shimbun* há também a seguinte opinião registrada: "Não seria uma realidade enfrentada pela grande parte dos isseis em terem de assistir com grande tristeza suas crianças nisseis esquecerem a língua dos pais e ainda não mostrarem interesse em aprendê-la?" (27/09/1956, tradução nossa)

os nisseis, no entanto, era assim que os isseis interpretavam. Podemos conjecturar que essa suposta baixa motivação deveu-se ao desaparecimento da necessidade de aprender o japonês para uma melhor adaptação no momento do retorno ao Japão. Eram crianças que nasceram e cresciam no Brasil e que tinham o português como língua dominante. Ou seja, para os nisseis não havia a necessidade da aprendizagem do japonês para sobrevivência.

Apesar de toda essa mudança no contexto social dos nisseis, os isseis ainda persistiam em um ensino de japonês que visava à compreensão mútua entre pais e filhos, à transmissão da cultura e do espírito japonês. Por conta dessa discrepância de interesses, era natural que surgisse um sentimento de hostilidade por parte dos nisseis em relação aos isseis. O distanciamento dos nisseis com a aprendizagem de japonês decorrente da pressão exercida pelos isseis pode ser encontrado na fala de Hiroshi Saito²⁶ em uma mesa redonda da revista *Jidai*:

“Quando se fala em língua japonesa, os pais só pensam em relação à escrita. Quando se fala em cultura japonesa eles só pensam em espalhar uma doutrina distorcida da formação do espírito japonês. Por mais que se fale em nostalgia ou sentimentos em relação ao país materno, basicamente se trata de uma autosatisfação do issei. Sendo assim, é natural que os nisseis se afastem da aprendizagem de língua japonesa, cujos objetivos surgiu dessa mentalidade anormal dos isseis²⁷” (*Jidai*, 1951, tradução nossa).

²⁶ Hiroshi Saito (1919 - 1983). Foi jornalista do *Paulista Shimbun* e docente no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo

²⁷ Trecho original : “親たちは日本語といえば文字のことしか考えない。日本文化といえばゆがめられた精神主義をふりまわすことしか考えない。郷愁といい母国情緒といっても、おおむねは一世の独りよがりです。この一世の異状心理からわり出した教育方針では、二世が離反してゆくのは当たり前ということになる”

Neste trecho podemos ver como os isseis pressionavam os nisseis para que aprendessem a escrita japonesa e o espírito japonês.

Tal como abordado em 3.1.4.2, havia aqueles que davam prioridade ao ensino formal brasileiro, não sentindo a necessidade de aprendizagem do japonês, mas também havia aqueles que acreditavam no benefício do investimento nas duas frentes. Todavia, o ônus que isso poderia causar nas crianças também era uma preocupação levantada. Por exemplo, há a seguinte opinião de um leitor publicada no *Paulista Shimbun*:

“[...] Ao se investir demais no ensino de língua japonesa, talvez isso possa influenciar no desempenho no grupo escolar [brasileiro]. [...] Fazer com que a criança participe tanto das aulas do grupo escolar quanto das de língua japonesa constitui uma questão delicada e é imprescindível que haja uma moderação para que isso não se torne um peso para as crianças”.

(*Paulista Shimbun*, 25/07/1956)

Por último, havia a questão da dificuldade na aprendizagem de língua japonesa proveniente da distância linguística com o português. Diferentemente das línguas latinas, o japonês possui um sistema linguístico distante do português, havendo grandes diferenças referentes aos caracteres, sintaxe e vocabulário. Para se chegar em um nível de um adulto japonês, para se tornar proficiente na leitura e escrita japonesa, o aprendiz deve ter conhecimento de uma grande quantidade de *kanji*. Sobre isso, há a fala de Sukenari Onaga em uma discussão publicada no *Paulista Shimbun* (29/04/1957): “Ao observar [meus filhos] que frequentam a Escola Taisho, pensei que desse jeito eles não conseguiriam dar conta do japonês. Primeiro de tudo, a escrita japonesa é difícil demais. Ensinar a escrita aos nisseis, assim como se faz aos japoneses,

é extremamente penoso”(tradução nossa). Além desta publicação, em um editorial do mesmo jornal (23/06/1956), há o seguinte trecho que fala sobre a distância das duas línguas: “[sobre a aprendizagem de japonês] as crianças irão se defrontar tanto com a dificuldade da língua japonesa quanto com a heterogeneidade do português falado na sociedade”(tradução nossa).

Resumindo, a partir de documentos da época referida, foi possível levantar as seguintes três preocupações dos isseis relacionadas ao ensino de japonês: a falta de motivação dos nisseis na aprendizagem do japonês, a maior importância do ensino brasileiro no contexto de ascensão socioeconômica e a distância linguística com o português.

Reiteramos que foi no período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial à década de 1950, que os isseis tomaram a consciência de que o ensino da língua japonesa apresentava alguns problemas, configurando um tema de discussão dentro da colônia. Sobre esse período, Suenaga (2005, p.38) aponta que “há o indício de que a principal questão era como realizar um ensino de japonês eficiente aos nisseis”. Essa busca de um ensino eficiente conduzirá os imigrantes a se envolverem no movimento de elaboração de um LD próprio.

3.2 O Processo de criação de LDs

Como foi apresentado no capítulo anterior, após a segunda guerra, os imigrantes começaram a refletir sobre os problemas no ensino de língua japonesa. Tendo em vista o panorama histórico já delineado, veremos agora mais pontualmente o desenvolvimento da elaboração do LD *Nippongo*.

3.2.1 Contexto

Na década de 1950, surge o questionamento a respeito da inadequação do uso do LD japonês no contexto brasileiro (relataremos no capítulo 4.1). A partir de então, aparecerão vozes que defendem a necessidade da confecção de livros que sejam mais adequados ao propósito do ensino da língua japonesa em solo brasileiro. De acordo com os dados documentais primários utilizados nesta pesquisa, tais como jornais e revistas, esse tipo de manifestação era frequente em Zenpati Ando. Ainda, ao analisarmos nossa fonte documental secundária - *Ikusanga* (1966) - é possível observar-se o mesmo posicionamento na *Nichigakuren*. A seguir, apresentaremos as atividades realizadas por Ando e a situação da *Nichigakuren* no período referido.

3.2.1.1 Ando e as atividades do Grupo Esperança

Em 1956, Ando e seus colegas criaram um grupo denominado *Esperança*, dando início ao desenvolvimento de atividades educacionais para os nisseis que tinha como atividade principal a publicação da revista com o mesmo nome do grupo. O corpo de editores da revista (*Esperança*, 1956,

setembro) era composto pelos seguintes nomes: Zenpati Ando, Katsunori Wakisaka, Yoshiya Takaoka, Tomoo Handa, Susumu Miyao e Masayoshi Norichika, sendo publicada pela primeira vez em janeiro de 1956, contendo artigos destinados aos nisseis. Esta revista propôs em seus artigos “uma nova maneira de escrever a língua japonesa”²⁸, com menos uso de *kanji* em seus textos, a fim de facilitar a leitura pelos descendentes nisseis (*Esperança*, 1956, junho). Foi publicada por dois anos, quase que mensalmente, com textos que abrangiam uma grande área (ver 2.4.1) cujo número de leitores chegou a ultrapassar a faixa de quinhentos.

Ando denominou o trabalho que esse grupo realizava de “movimento Esperança” que abarcava não somente a publicação da revista, mas também reuniões nas quais se discutia sobre o ensino de língua japonesa e outras de caráter informal, comunicando-se com nisseis, não só da capital, mas também de cidades do interior.

A revista anunciava os eventos de discussões e palestras do grupo Esperança, muito apreciados pelos leitores nisseis, da mesma forma que publicava as cartas de leitores²⁹ que apoiavam e participavam das atividades

²⁸ O objetivo principal dessa revista, que está na chamada da capa de publicação de seu volume 16, está resumido na frase a seguir: “エスペランサ は 二世のよみものです。ニッポン語は こんなにやさしく、だれにでもわかるようにかけるのです。エスペランサでニッポン語の新しいかきかたを勉強してください。” [Esperança é uma leitura para os nisseis. A língua japonesa é tão fácil que pode ser escrita de modo compreensível para qualquer um. Aprendam uma nova forma de escrever japonês com a Esperança] (*Esperança*, 1957, junho, tradução nossa)

²⁹ O trecho seguinte refere-se a uma das cartas: “エスペランサがやった二世とニッポン語の問題の集りは ぼくたちの問題であるだけに とてもよかった (サンベルナルド、みずほ村 ふじもり・しろ)” [A reunião que a Esperança promoveu sobre a questão da língua japonesa foi muito boa, pois tratou dos nossos problemas] (São Bernardo, Mizuho-mura, Shiro Fujimori.)

do grupo. Sendo assim, o que se destaca nas atividades do grupo é um movimento em prol dos nisseis, dos receptores do ensino de língua japonesa da época.

3.2.1.2 Movimento dentro da Nichigakuren

Conforme visto no capítulo 3.1, a *Nichigakuren* é a Federação das Escolas de Ensino de Japonês no Brasil, fundada em 1955. De acordo com os dados obtidos em *Ikusanga* (1966), há o registro de que as discussões e ações acerca do LD dentro desse núcleo surgiram em uma reunião realizada em outubro de 1955. Nessa reunião, um dos líderes da *Nichigakuren*, Chikashi Okazaki, enfatizou a necessidade da edição de um LD voltado ao público brasileiro, formou-se uma comissão editorial para tal finalidade e decidiu colocar em prática o projeto (*NICHIGAKUREN*, 1984; 1966) – informação essa que não foi registrada nas fontes primárias desta pesquisa.

3.2.2 O primeiro encontro - Reunião do Ensino de Língua Japonesa (1956)

3.2.2.1 O encontro

O grupo *Esperança* realizou um encontro que se chamou Reunião do Ensino de Língua Japonesa (*Nichigo Kyôiku Kaigi*, doravante RELJ³⁰) seis meses depois da fundação da revista *Esperança*. Esse encontro reunião ocorreu para discutir sobre o ensino de língua japonesa, recebendo a cobertura dos três jornais nipo-brasileiros. Em um artigo da revista *Esperança* foram

(Esperança, setembro de 1956, tradução nossa)

³⁰ Essa denominação *Nichigo Kyôiku Kaigi* foi usado para significar tanto dois encontros tidos pelo grupo quanto o próprio grupo. Portanto, nossa pesquisa usa “RELJ”, sigla dessa reunião, para indicar tanto o encontro quanto o grupo.

observadas as seguintes informações a respeito desse encontro:

- Tema : Questões sobre o ensino de língua japonesa na colônia
- Data : 30 de junho de 1956
- Lugar : *São Paulo Jogakuin* (Escola Particular Akama de São Paulo)
- Número de participantes : por volta de 80 pessoas
- Tópicos de discussão :
 - 1) Problema fundamental do ensino da língua japonesa
 - 2) Metodologia adequada aos nisseis
 - 3) Solicitação de colaboração aos jornais, revistas e radio nipo-brasileiros
 - 4) Requerimento para a mudança da lei brasileira acerca do ensino de língua estrangeira

(*Esperança*, 1956, agosto)

Nesse encontro foram discutidas, de um modo geral, questões relacionadas ao ensino de língua japonesa. O encontro foi anunciado na revista *Esperança* com o seguinte texto: “Esperamos que essa oportunidade aumente a voz do povo na colônia e fomenta uma intensa discussão com intensidade nos jornais”.³¹ (*Esperança*, 1956, julho, tradução nossa).

3.2.2.2 A discussão sobre o ensino de língua japonesa é estimulada no *Paulista Shimbun*

Como resultado dessa chamada, o grupo *Esperança* conseguiu alcançar o que almejava. Em outras palavras, o interesse pelo ensino de língua

³¹ Texto original: “これを機会に二世に対するニッポン語教育問題が、ひろくコロニヤの世論をおこすようになり、新聞紙上で、さかんに論議されるようになることを望みます” (*Esperança*, 1956, julho)

japonesa aumentou³². Ao analisarmos os artigos de jornais nipo-brasileiros, pode ser constatado que o jornal que mais realizava ativamente discussões sobre o tópico em questão era o *Paulista Shimbun*. Na edição de 25/07/1956, o jornal aproveitou a notícia acerca da Reunião do Ensino de Língua Japonesa e chamou a atenção dos leitores para uma discussão a respeito dos problemas no ensino de japonês. Como resultado, houve um intenso debate sobre os objetivos e vantagens e desvantagens do ensino de língua japonesa. Tal acontecimento foi tão marcante que outro jornal, o *Nippaku Mainichi Shimbun*, noticiou em 09/07/1956, que a equipe do *Paulista Shimbun*, ao colocar fogo no problema do ensino de língua japonesa, atizou uma fervorosa batalha de opiniões em que cada um advogava a sua própria teoria. O que pode ser observado em diversos artigos do *Paulista Shimbun* é o fato de o jornal destacar as atividades do grupo Esperança. Tal fato pode ser detectado no seguinte trecho do editorial do mesmo jornal, publicado logo após a realização da reunião em questão: “[...] A discussão acerca do ensino de japonês promovido pela revista Esperança [...], foi um encontro extremamente profícuo. Isso porque o tema discutido trata-se de algo que toca profundamente a colônia³³” (*Paulista Shimbun*, 04/07/1956, tradução nossa).

O foco na educação dos outros dois jornais em 1956 foi um pouco

³² *Ikusanga* descreve esse fato como seguinte: “1956 年 6 月、『エスペランサ』 [...] が [...] 討論会を行った。それをきっかけにして新聞にも活発に日語教育についての意見が発表されるようになった。” [Em junho de 1956, ‘Esperança’ realizou um debate [...]. Por conta do debate, começaram a aparecer vigorosamente nos jornais, opiniões sobre o ensino de língua japonesa.] (*Ikusanga*, 1966, p.52, tradução nossa)

³³ Trecho original “ [...]雑誌『エスペランサ』主催の日本語教育に関する討論会は[...]、きわめて有意義な集会であった。それは討論の主題がコロニアの琴線にふれるものだったからでもある。” (*Paulista Shimbun*, 04/07/1956)

diferente. Em relação ao *São Paulo Shimbun*, verifica-se que logo após o evento da reunião, ele abarca os problemas do ensino de japonês em um editorial publicado em julho. Além disso, publicou em setembro do mesmo ano, um texto de Yoshiya Takaoka, membro do corpo editorial da revista *Esperança*, e em outubro, um artigo escrito por Ando. A diferença entre o *São Paulo Shimbun* e o *Paulista Shimbun* é que, naquele, a maioria dos textos era dos formadores de opinião da época, enquanto que no segundo, havia muitas discussões com o envolvimento de leitores. No *Nippaku Mainichi Shimbun*, apesar de não haver um espaço de comunicação direta com o leitor, podem ser verificados em cinco edições, artigos com autorias identificadas (supostos leitores colaboradores) com a temática do ensino de língua japonesa. Por exemplo, há um texto do professor Tetsunosuke Asami, "O anseio pela luta – as tentativas dos membros de *Esperança*" (*Nippaku Mainichi Shimbun*, 31/07/1956, tradução nossa)³⁴, que apresenta seu apoio às atividades do Grupo *Esperança*.

O *Paulista Shimbun* resume a situação, entusiasticamente, em outubro desse mesmo ano, da seguinte forma: "Ultimamente, o interesse pelo ensino de língua japonesa tem aumentado extraordinariamente na colônia ³⁵". (*Paulista Shimbun*, 19/10/1956, tradução nossa).

Um fato que merece destaque é a mudança de posicionamento do jornal *São Paulo Shimbun* nesse período. Em outubro de 1956, o jornal

³⁴ Título do texto no original: 「敢闘を望むエスペランサ同人の企てに」 (*Nippaku Mainichi Shimbun*, 31/07/1956)

³⁵ Texto original: "最近コロニアの日本語教育に対する関心は異常なまでに高まっている" (*Paulista Shimbun*, 19/10/1956)

publicou um artigo escrito por Ando, titulado *Nippongo kyôiku no rinen* [A ideia do ensino de japonês, tradução nossa], texto que, mais tarde, faria parte do primeiro capítulo do folheto financiado pelo próprio Ando intitulado “O nissei e as questões acerca da língua japonesa”(ver 2.4.1). Entretanto, após essa data, não foi encontrado nenhum texto de Ando com a temática do ensino de japonês nesse jornal. O que pode ser observado é que os seus textos de opiniões que irão compor futuramente o folheto, passam a ser publicados no *Paulista Shimbun*.

Há um artigo interessante que pode justificar esse fato. Em 9 de março de 1957, o *São Paulo Shimbun* publicou um editorial que critica um artigo escrito por Ando na revista *Esperança* a respeito de um prêmio de literatura da colônia. Nesse editorial, ataca-se a pessoa de Ando com palavras de insultos tais como “ser intolerável que se autodenomina intelectual”. Suspeita-se que o artigo escrito por Ando tenha desagradado um jornalista de importância do *São Paulo Shimbun*. Tal episódio pode ser considerado importante, visto que após esse editorial, Ando perdeu o apoio de um dos três grandes jornais nipobrasileiros que influenciavam a opinião pública na época. Depois dessa data, foram encontrados dois textos que, pela forma de escrita e pelo conteúdo (ensino de língua japonesa e LD), parecem ser de autoria de Ando, mas sem a assinatura do mesmo (ver 3.2.3.3). Além disso, há artigos no *São Paulo Shimbun* que criticam o posicionamento de Ando em reduzir o uso de logogramas no ensino de língua japonesa. Por exemplo, em uma publicação, a crítica foi feita usando-se um formato de um diálogo entre mãe e filho, onde se lê: “Mãe: - [Depois de ouvir a fala de Ando no rádio] não havia um momento em que se acreditava que a língua japonesa seria mais fácil se não houvesse

kanji? Preste muita atenção nisso porque a situação inversa é frequente [...]”³⁶(KOBAYASHI, Kuniichi. Uma conversa em um certo lar. In *São Paulo Shimbun*, 20/06/1957, tradução nossa). Depois disso, Ando contestou a opinião de Kobayashi no *Paulista Shimbun* (03/07/1957), e em seguida, Kobayashi tentou a refutação novamente no *São Paulo Shimbun* (31/7/1957). O texto escrito por Ando usa pouco *kanji* e palavras fáceis, e seu raciocínio é compreensível. Por outro lado, o texto de refutação por Kobayashi usa muitas palavras e *kanji* difíceis e não faz sentido – quer dizer, não possui coerência, tanto que até Ando não respondeu. Após esse embate entre Ando e Kobayashi, não foram encontradas opiniões de imigrantes que discordassem frontalmente de Ando, a não ser de editoriais dos jornais e de Furuno, que, embora fosse amigo de Ando, não concordava com a opinião dele. Parece que os que tinham opinião diferente de Ando não queriam discutir com ele em espaço público, pois a opinião dele era firme e persuasiva e, era difícil ganhar a discussão. Cabe aqui ressaltarmos o fato de que Kuniichi Kobayashi que enfatiza a importância de aprendizagem de *kanji* era ex-membro de *Shindo Renmei* (80 ANOS, 1991; SHINTANI, 2013).

Desde então, o jornal *São Paulo Shimbun* passa a manter uma posição crítica aos pensamentos e ideias de Ando³⁷.

³⁶ Trecho original: “「[アンドウのラジオでの主張に] 漢字さえ無かったら日本語はやさしいという意味のことがあったでしょう。そこの所だけは気をつけなさいよ、その逆の場合が多いですよ[...]

””(KOBAYASHI, Kuniichi, *Nihongo kyôiku ni tsuite:aru kateideno kaiwa*)
³⁷ Entretanto, o *São Paulo Shimbun* publicava textos de pessoas com opiniões parecidas com as de Ando de outras pessoas.

3.2.3 O segundo encontro - Reunião de Ensino de Língua Japonesa (1957)

No ano seguinte, em 1957, o *Paulista Shimbun* continuou publicando textos opinativos sobre os problemas do ensino de japonês, mesmo que não tão ativamente como no ano anterior. Por outro lado, no *São Paulo Shimbun* e no *Nippaku Mainichi Shimbun* há poucas matérias a respeito do tema. Durante os 6 meses do segundo semestre de 1957, no *Paulista Shimbun*, foram publicados quatro textos longos de Ando. Textos esses que, posteriormente, foram registrados no folheto *O nissei e a questão da língua japonesa*. Além desses textos, nesse período, o jornal publicou 2 editoriais e 3 artigos de opinião de leitores relacionados à questão do ensino de língua japonesa. Em contrapartida, o *São Paulo Shimbun* publicou somente 3 artigos, sendo um deles com teor de crítica a Ando, e o *Nippaku Mainichi Shimbun* não publicou nenhuma matéria referente ao tema.

Todavia, houve um determinado evento que foi noticiado pelos três grandes jornais: o segundo encontro da Reunião de Ensino de Língua Japonesa, promovido por Ando. Essa reunião deu continuidade à temática dos problemas no ensino do evento anterior, suscitando a discussão entre os imigrantes e promovendo a exploração de soluções concretas. Na próxima seção, será abordado o conteúdo da reunião.

3.2.3.1 O encontro

O representante e promotor desta reunião foi Ando que recebeu a colaboração de muitas pessoas, não se restringindo apenas ao círculo de colegas do grupo *Esperança*. Entre os colaboradores, destaca-se Susumu Hirata que, como político, participou de uma ação que requisitava a

reformulação da legislação do ensino de língua estrangeira. Hirata, sendo um nissei, interessava-se pelo ensino de japonês voltado aos descendentes e pretendia, na época, propor na Assembleia Legislativa de São Paulo, a abolição da idade mínima necessária para se aprender uma língua estrangeira (*Paulista Shimbun*, 22/05/1957).

Reproduzimos abaixo, o informe da reunião anunciada na edição de julho de 1957 da revista *Esperança*:

- Data: 20 de julho, 1957
- Participantes: Zenpati Ando, Susumu Hirata e profissionais do ensino de língua japonesa (por volta de setenta membros no total³⁸)
- Promotores do evento: Michie Akama (Escola Particular Akama de São Paulo), Hideto Futatsugi (Casa de Estudantes Harmonia), Masue Gohara (*Nippaku Jikka Jogakko*), Goichi Negami (administrador da *Nichigakuren*), Chikashi Okazaki (*Nichigakuren*), Tadao Sakata (Professor da Escola Primária Taisho) e Tsunezo Sato (Escritor)
- Temas da reunião:
 - 1) Requerimento de alteração da lei de ensino de língua estrangeira.
 - 2) Fundação de uma organização para as pessoas envolvidas no ensino de língua japonesa.
 - 3) Edição de livros didáticos de língua japonesa para nisseis.

De acordo com as informações do *Paulista Shimbun* de 23/06/1957,

³⁸ No *São Paulo Shimbun*, de 23/07/1957, o número de participantes está noticiado com aproximadamente 50 pessoas.

primeiramente houve a explicação da sequência do evento por Ando, seguido pelo informe sobre a legislação do ensino de língua estrangeira. No terceiro momento, foram discutidos o estabelecimento de uma organização com profissionais do ensino de japonês e a edição de livros didáticos.

É curiosa a forma como foi noticiado este evento pelos jornais *Paulista Shimbun* e *São Paulo Shimbun*. Se o primeiro jornal noticiou a reunião de forma neutra e atendo-se aos fatos ocorridos, o segundo relatou o evento com um ponto de vista negativo, conforme atesta a manchete a seguir: “Início promissor com um final melancólico – a desapontadora RELJ”³⁹ (23/07/1957, tradução nossa). Mesmo no editorial do dia seguinte, há um texto que critica o evento alegando-se não ter havido discussão acerca de método de ensino de japonês (24/07/ 1957).

Após a realização da reunião, nos artigos do *Paulista Shimbun* e do *São Paulo Shimbun*, ambos datados em 9 de agosto de 1957, foi noticiado que no dia 7 de agosto de 1957, no salão do *Bunkyo*, houve a reunião de inauguração, a reunião de conselho e a reunião da Diretoria. Nessas reuniões foram eleitos os membros da Diretoria da RELJ. Os seis membros da Diretoria que seriam: Zenpati Ando (Grupo Esperança), Hideto Futatsugi (Casa de Estudantes Harmonia), Sussumu Miyao (professor do São Paulo Jogakuin e membro do grupo Esperança), Chikashi Okazaki (*Nichigakuren*), Tadao Sakata (professor da Escola Primária Taisho) e Tomi Yokoyama (pesquisador de literatura infanto-juvenil).

A organização entrou com os seguintes pedidos de auxílio ao *Bunkyo*, a

³⁹ Trecho original: 「竜頭蛇尾 期待はずれ日語教育会議」 (*São Paulo Shimbun*, 23/07/1957)

grande instituição que tratava dos assuntos concernentes à colônia japonesa: alocação da sede da organização nas dependências do prédio do *Bunkyo*, um escritório representativo dos profissionais do ensino de japonês, auxílio financeiro para fundo operacional e empréstimo de uma parte das estantes de livros do *Bunkyo*.

O *Bunkyo* deixou por suspenso as solicitações da RELJ entre os meses de agosto e setembro (*Paulista Shimbun*, 05/10/1957). De acordo com o artigo do *Paulista Shimbun*, o presidente do *Bunkyo*, Kiyoshi Yamamoto, hesitou em sua resposta alegando que como ainda havia pontos incertos em problemas básicos, estavam pensando em aprofundar um pouco mais a conversa entre ambos os lados (ibidem). A partir dessa situação, nota-se que o entusiasmo da colônia pela edição de livros didáticos era algo mais de aparências, visto que desde o recuo do *Bunkyo* em colaborar com a RELJ, o grupo começou a ter dificuldades para avançar em seu objetivo.

Dentro deste contexto, em 16 de outubro de 1957, foi publicado no *Paulista Shimbun* um texto de Ando com o seguinte título: “*Nihongo kyôiku no genjo to nihongo kyôiku kaigi no mokuteki*” [A situação atual do ensino de japonês e os objetivos da RELJ, tradução nossa]. Baseando-se nas críticas recebidas até então, o autor tentou, por meio deste texto, esclarecer os objetivos da RELJ. Acredita-se que tenha sido uma tentativa de Ando de reverter a situação da falta de colaboração do *Bunkyo*.

Com as atividades estagnadas, em 30 de novembro, acontece o quarto encontro da Diretoria da RELJ quando foi decidido iniciar as tarefas de edição do LD e escolhidos os membros da Comissão Editorial (*Paulista Shimbun*, 4/12/1957; *São Paulo Shimbun*, 4/12/1957). No dia 11 de dezembro, marcaram

uma reunião da Comissão Editorial formada pelos seguintes membros: Taizo Nagata, Masayoshi Norichika, Yoshio Takemoto, Hiroyo Tsubouchi, Fumiko Sugai, Konosuke Ozeki, Tsunezo Sato, Yoshiya Takaoka, Tomoo Handa e Katsunori Wakisaka.

São quatro os membros do Grupo *Esperança* que tomaram parte da Comissão (Katsunori Wakisaka, Yoshiya Takaoka, Masayoshi Norichika e Tomoo Handa), e dois os membros da Diretoria da RELJ (Zenpati Ando e Sussumu Miyao). Como pode ser notado, todos os membros do grupo *Esperança* se tornaram membros ou da Diretoria ou da Comissão Editorial da RELJ. Além desses, contaram com a participação de três professores da *Nichigakuren* (Taizo Nagata, Hiroyo Tsubouchi e Fumiko Sugai) e de três escritores (Yoshio Takemoto, Konosuke Ozeki e Tsunezou Sato) (*Ikusanga*, 1966, p.127). Porém, não foi encontrado nenhum registro de atividade feita por esse grupo.

O esforço da RELJ em tentar prosseguir com seus objetivos mesmo sem o auxílio do *Bunkyo* foi tido como algo que não poderia deixar de ser noticiado, e então, na edição de 13/12/1957, o *Paulista Shimbun* argumenta tal fato com o editorial intitulado *Nihongo kyôiku no konpongi* [O significado primordial do ensino de língua japonesa, tradução nossa]. Nele, enfatizaram-se os problemas legais que envolvem a aquisição da língua japonesa como língua estrangeira por conta do resquício da proibição do ensino de LE durante o período da Segunda Guerra, a importância do ensino de língua japonesa na comunicação entre pais e filhos, e ainda, a necessidade da colaboração de toda a colônia por se tratar de um assunto complexo que não pode ser solucionado apenas pela RELJ. Dessa forma, o *Paulista Shimbun* chama a atenção de toda a colônia

para esse tema, ao mesmo tempo que concorda com os ideais de Ando.

3.2.3.2 RELJ: opiniões diferentes de dois membros da diretoria

No ano seguinte, em 22 de janeiro de 1958, foi publicado o seguinte artigo de Ando no *Paulista Shimbun*: *Nichigo tokuhon*⁴⁰ *henshû no mokuteki to hôshin ni tsuite* [Os objetivos e os princípios da edição de um livro de leitura [livro didático] em japonês, tradução nossa]. Trata-se de um texto importante encontrado no folheto *O nissei e o problema da língua japonesa* e que enfatiza a visão de Ando sobre a concepção do LD. Os detalhes deste texto serão explorados no próximo capítulo, mas adiantamos que o posicionamento de Ando mais impactante é a redução da quantidade de *kanji* na aprendizagem da língua japonesa, posição essa que será defendida repetidas vezes em cada edição da revista *Esperança*. Nesse artigo, Ando alega ainda que seria ideal limitar o uso entre 400 a 500 *kanji* nos LDs. No dia seguinte, após a publicação do texto, o *Paulista Shimbun* novamente se apresenta favorável aos ideais da RELJ, publicando um editorial que apoia as atividades do grupo e solicitando a colaboração do *Bunkyo*.

Há então, uma ocorrência marcante. Em 31 de janeiro de 1958, após nove dias da publicação do texto de Ando, é publicado no *São Paulo Shimbun*, um artigo de um outro membro da diretoria da RELJ, Chikashi Okazaki, que apresenta uma opinião contrária ao que Ando considera fundamental. Nesse artigo, Okazaki apresentou uma minuta de uma reunião da RELJ que ocorrera em dezembro e que contou com a presença dos membros da Diretoria e do

⁴⁰ Palavra “livro de leitura” (nihongo tokuhon) é usado para indicar “livro didático (de língua japonesa)” na época pesquisada. No Japão essa denominação é usada, antes da guerra, principalmente para indicar LDs de língua japonesa.

Conselho Editorial. Entre os itens, há o ponto que discute sobre a quantidade de *kanji*. De acordo com Okazaki, a quantidade de *kanji* que deveria ser ensinada era mais que o dobro defendido por Ando. Em outras palavras, não havia um posicionamento da RELJ para a redução do uso de *kanji*.

Uma questão a ser considerada nesse artigo é o fato de que Okazaki alega que a minuta é resultado de uma reunião em conjunto entre a Diretoria e a Comissão Editorial, mas é incerto se Ando participou desse encontro. Outro ponto a ser questionado é se o texto apresentado seria realmente resultado da reunião mencionada por Okazaki, visto que o conteúdo se assemelha muito a uma sugestão pessoal acerca do livro de leitura [livro didático] em japonês e que fora publicada em *Kaihō* do *Bunkyo*, em 1957. Dessa forma, há a possibilidade de ser um esboço pessoal do próprio Okazaki. A diferença no posicionamento entre Ando e Okazaki também será explorada no capítulo 4. O que pode ser antecipado é que havia divergências de ideais dentro da própria RELJ entre o grupo de Ando (Esperança) e de Okazaki (*Nichigakuren*), uma vez que a Comissão Editorial era composta em sua grande maioria, por membros desses dois grupos.

Outro destaque seria o possível posicionamento divergente entre os dois jornais (*Paulista Shimbun* e *São Paulo Shimbun*) sobre a concepção do LD. Foi notado que o *Paulista Shimbun*, apesar de publicar notas com posicionamento crítico, asseverava a importância da edição de um LD, como também apoiava as atividades da RELJ e o ponto de vista de Ando. Por outro lado, o *São Paulo Shimbun*, além de se manifestar contrariamente aos ideais de Ando, parecia apoiar o posicionamento do grupo de Okazaki.

Logo após a publicação desse artigo de Okazaki, Ando lança com seus

próprios recursos o folheto *Nissei to Nippongo mondai* [O nissei e o problema da língua japonesa], em fevereiro de 1958. Nela se encontra o artigo publicado no *Paulista Shimbun*, em janeiro do mesmo ano. Entende-se que o objetivo de Ando com essa publicação seria a distribuição da obra às autoridades brasileiras após a tradução em português. Apesar de ser incerto em que medida ocorreu essa distribuição, na obra de Ando transparece todo seu entusiasmo com a questão do ensino de língua japonesa e com a organização do LD. Neste mesmo mês há o encerramento da publicação da revista *Esperança* motivado por uma viagem de Ando ao Japão em julho do mesmo ano (*Esperança*, 1958)⁴¹.

3.2.3.3 Escassez de recursos para a edição do LD

Nesta seção, a intenção é analisar as condições do *Bunkyo* na época. Em 21 de janeiro de 1958, a diretoria do *Bunkyo* decide manter suspenso o auxílio ao RELJ (*BUNKYÔ*, janeiro e fevereiro de 1958), mesmo após aproximadamente 6 meses da solicitação do grupo. No mês seguinte, em 5 de fevereiro de 1958, o *Paulista Shimbun* publica o texto “*Nihongo kyôiku no shuppan: Bunka Kyôkai kara joseikin wo*” [As publicações no ensino de língua japonesa: Por um auxílio financeiro do Bunkyo, tradução nossa], de autoria de uma pessoa chamada Seiji Oka. E então, em 12 de fevereiro, o *Bunkyo* decidiu “fornecer auxílio mensal de 5 contos, durante 1 ano ao RELJ, como parte do projeto de apoio da Comissão das festividades do 50º aniversário da imigração (*BUNKYÔ*, março e abril de 1958). Não se sabe ao certo se essa decisão recebeu influência do texto de Seiji Oka, mas ao tomarmos essa suposição

⁴¹ Por fim, a viagem de Ando acabou sendo adiada para fevereiro de 1959.

como afirmativa, é possível de notar a força da mídia impressa nessa época. Entretanto, ao considerarmos que o salário mínimo na época era de 3.8 contos⁴², é possível que o auxílio de 5 contos mensais não fosse suficiente para um grande projeto como a organização de um LD.

Após a declaração do *Bunkyo* sobre o auxílio, a RELJ realizou um encontro em 23 de fevereiro de 1958 (*Paulista Shimbun*, 25/02/1958) quando foi decidido iniciar o trabalho de edição do LD após a contratação de um especialista em ensino de língua japonesa. Como plano inicial, a proposta era deixar prontos os volumes 1 e 2 até julho, encaminhá-los à checagem do especialista no Japão, realizar a impressão e lançar para a publicação no mesmo ano. A sugestão do grupo era a de confeccionar livros que em um ano letivo escolar, pudessem ser ensinados 2 volumes. Acredita-se que os 5 contos do auxílio recebido pelo *Bunkyo* tenham sido utilizado na contratação do especialista. Para se produzir o esboço, contou-se com a participação de Tomiko Yokoyama que também fazia parte da Diretoria da RELJ. Yokoyama tinha acabado de chegar em junho de 1957 ao Brasil e tinha experiência como escritora de obras literárias infantis e na edição de livros didáticos no Japão (*São Paulo Shimbun*, 03/07/1957). Segundo o texto de Ando publicado na metade do ano de 1958 na revista *Kaihô* (ANDO, 1958b), Yokoyama elaborou o esboço, a Comissão Editorial de RELJ realizava uma leitura crítica corrigindo seus textos, e os esboços do primeiro e segundo volume do livro já haviam sido elaborados.

No entanto, mesmo sobre esse assunto, havia discrepância na

⁴² Equivalência de salário mínimo do site: www.diariodasleis.com.br

cobertura jornalística. Na edição de 17/05/1958 do *São Paulo Shimbun* anunciou-se que haveria na mesma data da publicação do jornal, uma reunião da Comissão Editorial da RELJ, como também a informação de que estava no planejamento estudar os diferentes esboços criados por cada membro do Conselho. Esse anúncio é diferente do texto de Ando, em *Kaihō*, de que apenas um membro, Yokoyama, criou esboços. Baseando-se nessa divergência no relato dos acontecimentos e da demonstração de opiniões diferentes sobre a concepção do LD entre Ando e Okazaki, pode-se dizer que na primeira metade de 1958 havia uma situação de conflito dentro da própria RELJ.

Em 8 de julho de 1958, o *São Paulo Shimbun* publica um artigo sem autoria identificada, onde se lê: “Como um movimento de facilitar o ensino da língua japonesa, na colônia, está em processo a edição de um LD voltado aos nisseis que limita o uso em 400 *kanji*, com a estratégia de se aprender a língua japonesa baseado nesse limite.⁴³” Por se tratar de um texto com pouco uso de *kanji* e anunciar um projeto fruto do trabalho de Ando, suspeita-se que o autor do artigo seja o próprio. Uma das características da escrita de Ando na época era utilizar o *hiragana* e o *katakana* muitas palavras normalmente grafadas em *kanji*⁴⁴.

⁴³ Trecho original “いまコロニアでは漢字を四百字ぐらいに制限して、この範囲で日本語を覚えるという方針をたてて二世用の教科書を編さん中である” (*São Paulo Shimbun*, 08/07/1958)

⁴⁴ Por exemplo, na palavra “kanji” grafada com o logograma “漢字”, ao invés do uso do logograma “漢” (*kan*), Ando utilizava o *katakana* “カン” (*kan*), grafando-se “カン字”. Outro exemplo seria a palavra compilação, em japonês, grafado com os kanji “編纂” (*hensan*). Ando grafava uma parte dela em *hiragana*, “編さん” (*hensan*). Como ele fazia esse uso de escrita de forma frequente com seus próprios critérios, era fácil identificar seus textos, mesmo sem a explicitação da autoria.

Na edição de 14/10/1958, o *Paulista Shimbun* reporta que a RELJ estaria organizando o terceiro volume, com a edição sob a responsabilidade de um especialista e que às tardes de toda sexta-feira a Comissão Editorial estaria realizando pesquisas e discussões na Escola Primária Taisho. Além disso, o jornal anuncia que a Comissão estaria trabalhando arduamente em diminuir a quantidade de *kanji* e aumentar o vocabulário na medida do possível. Podemos observar que, na segunda metade de 1958, havia um esforço em seguir o ideal de Ando em utilizar cerca de 400 *kanji* na confecção do LD.

A propósito, durante o ano de 1958, foram noticiadas poucas matérias na mídia impressa relacionadas à confecção do LD, mesmo no *Paulista Shimbun* que costumava divulgar as questões do ensino de língua japonesa com bastante frequência. Como entre junho e dezembro de 1958 houve as festividades do 50º aniversário da imigração japonesa quando ocorreram eventos em diversas áreas (80 ANOS, 1991), é possível que a atenção tenha se voltado a isso. Mesmo assim, o *Paulista Shimbun* publicou 2 editoriais que abordam o ensino de japonês. No editorial “*Nissei to nihongo*” [O nissei e a língua japonesa, tradução nossa], de 12 de agosto de 1958, há a exaltação do ensino de língua japonesa e no editorial “*Nihongo kyôiku no hitsuyôsei*” [A necessidade do ensino de língua japonesa, tradução nossa], de 17 de setembro de 1958, há o apoio às iniciativas da RELJ e o chamado para revitalizar o cenário do ensino apelando para a colaboração de toda a colônia.

3.2.3.4 Num passe para a estagnação

Contudo, após esse período, a Comissão Editorial da RELJ entrou em um período difícil por falta de recursos financeiros. Isso porque o auxílio do

Bunkyô havia chegado ao fim, visto que terminara o ano. Essa dificuldade foi colocada como um problema no editorial de 16 de janeiro de 1959 do *Paulista Shimbun*. Relatou-se que não poder ter sequer uma ajuda mínima de 5 contos para a edição dos LDs poderia ser considerada uma “vergonha na colônia”, incitando dessa forma, o interesse do leitor sobre a questão do ensino de língua japonesa. O próprio jornal anuncia, em 22 de janeiro de 1959, que por conta desse editorial, várias vozes surgiram em prol da conclusão do trabalho de compilação, sendo sugerida a formação de uma comissão de auxílio. Ainda, em 30 de janeiro de 1959, o jornal publicou o texto opinativo de um professor de japonês da região noroeste de São Paulo que dizia que “o *Bunkyô* deveria se responsabilizar por essa atividade”, manifestando dessa forma, o apelo ao *Bunkyô*.

Em fevereiro desse mesmo ano, Ando realiza a viagem ao Japão programada anteriormente. Não se sabe ao certo o motivo da viagem, mas de acordo com o *Paulista Shimbun*, de 3 de março de 1959, um deles seria a busca por um auxílio financeiro para a publicação do LD. Apesar da Comissão Editorial da RELJ ter entrado previamente com um pedido ao governo japonês pelo Consulado Geral de São Paulo, sua visita teria como objetivo reforçar a solicitação. Tendo em vista que o valor do auxílio requisitado foi de 604 contos⁴⁵, ao compararmos com a ajuda de 5 contos mensais (total de 60 contos

⁴⁵ De acordo com o informe do *Paulista Shimbun*, a distribuição do uso do auxílio de 604 contos recebido pelo governo japonês ocorreu da seguinte forma: 144 contos para o pagamento dos membros da comissão (1 pessoa que trabalhava em tempo integral recebia 12 contos por mês); 12 contos para pequenos gastos; 120 contos para remuneração pelo serviço de ilustração; 28 contos para o serviço de tradução para o português, e 300 contos para a impressão (*Paulista Shimbun*, 03/03/1959)

por ano) oferecida no ano anterior pelo *Bunkyo*, podemos perceber como esse último auxílio era insuficiente e não condizente com a realidade para o projeto de confecção de LD pretendido.

Ando sofreu de doença grave depois de chegar ao Japão (*Paulista Shimbun*, 13/01/1960) e ficou sem voltar ao Brasil por cinco anos (FURUSUGI, 2010). A ausência de Ando mudou em definitivo a direção do LD de língua japonesa a ser confeccionado no Brasil.

Quanto à edição do LD, conforme noticiado no *Paulista Shimbun*, em outubro de 1958, a equipe já estaria elaborando o terceiro volume (*Paulista Shimbun*, 14/10/1958). Todavia, as atividades acabaram por estagnar por falta de verbas.

Tracemos então um comparativo das matérias trabalhadas referentes ao tema ensino pelos três principais jornais, no período que Ando se encontrava no Japão. Se no *Paulista Shimbun* houve muitas publicações de opiniões de leitores sobre o problema do ensino de língua japonesa, no *São Paulo Shimbun* e no *Nippaku Mainichi Shimbun*, não houve matérias, e sequer publicação de opiniões dos leitores. É interessante destacar que os artigos do *Paulista Shimbun*, apesar de posicionarem favoravelmente aos ideais de Ando, também não deixaram de publicar as opiniões contrárias de leitores. E como é possível de se perceber, a posição desse jornal que mais parece uma convocação está exposta no editorial de 16 de julho intitulado “*Nippongo no mondai*” [Os problemas da língua japonesa, tradução nossa] com o excerto “O trabalho realizado pelo grupo da RELJ, não deve ser de responsabilidade apenas do grupo, mas algo que deve ser cumprido por toda a colônia”

(tradução nossa)⁴⁶.

Ainda que não haja informações completas a respeito do processo de publicação do LD, no boletim *Kaihô* na edição de agosto de 1959, do *Bunkyo*, há uma explanação sobre a situação da época, fruto de uma discussão ocorrida em uma mesa-redonda realizada sobre o ensino de língua japonesa. Nessa mesa-redonda, cujo tema de discussão foi acerca dos problemas do LD, participaram professores de língua japonesa associados à *Nichigakuren*, entre eles Okazaki, membro da diretoria da RELJ que possuía uma posição contrária a Ando. A fala de Okazaki na mesa-redonda foi interessante no sentido de ele apresentar uma pequena visão da situação da RELJ. Em resposta a uma fala de um professor presente na mesa de que “Certamente é necessária a confecção de um livro didático no Brasil”, Okazaki argumenta que os manuscritos dos livros voltados aos primeiros anos escolares estavam prontos e de que “*Seria igualmente necessário a elaboração de um manual do professor, mas não há dinheiro*”, e por isso o projeto está parado. Porém, não se pode interpretar a fala de Okazaki como um fato condizente à realidade, visto que posteriormente, mesmo após o grupo RELJ ter passado por reestruturação dos membros e ter conseguido auxílio financeiro, não houve sinais de que um manual tenha sido confeccionado. Ou seja, não se tratava de falta de recursos financeiros. Ainda, Okazaki proferiu palavras como “Não há como realizar esse trabalho com os membros da RELJ”, tal como se ele próprio não pertencesse à RELJ. Por conta disso, especula-se que na época da mesa-redonda, Okazaki já estivesse afastado da RELJ pelas visões contrárias as de

⁴⁶ Trecho original: “日語教育会議が行なっている仕事は、この会議だけに任せずに、コロニア全体で行なっていくべきである”(Paulista Shimbun, 16/07/1959)

Ando.

É provável que o trabalho árduo exigido na elaboração do livro com o uso de poucos *kanji* tenha desagradado alguns membros do grupo. Esses buscavam maneiras de impedir o progresso de edição do LD pela RELJ, levantando problemas como empecilhos financeiros.

3.2.4 Formação da Comissão de Publicação do Livro Didático de Língua Japonesa e sua edição (1959)

Em 1959, um esboço do LD tinha sido elaborado pela RELJ, mas por falta de fundos, o trabalho de edição estava estagnado. No entanto, logo em seguida, o projeto pôde ser finalmente realizado devido à entrada de novos fundos e pela reorganização da Comissão Editorial, agora com a denominação de Comissão de Publicação do Livro Didático de Língua Japonesa (CPLD). O objetivo desta seção é analisar o processo de realização deste LD e relatar sobre os membros que formaram a CPLD.

3.2.4.1 O processo de formação de uma nova comissão editorial e a obtenção de recurso financeiro de uma editora japonesa

O problema da escassez de fundos foi resolvido por Kimio Moriya, presidente da editora japonesa *Teikoku-Shoin*. Assim que Moriya chegou ao Brasil, em setembro do ano de 1959 e soube do problema financeiro que impedia a publicação do LD da língua japonesa, ofereceu assistência financeira à RELJ. O *São Paulo Shimbun* publicou em primeira mão este assunto no dia 17 de setembro, sendo que até então o jornal tinha publicado poucos artigos

sobre LDs. Por outro lado, o *Paulista Shimbun* atrasou-se e só noticiou o mesmo caso pela primeira vez em 9 de outubro. Além disso, o *Paulista Shimbun*, em seu relato, não publicou nenhuma explicação sobre a história detalhada com o Moriya, informando somente sobre a criação da nova comissão editorial.

Ao observarmos o artigo do *São Paulo Shimbun* em setembro, temos o seguinte relato: “Kimio Moriya, presidente da editora *Teikoku-Shoin*, que veio fazer uma visita à indústria de impressão no dia 3 passado⁴⁷, ao ouvir que a RELJ estava com problemas para publicar o livro de leitura [livro didático], demonstrou intenção em cooperar ⁴⁸” (*São Paulo Shimbun*, 17/09/1959, tradução nossa). O jornal informou também que Moriya realizou uma reunião com Tadao Sakata, membro da RELJ e com Kiyoshi Yamamoto, presidente da ACBJ e do *Bunkyo*, prometendo se responsabilizar pela impressão e publicação do LD. Além disso, lê-se no jornal: “Até o momento estão prontos os manuscritos de 4 livros, considerando-se que cada livro consiste de dois volumes, totalizando 8 livros. Tendo em vista o auxílio da Editora *Teikoku-Shoin*, os manuscritos estão prestes a se materializarem, e por conta disso, foi resolvido que em data próxima uma nova comissão irá se reunir para repensar a realização da revisão dos mesmos”⁴⁹. Este artigo menciona ainda que a

⁴⁷ Em *Ikusanga* (1966), Suenaga (2005) e Mori (2009), a vinda de Moriya ocorreu no mês de maio. Porém, o *São Paulo Shimbun* usa o termo “*saru mikka*” (no dia três passado) o que nos faz pensar que o mês correto foi setembro.

⁴⁸ Trecho original: “さる三日印刷業界視察のため来伯した株式会社帝国書院社長守屋紀美雄氏はこのほど日語読本編纂委員会が日語読本の出版問題にゆき悩んでいることを聞いて、協力したい意向を示し[...]” (*São Paulo Shimbun*, 17/09/1959)

⁴⁹ Trecho original: “現在四の巻まで各上下八冊分の下原稿が出来ているが、帝国書院からの申し入れによって実現しそうなので近日中同委員会を開き原稿の再改訂を行うなど検討することに

referida comissão (RELJ), por não se tratar de uma organização oficial, poderia transferir a operação à ACBJ.

Existem três fatos não esclarecidos. O primeiro relaciona-se ao atraso da cobertura do jornal *Paulista Shimbun* que costumava publicar ativamente questões acerca do LD japonês, em comparação ao jornal *São Paulo Shimbun* – o único dos três jornais principais a reportar o detalhe sobre o Moriya. O segundo fato não esclarecido é a razão da RELJ não poder continuar suas atividades, sendo necessária a reestruturação da Comissão Editorial. Além disso, não se sabe quem informou o Moriya sobre o assunto em questão.

É realmente interessante atentar para a CPLD, a nova comissão editorial. Pois da CPLD não fizeram parte 6 membros do Grupo *Esperança* que estavam envolvidos com a RELJ e Tomiko Yokoyama, responsável anteriormente pela elaboração do rascunho do livro com poucos *kanji* na comissão da RELJ.

Depois da publicação deste artigo, que foi um furo jornalístico, o *São Paulo Shimbun* realizou reportagens sobre a organização do LD em questão de forma mais ativa ⁵⁰. Por outro lado, o *Paulista Shimbun* não noticiou sobre o envolvimento de Moriya na mesma época, nem mesmo depois ⁵¹. Mais do que isso, é possível perceber pelo editorial do dia 30 de outubro de 1959 que o

なった” (*São Paulo Shimbun*, 17/09/1959)

⁵⁰ Por exemplo, em 1960, o *São Paulo Shimbun* noticiou minuciosamente o processo de edição do LD e sobre a elaboração e conteúdo do esboço, em 16 edições durante o período de 1 ano.

⁵¹ “A Comissão [RELJ] sofria a falta de recursos financeiros e de apoio de uma organização registrada, porém decidiu pedir ajuda para a ACBJ. Em breve, membros de cada organização formarão uma Comissão conjunta para a edição. A editora *Teikoku-Shoin* decidiu pagar a edição e a impressão de LDs. Todos decidiram que o responsável seria a ACBJ, por unanimidade”. (*Paulista Shimbun*, 09/10/1959, tradução nossa)

Paulista Shimbun não sabia dos detalhes da história. Dizia o mesmo editorial que tinha sido iniciada uma conversa sobre a edição do LD, mas que não estava claro o tipo de relação entre a RELJ que antes era responsável pela elaboração do LD japonês com o planejamento atual. Além disso, pede um esclarecimento à ACBJ sobre a circunstância atual: “Neste caso, há a necessidade de a ACBJ esclarecer o fato⁵²” (tradução nossa). No entanto, não foi encontrado nos jornais alguma explicação por parte da ACBJ. Algumas indagações surgem a partir da pesquisa e confronto de artigos de jornais da época, cabendo ser investigado em futuras pesquisas.

3.2.4.2 O caminho para a reestruturação organizacional da comissão editorial do LD de japonês

Segue a seguir, informações acerca das reuniões que foram realizadas na fase inicial do novo projeto de LD, para um entendimento geral da reformulação estrutural da organização envolvida com a sua elaboração.

Dia 8 de outubro : Conferência na residência oficial do Cônsul Geral do Japão em São Paulo

Participantes presentes:

- Do Consulado geral: Cônsul Geral, Cônsul e Vice-Cônsul
- Da ACBJ: Kunito Miyasaka, Susumu Hirata, Takeshi Suzuki, Tsunezo Sato, Tadashi Takenaka e Takuji Fujii.
- Da Comissão Editorial do LD: Tadao Sakata, Chikashi Okazaki e Hideto Futatsugi

⁵² Trecho original: “文化普及会側は、この際明かにする必要があるだろう” (*Paulista Shimbun*, 30/10/1959,

- Da *Teikoku-Shoin* : Presidente Moriya

Assuntos discutidos :

- 1) Membros da ACBJ e da Comissão Editorial do LD de japonês formariam um comitê para realização da compilação. A organização responsável pela publicação e pela edição seria a ACBJ.
- 2) Período de organização de 9 meses, e a editora *Teikoku-Shoin* seria responsável pelo custo.
- 3) Comissão editorial formada por: Futatsugi, Sakata, Okazaki e Takemoto.
- 4) Secretários: Yoshio Takemoto e Chieko Kato.

(*Paulista Shimbun*, 9/10/1959; *BUNKYO*, 1959, vol.19)

Dia 15 de outubro: Conselho da diretoria na sede da ACBJ

Decisões tomadas:

- 1) ACBJ publicará o LD.
- 2) Organização de uma comissão editorial do LD Japonês dentro da ACBJ.
- 3) São designados para cada comissão, os seguintes membros:
 - a. Membros da Comissão [*iinkai*, tradução nossa]
 - Presidente: Kiyoshi Yamamoto, Vice-presidente: Takeshi Suzuki
 - Contabilidade: Masashi Takenaka, Secretário Geral: Takuji Fujii, Kunito Miyasaka, Tsunezo Sato, Susumu Hirata, Tadashi Inoue e Santana⁵³
 - b. Membros do Conselho [*hyogi iinkai*, tradução nossa]
 - editores-chefes dos 3 principais jornais

⁵³ Acredito que é professor de língua japonesa da ACBJ, José Santana do Carmo. Encontramos um comentário sobre ele neste site : <http://www.japao100.com.br/arquivo/o-desafio-do-ideograma/> Acesso em: 15/09/2016

- representante sindical dos livros
- representante educacional regional

c. Membros da Comissão Editorial [*hensyu iinkai*, tradução nossa]

- Os membros efetivos [*sen-nin iin*]:

Yoshio Takemoto e Chieko Kato

- Os membros permanentes [*jonin iin*]:

Tadao Sakata, Chikashi Okazaki e Kikuo Furuno e Hideto Futatsugi

4) Sobre a Comissão Editorial: a Comissão Editorial irá realizar reuniões todas as terças e sábados e o escritório será alocado na biblioteca do *Bunkyo* (*Paulista Shimbun*, 17/10/1959)

Dia 06 de novembro – *Coquetel Party* no salão do *Bunkyo* (Foto na parte do anexo) (*São Paulo Shimbun*, 07/11/1959)

A ACBJ é uma organização que promove o ensino de língua japonesa para os brasileiros (ver 3.1.3). Por conta disso, acabou por se envolver com a elaboração do LD a ser utilizado majoritariamente pelos descendentes japoneses. A ACBJ passa a realizar serviços administrativos e de contabilidade relacionados à publicação do LD (CPLD & ACBJ, 1961).

A seguir, traçaremos um breve perfil dos membros da CPLD e seu papel no percurso do trabalho de edição do LD.

3.2.4.3 Os membros da CPLD

Para conhecermos os protagonistas dessa elaboração do LD, informaremos os professores e os autores que tiveram participação direta na

elaboração do mesmo.

Os membros proeminentes do grupo de edição são:

- Os membros efetivos [*sen-nin iin*]:

Yoshio Takemoto e Chieko Kato

- Os membros permanentes [*jonin iin*]:

Tadao Sakata, Chikashi Okazaki e Kikuo Furuno e Hideto Futatsugi

Esses seis membros efetivamente participaram das reuniões semanais e criaram os textos do *Nippongo*.(São Paulo *Shimbun*, 12/03/1960; *Paulista Shimbun*, 20/04/1961;CPLD & ACBJ, 1961, p.7). Handa, que era membro do Grupo *Esperança*, participava como ilustrador no início da edição, porém, logo saiu da equipe, de acordo com Takemoto, membro efetivo de CPLD (*São Paulo Shimbun*, 03/05/1960).

Abaixo é a tabela sobre perfis de membros da CPLD.

Quadro 4: Perfis de membros da CPLD

	Profissão	Vinda ao Brasil	Currículo escolar
Takemoto	Poeta, jornalista	No pré-guerra	Provavelmente no pré-guerra (Japão)
Kato	Professora	No pós-guerra	No pré- e pós- guerra (Japão)
Okazaki	Professor	No pré-guerra	Provavelmente no pré-guerra (Japão ou na colônia japonesa no Brasil)
Sakata	Professor	No pré-guerra	No pré-guerra (Japão e Brasil)
Futatsugi	Professor	No pré-guerra	No pré-guerra (Japão e Brasil)
Furuno	Poeta, jornalista	No pré-guerra	No pré-guerra (Japão)

Podemos assim observar que todos são isseis. Quanto à época de vinda ao Brasil, somente Kato imigrou após a guerra. Ou seja, o único membro que

experienciou a educação do Japão do período de pós-guerra foi Kato. Entre os membros, dois eram poetas e jornalistas e quatro professores de língua japonesa.

Abaixo, segue o perfil mais detalhado dos 6 membros.

<Yoshio Takemoto> (1911 – 1983) (retrato em anexo)

Takemoto era um destacado poeta nipo-brasileiro, tendo-se criado um prêmio literário na colônia japonesa no Brasil que leva o seu nome, o “Concurso Literário Yoshio Takemoto”. Abaixo está o resumo da carreira de Takemoto, informações essas obtidas majoritariamente na revista *Koya* (fevereiro de 1940) e *Koya no hoshi* (primeiro volume de 1950) e em Hosokawa (2010):

- 1933 – partiu para o Brasil
- 1936 a 1937 – foi professor no Colégio Gyosei
- período antes da segunda guerra - trabalhou na Escola Primária Taboão e foi editor chefe de *Kodomo no en* , um boletim de notícias do Brasil
- período durante a guerra – trabalhou com avicultura e educação
- 1950 – foi editor chefe de *Koya no hoshi*, um boletim informativo do Colégio Gyosei
- 1956 a 1959 - foi editor chefe de *Kaihô* do *Bunkyo*
- 1966 - lançou romances, poesias modernas e tankas para a revista literária *Colônia bungaku* (Literatura da Colônia) junto com um colega

Em suma, Takemoto se envolvia em trabalhos ligados à edição de revistas, literatura e educação. Além disso, em 1956, Takemoto já tinha

proposto a organização de um LD na colônia em uma conversa com professores de japonês (*Nippaku Mainichi Shimbun*, 31/05/1956). Isto mostra que ele tinha um grande interesse em compilações de LDs, mesmo antes de ser chamado para participar da Comissão Editorial final

<Chieko Kato>

Segundo *Nichigakuren* (1966), professora de língua japonesa. Sobre Kato não foram encontrados muitos registros, mas em *Ikusanga* (*NICHIGAKUREN*, 1966) consta que ela escreveu um texto sobre sua trajetória. O perfil abaixo foi traçado a partir dos textos da própria Kato de *Ikusanga* (p.17).

- Em meados de 1957 veio para o Brasil.⁵⁴
- Presume-se que nasceu na metade da Era Taisho por volta de 1920 (na época que trabalhava na CPLD tinha cerca de 40 anos⁵⁵).
- Antes da segunda guerra, estudou em escola normal de formação de professores no Japão.
- Depois disso foi para Manchúria⁵⁶ onde deu aula de língua japonesa.

⁵⁴ Supomos o ano de sua chegada no Brasil a partir dos seguintes fatos. Parte-se do pressuposto que o texto de Kato em *Ikusanga* foi escrito em 1963. Isso porque, de acordo com o posfácio da edição de *Ikusanga*, em julho de 1963 começaram-se os preparativos e o prazo final para a entrega dos textos foi estipulado para o fim de 1963. Nele, Kato escreve que chegara ao Brasil 6 anos atrás e também menciona os 55 anos de história da colônia *nikkei* completados no ano anterior, 1962.

⁵⁵ Presume-se essa idade, pois Kato escreve que frequentou o ensino escolar no Período Showa, que começa em 1926.

⁵⁶ Nome antigo de uma região nordeste da China, que era território ocupado por japoneses dos anos de 1930 até a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial.

- Depois da guerra, como participante do primeiro grupo de estagiários da Universidade Gakugei, aprendeu sobre novas formas de ensino.

Estes são os fatos que podem ser deduzidos a partir desse texto. Kato escreve que na Universidade Gakugei estudou formas de ensino que cultivam a individualidade e que desenvolvem os talentos de cada pessoa. Ainda, afirma que estudou metodologias de ensino que fazem com que as aulas se tornem divertidas. Menciona que o ensino de japonês no Brasil teria como objetivo a formação de pessoas que colaborariam com a construção da cultura brasileira, de pessoas realmente felizes e de pessoas que estejam conectadas à paz mundial.

Uma peculiaridade na experiência profissional de Kato é o fato de ter lecionado japonês na Manchúria e possuir conhecimentos tanto acerca do ensino nacionalista do período pré-guerra, como do ensino de tempo que passou a ser chamado democrático do pós-guerra. Depois disso, passou a trabalhar como professora de língua japonesa na ACBJ.

<Chikashi Okazaki> (retrato em anexo)

Professor de língua japonesa na escola *Shunju Hodoen* (*BUNKYO*, agosto de 1959), diretor geral e vice-presidente do conselho de administração da *Nichigakuren* (*NICHIGAKUREN*, 1966).

Okazaki já atuava como professor no período pré-guerra (*PAURISUTA ENCHOSEN KYOIKUSHI HAKKO IINKAI*, 1941). Após a Segunda Guerra, foi dirigente da *Nichigakuren* desde o primórdio de sua fundação. Ainda, de acordo com *Ikusanga*, dentro dessa Federação, Okazaki era uma das pessoas que

destacavam a necessidade da elaboração de um LD (*NICHIGAKUREN*, 1966). Apesar de ser membro da diretoria a partir da segunda RELJ, como visto antes, possuía um posicionamento divergente em relação a Ando.

<Tadao Sakata>

Professor de língua japonesa da Escola Primária Taisho. Professor visitante e chegou ao Brasil junto com Hideo Futatsugi (NEGAWA, 2013a, p.127). De acordo com o *Nikkei Shimbun*⁵⁷, de 15/01/2002, Sakata se formou na escola normal de formação de professores no Japão e entrou no Brasil, em dezembro de 1935, via Ministério das Relações Exteriores. Posteriormente, frequentou uma escola de formação brasileira, tornando-se oficialmente um professor. Passou a compor o quadro de docentes da Escola Primária Taisho em 1935.

< Hideo Futatsugi>

Professor de língua japonesa e diretor da Casa de Estudantes Harmonia⁵⁸. Depois de se formar na Faculdade de Educação, veio ao Brasil como membro da Associação *Rikko-kai*⁵⁹ Frequentou também o sistema de ensino brasileiro e atuou como professor de língua japonesa na Escola Primária

⁵⁷ Matéria online disponível em: <http://200.218.30.171/2002/020115-72colonia.html>

⁵⁸ A Casa de Estudantes Harmonia era um pensionato destinado a estudantes do interior que desejavam estudar em São Paulo (*Nikkei Shimbun*, 23/9/2003).
<http://www.nikkeishimbun.jp/2003/030923-71colonia.html>

⁵⁹ *Rikko-kai* é uma organização japonesa cristã que foi fundada em 1897. Cuidava de emigrantes, enviando cerca de 30.000 emigrantes para o Norte e América do Sul, Sudeste Asiático e China etc até o presente. http://rikkokai.or.jp/?page_id=114&lang=pb

Taisho⁶⁰. Futatsugi participou da Primeira RELJ em 1956, tendo apresentado explicações em torno da legislação que regia o ensino de língua estrangeira no Brasil (*Paulista Shimbun*, 03/07/1956).

<Kikuo Furuno> (1907-?) (HOSOKAWA, 2010, p.43) (retrato em anexo)

Poeta e jornalista (*Nikkei Shimbun*, 24/11/2009). Formou-se em Literatura Francesa pela Universidade de Waseda. Em 1951 participou de uma antologia poética, “*Kafun* [O polén, tradução nossa]”, com outros autores no Japão. É a pessoa que compilou o LD de língua japonesa no período pré-segunda guerra (SUENAGA, 2004). Como membro de CPLD, apesar de ter saído da comissão por um determinado momento, sabe-se que retornou como membro em outubro de 1960 (*São Paulo Shimbun*, 19/10/1960).

3.2.4.4 O processo básico de edição

Segundo o Sumário da CPLD & ACBJ (1961, ver 2.4.1), os dois membros efetivos da CPLD, Takemoto e Kato, criavam os primeiros esboços. Depois, três vezes por semana, reuniam-se com os quatro membros permanentes, Sakata, Okazaki, Furuta e Futatsugi, nas dependências do *Bunkyo*. Para a edição de oito volumes foram realizadas cerca de 235 reuniões ao longo de um ano e meio.

3.2.4.5 Diálogo com os professores atuantes de língua japonesa

Após os membros da CPLD confeccionarem o manuscrito do LD, o exemplar foi distribuído para membros da Comissão [*jijn*] e do Conselho [*hyogi*]

⁶⁰ <http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/900/?show=en> > Acesso em: 16/10/2015

iin], incluindo-se também os professores de língua japonesa. Para estes, foi requisitada uma avaliação opinativa que foi levada em conta posteriormente para a elaboração do esboço (CPLD & ACBJ, 1961). De acordo com a notícia de 12 de dezembro de 1959 do *Nippaku Mainichi Shimbun*, foram distribuídos 350 exemplares do manuscrito. O esboço foi revisado por Sanemoto Hayashi, ex-supervisor de livros do Ministério da Educação do Japão e então, decidida a versão final do LD. Cabe aqui informar que com o objetivo de coletar opiniões de professores das escolas japonesas sobre os LDs, foi realizada uma investigação aplicando-se um questionário em um seminário para professores de língua japonesa, em dezembro de 1959 (*Paulista Shimbun*, 12/02/1960). Esse assunto será explorado no capítulo 4 deste trabalho.

Ainda, nos cursos de treinamento de professores realizado pela *Nichigakuren* em várias ocasiões houve explicações acerca do LD e orientações sobre o uso do LD pelos professores. Em dezembro de 1959, no curso de treinamento para professores da *Nichigakuren*, Takemoto explicou sobre a edição do *Nippongo* (NICHIGAKUREN, 1966). No curso de novembro de 1960, foi realizada uma palestra, também por Takemoto, com o tema “Sobre edição de novos livros didáticos”, e uma outra por Kato com o tema “Ensino com novos livros didáticos” (Ibidem). É possível afirmar que a CPLD levou em consideração frequentemente as vozes dos professores nos eventos realizados pela *Nichigakuren*.

Concomitantemente, nos jornais da colônia, de tempos em tempos, eram publicados textos em nome de Takemoto em que se solicitava opiniões a respeito da edição do LD (*Paulista Shimbun*, 19/11/1959; *Nippaku Mainichi Shimbun*, 10/02/1960; 13/04/1960; *São Paulo Shimbun* 28/1/1960, 12/03/1960,

03/05/1960). De acordo com os fatos acima mencionados, pode ser observado que a CPLD prezava pelo diálogo com os conterrâneos, sejam professores de japonês ou não, coletando opiniões via *Nichigakuren* e jornais da comunidade.

Entre os problemas levantados pelos professores dois pontos podem ser destacados: a ordem apresentada em relação à aprendizagem dos fonogramas e o uso do *koroniago* (assuntos a ser aprofundados no capítulo 4). No que se refere à ordem do fonograma, a CPLD respeitou o desejo de muitos professores e acabou por adotar o *katakana* como a primeira grafia a ser ensinada e depois o do *hiragana* – uma ordem inversa ao que era realizado no ensino da época no Japão.

Em relação ao segundo problema apontado pelos professores, a CPLD coletou opiniões a respeito de como grafar termos do português e buscam um formato que fosse consenso entre os imigrantes. (*São Paulo Shimbun*, 09/04/1960; 12/03/1960; *Paulista Shimbun*, 30/03/1960).

3.2.4.6 Publicação e aprovação do governo brasileiro

Após todo esse processo, realizou-se rapidamente a elaboração do esboço e a versão final dos volumes 1 a 5 foi impressa. Tal agilidade pode ser explicada pelo interesse da CPLD em deixar concluído o LD antes do início do semestre escolar, em fevereiro de 1961. E em 11 de janeiro de 1961, chegaram 10 mil exemplares (coleção de 5 volumes) do LD *Nippongo*, despachados via marítima pela Editora *Teikoku-Shoin* do Japão, e logo passaram a ser vendidos nas livrarias japonesas da cidade de São Paulo (*São Paulo Shimbun*, 20/01/1961; foto em anexo).

A aprovação do LD produzido no Brasil foi acertada em dezembro de

1960 pela Comissão de Livro Didático em Língua Estrangeira da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (*Paulista Shimbun*, 15/12/1960; *São Paulo Shimbun*, 15/12/1960). De acordo com os dois jornais, o Secretário de Educação elogiou o conteúdo de *Nippongo* e mencionou inclusive que gostaria de usar como referência para os LDs brasileiros do ensino básico. Apesar de todos estarem apreensivos quanto à aprovação do LD, no final desse longo processo, o livro acabou sendo avaliado acima da expectativa, conforme noticiado pelo *Paulista Shimbun*, em 25/10/1960.

Capítulo 4. A formação da política editorial de *Nippongo*

Neste capítulo, primeiramente será apresentado um panorama geral dos LDs que foram usados no período pós-segunda guerra (4.1). Em seguida, será feita uma análise da proposta do LD a partir de cinco posições apresentadas em folhetos, revistas e jornais antes de ele ser concluído (4.2). Em um terceiro momento, será exposta a política editorial anunciada pela CPLD após a publicação do *Nippongo* (4.3). E, por fim, serão tecidas considerações comparando-se a política editorial da CPLD com a proposta didática das cinco posições destacadas em 4.2, como também será analisado como foi se acontecendo a política editorial da CPLD (4.4)

4.1 LDs utilizados para o ensino de língua japonesa no Brasil

Como foi apresentado em 3.1.5, até o ano de 1950 eram utilizados LDs concebidos e produzidos no Japão no ensino de língua japonesa no Brasil. À medida que crescia o interesse dos imigrantes pelo ensino de língua japonesa aos seus descendentes tornava-se mais evidente a falta de um LD adequado para esse público específico. Pretendemos assim, apresentar primeiramente uma visão geral da mudança ocorrida no sistema de aprovação de LD e na ortografia da língua japonesa no Japão pós-segunda guerra, visto que tal fato estabeleceu uma relação profunda com o conteúdo dos LDs. Por fim, analisaremos como esses materiais elaborados no Japão foram utilizados no Brasil, como também as críticas dos isseis que surgiram no decorrer desse período.

4.1.1 A mudança no sistema de aprovação de LD e na ortografia da língua japonesa no Japão

No Japão pós-guerra, foi realizada uma reforma no sistema de aprovação de LD e na ortografia da língua japonesa. Acredita-se que esta reforma tenha afetado a criação dos LDs no Brasil. Desta forma, consideramos importante elucidar os detalhes desta reforma.

No que se refere à ortografia da escrita japonesa, pode-se dizer que houve uma reforma quanto ao uso de *kana* (fonograma) e de *kanji* (logogramas) sob orientação do GHQ, após a derrota do Japão na guerra. Após promulgação oficial do Gabinete⁶¹ em novembro de 1946, decidiu-se pelo uso de uma ortografia simplificada da escrita japonesa nas áreas da educação e nos documentos oficiais (YASUDA, 2007).

Até o final da Guerra, era usado o fonograma chamado histórico [*rekishiteki kana zukai*], tida como uma ortografia baseada na pronúncia de cerca de mil anos atrás. Contudo, esta foi substituída por uma ortografia mais próxima à pronúncia moderna, conhecida por *gendai kana zukai*, literalmente, uso moderno de *kana*.

Sobre a mudança em relação à ortografia dos *kanji*, o número foi restrito aos 1.891 de uso cotidiano. Assim, foi promulgada “tôyô kanji [a lista de kanji de uso diário, tradução nossa]”, contendo os logogramas simplificados que apresentavam dificuldades na leitura e escrita antes da reforma. Além disso, em 1958 foi apresentada pelo Ministério da Educação uma lista com os logogramas que o estudante deveria aprender em cada série escolar, sendo

⁶¹ Trata-se do aviso do gabinete, uma promulgação oficial do governo sobre uma decisão. Muitas vezes não possui caráter legislativo. (Enciclopédia Britânica Internacional, 2011)

que, em 6 anos as crianças da escola primária deveriam aprender 881 logogramas. São os chamados “*kyôiku kanji*”⁶² [*kanji para fins educacionais*, tradução nossa].

Contudo, a reforma ortográfica não foi aceita imediatamente após sua promulgação. Esse assunto foi problematizado por diversas vezes pelo Conselho de Língua Japonesa do Governo Japonês. Por exemplo, no 3º Conselho de Língua Japonesa, assembleias foram convocadas por 12 vezes entre 1954 e 1956 para se discutir os detalhes do uso de logogramas e dos fonogramas. Percebe-se assim que, na década de 50, a questão da ortografia da língua japonesa foi tema de intenso debate (YASUDA, 2007).

Em seguida, veremos as mudanças no sistema acerca do LD no Japão. O LD que até então era produzido pelo Ministério da Educação, em 1948, passou a ser apenas censurado⁶³ e o sistema educacional foi submetido a drástica mudança pelo GHQ. Sob minuciosas orientações do GHQ, o conteúdo didático foi convertido para um material pacífico e democrático (YOSHIDA, 2012). Além disso, acompanhando as mudanças na nova ortografia, houve também mudanças na língua japonesa utilizada nos LDs.

Faz-se aqui uma menção especial ao fato de ter sido permitido no Japão o uso do LD elaborado para certas regiões durante 5 anos desde 1953. Durante este período, em Hokkaido, foi criado e usado um LD de língua japonesa, de edição regional, devido às circunstâncias da localização

⁶² Retirado do site da Agência de Assuntos Culturais

http://kokugo.bunka.go.jp/kokugo_nihongo/joho/sisaku/nenpyo/pdf/nenpyo_syowa21.pdf

⁶³ Retirado do site do Ministério da Educação

http://www.mext.go.jp/b_menu/hakusho/html/others/detail/1318346.htm

(YOSHIDA, 2014). Desta forma, na década de 1950, a pátria dos imigrantes continuou a sofrer mudanças no sistema de LD e nas notações. Essa situação foi relatada para a colônia pelos jornais japoneses que circulavam no Brasil. Para exemplificar, no dia 21 de julho de 1956, foi publicada pelo *Paulista Shimbun*, a apresentação do Conselho de Língua Japonesa acerca da simplificação de alguns logogramas. Além disso, foram encontradas reportagens sobre a “Reunião para discussão de política linguística” no Japão com o objetivo de implementar convenções sobre o alfabeto romanizado e os caracteres em *kana* (*Paulista Shimbun*, 02/04/1958).

Como as mudanças referentes ao LD e reforma ortográfica escrita ocorridas no Japão foram recebidas no Brasil? No que concerne à ortografia escrita, supõe-se que os imigrantes, ao saberem da reforma ocorrida, perceberam que a língua japonesa era susceptível a mudanças e passaram a considerar a língua japonesa que circulava no Brasil como algo a ser construído por eles mesmos. Com relação à influência na sociedade *nikkei*, provocada pelas mudanças no sistema de aprovação do LD no Japão, há a opinião de Okazaki (1957), publicada no Boletim *Kaihô*, que nos permite verificar como foi esse processo no Brasil. Nele Okazaki expôs considerações sobre a aprovação da edição regional do LD publicado no Japão, relatando que o conteúdo fora adaptado à realidade das crianças, e que esse LD poderia ser uma referência para o Brasil. Em outras palavras, Okazaki, fundamentando-se nessa aprovação da chamada edição regional no Japão, enfatizou a importância da elaboração de um LD adaptado à realidade brasileira.

A partir dessa situação acima exposta, observa-se que as reformas ocorridas no Japão exerceram uma influência significativa para o surgimento de

um movimento a favor da criação de um LD próprio na colônia japonesa no Brasil.

4.1.2 As duas séries de LDs utilizados no Brasil no pós-segunda guerra

No período pós-guerra, duas séries de LDs provenientes do Japão eram utilizadas no Brasil. A primeira série é a dos doze LDs usados no pré-guerra, conhecida pelo nome popular de *Sakura tokuhon*. Essa série foi selecionada e publicada pelo governo japonês entre 1933 a 1940. A segunda série, por sua vez, é a série dos LDs do pós-guerra, conhecida pelo nome popular de *Yanagita tokuhon*, publicada pela Editora *Tokyô Shoseki* e supervisionada por Kunio Yanagita⁶⁴ (WATANABE, 2010).

Segue abaixo um quadro comparativo das características das duas séries dos LDs.

Quadro 6: Comparação de características das duas séries de LDs

	Sakura tokuhon	Yanagita tokuhon
kanji (logograma)	estilo antigo maior quantidade	estilo simplificado menor quantidade
kana (fonograma)	de pronúncia antiga	de pronúncia atual
ordem de aprendizagem de kanas	katakana ⇒ hiragana	hiragana ⇒ katakana
conteúdo	nacionalista	não nacionalista

Enquanto o LD *Sakura* utilizava *kanji* com estilo antigo e contava com

⁶⁴ Kunio Yanagita (1875-1962) é pioneiro nos estudos do folclore japonês e pensador do Japão moderno. Como educador, participou das edições dos LDs de língua japonesa e de estudos sociais no período do pós-guerra (Enciclopédia Britânica Internacional, 2011; Zhang, 1995)

1362 *kanji* do 1º ao 6º ano no nível elementar, o LD *Yanagita* apresentava com 803 *kanji* (TAKEMOTO, 1954b). No quadro acima, vê-se que ao contrário do *Sakura*, o LD *Yanagita* usa *kanji* simplificados, sendo condizente com a proposta de reforma ortográfica do pós-guerra que focou na simplificação e também na redução dos números dos logogramas.

No tocante à ordem de apresentação dos *kana*, o *Sakura* começa com o *katakana* e o *Yanagita*, com o *hiragana*. Tal ordem de aprendizagem irá interferir na preferência de uso do material pelos professores no Brasil conforme veremos adiante.

E em relação ao conteúdo, o *Sakura* apresentava textos relacionados à guerra (ex. *Kûchûsen* [batalha aérea], *Tôgô Hêhachirô*⁶⁵), com lendas japonesas (ex. *Jimmu Tennô*⁶⁶ [Imperador Jimmu]), com histórias antigas e folclóricas (ex. *Urashimatarô*) (Ota, 2006). Há, portanto, um viés militar e nacionalista. Apesar de não ter sido possível averiguar o conteúdo real do LD *Yanagita*, uma vez que o GHQ inspecionou-o minuciosamente para eliminar elementos nacionalistas e militaristas (YOSHIDA, 2012), esses tipos de textos devem ter sido excluídos.

4.1.3 O modo de uso das duas séries dos LDs

Nesta seção será descrito como cada um desses LDs foram utilizados no pós-guerra, mais especificamente na década de 1950, no Brasil.

⁶⁵ Tôgô Heihachirô (1847-1934). Almirante da marinha que se tornou um herói pela sua atuação na guerra do Japão contra a Rússia, tornando-se um herói nacional (Enciclopedia Britânica Internacional, 2011)

⁶⁶ Tido como o primeiro imperador do Japão (Enciclopedia Britânica Internacional, 2011)

Logo após a guerra, era grande o uso do LD *Sakura*. E o uso do LD *Yanagita* aumentou depois de sua publicação entre 1950 a 1951. Há dois documentos que atestam isso. O primeiro é um texto de Takemoto (1954a) que relata que a distribuição de vendas era de 40% do *Sakura* e 60% do *Yanagita*, afirmando também a tendência no aumento do uso do último. O segundo é um texto de Ando (1958a) relatando também a mesma tendência. Em outras palavras, é certo que gradativamente aumentava-se o uso do LD *Yanagita*, mas o *Sakura* também estava sendo utilizado como de costume. Conforme noticiado pelo *Paulista Shimbun* (08/12/1959), em 1959, das 16 escolas de São Paulo entrevistadas, 80% delas utilizavam o *Sakura*. Isso porque, apesar de esse livro ter tido sua impressão suspensa no Japão no período do pós-guerra, no Brasil eram realizadas cópias ilegalmente para depois serem revendidas (Ando, 1958a).

Há também documentos que evidenciam o uso simultâneo das duas séries de livros na segunda metade dos anos 50. Inicialmente eram utilizados os 3 primeiros livros da série *Sakura* e depois, migravam para o uso do *Yanagita*. Na revista *Kaihô* (*BUNKYÔ*, agosto de 1959) há o registro de uma mesa redonda formada por professores dos quais 3 dos 8 participantes afirmaram ser favoráveis ao uso concomitante dos livros. Mesmo na edição de 29/01/1960 do *Paulista Shimbun* há a informação de que 65% das escolas faziam o uso dos livros dessa forma.

Qual seria então o motivo de se usar os dois livros simultaneamente? Segundo o artigo de 29/01/1960 do *Paulista Shimbun*, a razão recai sobre o fato de que os professores tinham preferência em começar a alfabetização pelo

katakana: “O primeiro e segundo volume do LD *Saita*⁶⁷ começa introduzindo o *katakana*. Havendo a necessidade [de os professores] iniciar a orientação pelo *katakana*, era utilizado esse. A partir do terceiro volume o livro passa a usar o *hiragana*. Assim, há o ensino do *hiragana* e após isso, passa-se a utilizar o *Yanagita*” (*Paulista Shimbun*, 29/1/1960, tradução nossa). No Japão do pré-segunda guerra, era comum a introdução do *katakana* antes do *hiragana*, mas essa ordem se inverte após a guerra. No Brasil, os professores insatisfeitos com essa nova ordem de ensino dos *kanas*, faziam o uso dos dois LDs da forma descrita acima.

4.1.4 As críticas a cada um dos LDs

Serão expostas aqui, as avaliações dos imigrantes japoneses a cada um dos LDs nos quesitos: quantidade de *kanji*, o uso de *kanjis* e *kanas*, ordem de aprendizagem dos *kanas* e o conteúdo dos textos.

Primeiramente, em relação aos logogramas, nota-se que muitos têm preferência pelo LD *Yanagita* por este fazer uso de *kanjis* mais simples. Por outro lado, no que se diz respeito à quantidade, há vozes de apoio tanto ao *Sakura* que utiliza uma grande quantidade de logogramas, quanto ao *Yanagita*, com poucos *kanjis*.

Uma reportagem do *Paulista Shimbun* (8/12/1959) averiguou que muitos pais consideravam positivo o uso numeroso de *kanji*, e por isso, desejavam que a escola de seus filhos adotasse o *Sakura*. Entretanto, em edição mais antiga (30/01/1957) há no mesmo jornal a publicação de opiniões

⁶⁷ Saita refere-se ao LD *Sakura*

de leitores que criticavam o uso exacerbado de *kanji* no *Sakura* por considerarem um ônus à aprendizagem das crianças.

No tocante ao uso dos *kanas*, houve críticas ao *Sakura* pelo uso de *kanas* antigos. Em matéria realizada pelo *Paulista Shimbun* sobre uma exibição de produções textuais de alunos da *Nichigakuren*, a crítica recaiu sobre seu uso excessivo em seus textos (*Paulista Shimbun*, 18/01/1957) e não houve nenhuma matéria em outros jornais ou revistas que estimulasse a continuação do emprego desses *kanas* em uso no *Sakura*.

Sobre a ordem de aprendizagem dos *kanas*, como visto antes, havia uma preferência dos professores locais em ensinar primeiro o *katakana* com o uso do *Sakura*.

Por último, em relação às críticas ao conteúdo, muitas vozes contrárias surgiram devido aos textos de tema militarista do *Sakura*. O professor de japonês Eiji Maekawa opinou da seguinte forma no *Paulista Shimbun* de 20/02/1957: “o conteúdo do livro é imperialista e usá-lo é um erro ético e ideológico” (tradução nossa). Na edição de 13/03/1957, o professor Saburô Ôsawa também opinou sobre o *Sakura* afirmando que apesar de haver nele bons materiais, por possuir um ar militarista acabaria por ensinar a ideologia de assassinos da guerra em nome do patriotismo. Entretanto, o *Yanagita* também recebeu críticas por não haver nele o lado bom nipônico. Em 1950, ano que o *Yanagita* começou a ser publicado, foram encontradas críticas a ele na 12ª. edição da revista *Kôya no Hoshi*. Nessa mídia, reporta-se sobre uma mesa-redonda em Assaí onde foram levantadas algumas opiniões de professores de

que no LD do pós-guerra⁶⁸ “faltava um caráter nacional japonês” ou então, que “o lado bom nipônico estava sendo apagado”(KÔYASHA, dezembro de 1950, tradução nossa).

Em 1959, após 14 anos do fim da guerra, é possível observar discordâncias de opiniões entre os professores ao analisarmos a mesa-redonda descrita no boletim *Kaihô* (*BUNKYÔ*, agosto de 1959). Nessa mesa, formada por 8 professores da *Nichigakuren*, houve tanto a opinião positiva em torno do LD *Yanagita*, de que consistia num livro científico e contemporâneo, quanto a opinião negativa de que essa série não apresentava histórias infantis tão boas como o LD *Sakura*.

Ainda, na segunda metade de 1950, momento próspero para elaboração de LDs, surge a seguinte crítica, positiva, sobre o *Yanagita*, tecida por Eiji Maekawa: “Há vários aspectos positivos no novo LD - a boa qualidade do conteúdo didático também recai sobre a aquisição da língua japonesa, seja no uso de *kanas* atuais, seja na restrição do uso de *kanji* ou no uso de *kanji* atuais” (*Paulista Shimbun*, 20/2/1957, tradução nossa). Contudo, no alcance desta pesquisa, não foram encontradas matérias assertivas sobre as qualidades do LD *Sakura* nesse mesmo período.

Ao observarmos os aspectos gerais, constata-se que professores e pais que almejavam a continuidade do ensino do pré-segunda guerra, davam suporte ao LD *Sakura*, e os que possuíam uma linha de pensamento

⁶⁸ Nesta matéria, não está explícito de que se trata do LD *Yanagita*, mas de acordo com Okazaki (1957), após a guerra, apenas esse LD é que era importado. Além disso, não se encontrou nos documentos pesquisados, algum indício do uso de outros livros. Dessa maneira, pode-se supor que a reportagem se refere ao LD *Yanagita*.

democrática do pós-guerra, preocupados em facilitar a aprendizagem dos *nisseis*, defendiam o uso do LD *Yanagita*. Entretanto, os professores em atividade que tinham preferência por ensinar o *katakana* antes do *hiragana*, tinham a tendência em optar pelo uso de *Sakura*.

A seguir, será exposto um ponto comum de ambos os LDs que não satisfaziam os *isseis*.

4.1.5 Crítica comum aos LDs, *Sakura* e *Yanagita*

Os seguintes problemas foram apontados em relação aos LDs *Sakura* e *Yanagita*:

a) O fato dos LDs não terem a aprovação do governo brasileiro

Em 3.1.5 foi abordada a questão de que os LDs não estarem em consonância com a lei brasileira, devido à proibição do uso de LDs de língua estrangeira que não fossem autorizados pelo governo brasileiro. Nesse período, havia escolas japonesas que tinham autorização legal para o seu funcionamento e outras não oficiais. No caso das oficiais, era problemático fazer o uso de LDs sem uma prévia autorização. De acordo com Ando, houve casos de LDs serem confiscados (*Paulista Shimbun*, 06/03/1959). Ainda, conforme Takemoto, os LDs foram utilizados com consentimento tácito dessa ilegalidade (*Paulista Shimbun*, 19/11/1959). Os LDs ficavam escondidos nas escolas, e os alunos eram proibidos de carregá-los na rua, causando assim um efeito psicológico negativo nos estudantes. Isso significava exercer uma influência ruim sobre os alunos sob ponto de vista ético e moral, fazendo-os crer que estudar japonês era algo errado ou que as leis podem ser burladas

(ANDO,1958a). Mesmo assim, nos jornais e revistas dessa segunda metade dos anos 50, não foram constatadas opiniões que levantassem a necessidade de legalização do LD *Yanagita*. Takemoto argumenta que “mesmo dando entrada aos trâmites de legalização, não é um LD que poderia ser aprovado” (*Paulista Shimbun*, 19/11/1959, tradução nossa).

Apesar de ser um livro de conteúdo com uma abordagem considerada, o LD *Yanagita* era um material japonês que apresentava elementos culturais do Japão. Por conta disso, pode-se concluir que os imigrantes já haviam abandonado a ideia de solicitar sua aprovação legal. Outro motivo que pode tê-los influenciado a não entrar com um pedido de legalização seria o medo de que descobrissem que o LD *Yanagita* estava sendo usado na clandestinidade, já que até então ele entrava no país na categoria de revistas. Havia também o risco de ter sua importação totalmente proibida no caso da negativa de sua aprovação.

b) Vocabulário e conteúdo didático distante do universo do *nissei*

Nas séries dos dois LDs, são apresentados vocabulário e conteúdo intimamente ligados ao cotidiano no Japão, o que os torna pouco familiares aos filhos de imigrantes residentes no Brasil. Para exemplificar palavras peculiares ao Japão, Ando (1957) cita as seguintes: *nanohana* [colza], *yukidaruma* [boneco de neve], *kotatsu* [mesa baixa com aquecedor embutido] e *samidare* [chuva do início do verão]. Corroborando com a mesma opinião, a fala do professor de japonês Ichirô Oroshi⁶⁹ em uma mesa-redonda: “Não cabe ensinar para

⁶⁹ Ichirô Oroshi foi membro da *Nichigakuren* desde sua fundação e foi professor de língua japonesa na Escola Japonesa Indianópolis (*NICHIGAKUREN*, 1966; *BUNKYÔ*, agosto de 1959)

crianças residentes aqui, na faixa dos 10 anos, sobre plantas, construções e monumentos típicos do Japão” (*BUNKYÔ*, agosto de 1959, tradução nossa).

São três os aspectos problemáticos em relação ao vocabulário e ao conteúdo de ambos os LDs. Primeiramente, que eles não são familiares aos *nisseis*. Mesmo Takemoto, posterior membro efetivo da CPLD, comentou, no início de seu exercício ao *Paulista Shimbun*, que os LDs importados do Japão, por retratarem aspectos desse país, “são materiais não familiares às crianças que cresceram no Brasil” (*Paulista Shimbun*, 19/11/1959, tradução nossa).

Como observado em 3.1.5, os *isseis* achavam que os *nisseis* do pós-guerra tinham baixa motivação na aprendizagem de língua japonesa. Sendo assim, para eles, o fato dos LDs não apresentarem um conteúdo e vocabulário que tivessem relação com o Brasil, poderia constituir um motivo de perda do desejo dos *nisseis* em aprenderem a língua.

Vale aqui ressaltar uma peculiaridade dos LDs japoneses em apresentarem bastantes termos e conceitos relacionados às estações do ano. Sobre este ponto, podemos citar como referência, a pesquisa de Fujimori e Nishi (2008) na qual foi realizado um levantamento dos vocábulos referentes às estações de ano nos LDs japoneses: só no livro destinado à primeira série do ensino fundamental, havia 874 palavras. Apesar do estudo dos autores considerar os LDs atuais, encontra-se um depoimento numa pesquisa sobre LD regional que atesta que mesmo os LDs da década de 50 continham com um grande número de vocábulos relacionados ao tema. Em 1958, em Hokkaido, região do extremo norte do Japão, foi confeccionado um LD local⁷⁰ com o

⁷⁰ Conforme Yoshida (2014), foi elaborado um LD com um conteúdo todo relacionado a Hokkaido. Abordando não somente temas relacionados à percepção diferente em relação às

motivo da elaboração baseado na seguinte linha de pensamento: a sensação de estranhamento a respeito das estações do ano pelo uso do LD confeccionado em contexto geográfico diferente. Yoshida cita as palavras da Federação de Educação em Hokkaido, como: “Hokkaido tem em sua realidade uma paisagem de neve [em abril, o início de semestre], portanto, professores e crianças estranhavam os materiais que se tratam o florescer das cerejeiras ou os cantos das cotovias⁷¹” (YOSHIDA, 2014, tradução nossa). Se há um estranhamento até em Hokkaido⁷², dentro do próprio arquipélago japonês, é natural que ocorresse a mesma sensação, mas de forma mais intensa, com os aprendizes do Brasil cuja configuração climática distancia-se drasticamente da japonesa. Tal fato seria um dos exemplos que tornavam o LD japonês não familiar aos *nisseis*.

Um segundo ponto problemático a ser levantado é a dificuldade de compreensão do conteúdo nos LDs em questão. Havia a necessidade de notas explicativas dos fatos e termos abordados nos livros, pois como dito anteriormente, eram muito específicos do cotidiano do Japão. Por exemplo, para a palavra “*kotatsu*” seria necessário um verbete que explicasse que se trata de uma mesa com aquecedor usada muito no inverno nos lares japoneses. Takemoto afirma que os LDs japoneses constituem “um grande ônus [para os aprendizes] já começando pela compreensão [de LD]” (*Paulista*

estações de ano, como também sobre topografias, experiências das crianças, transporte, costumes, cultura, eventos e indústrias característicos da região.

⁷¹ Trecho original: “実際は雪が残っている北海道で、桜が咲いたり雲雀が鳴いたりしている教材を学習せざるを得ず、教師も児童もまことに変な気持ちになった”

⁷² O semestre letivo na maior parte do Japão, inicia-se em abril. Por conta disso, supõe-se que a primeira parte dos LDs até então, começava com um conteúdo relacionado à primavera.

Shimbun, 19/11/1959, tradução nossa)

O terceiro ponto é a não necessidade em aprender palavras que só dizem respeito aos residentes no Japão. Conforme Ando (1957): “O que é preciso [os alunos] saberem é dizer em japonês aquelas palavras do português que os *nisseis* usam todos os dias em sua comunicação e em suas leituras”(tradução nossa).

4.2 As ideias para LD a ser elaborado

Neste capítulo estão resumidos os cinco posicionamentos que surgiram antes da publicação do *Nippongo* referentes ao questionamento “como deveria ser o LD de língua japonesa elaborado na colônia japonesa?”.

Assim como foi visto no capítulo 4.1, muitos formadores de opinião e imigrantes em geral criticaram uma série de LDs já existentes, mas foram poucos os que apontaram uma forma concreta em como elaborar um LD para a colônia. Neste estudo foi realizada uma ampla pesquisa em planfletos, revistas e nos três principais jornais da época (ver 2.4.1), porém somente Ando e Okazaki mencionam um quadro geral de um LD. Dessa forma, será explicitado primeiramente o posicionamento de ambos. Apesar de constituírem fragmentos de desejos e opiniões sobre o novo LD, foi possível encontrar pistas em algumas matérias de jornais e revistas. O foco central nesta seção será a apresentação de opiniões e pensamentos de pessoas envolvidas fortemente com a elaboração do novo LD: Ando, Okazaki, Takemoto e Furuno (com exceção de Ando, todos foram membros do corpo editorial da CPLD⁷³), como também professores de língua japonesa cujas opiniões foram consideradas pela CPLD na edição do *Nippongo*.

4.2.1 As ideias de Ando

Ando, em seu folheto *O nissei e o problema da língua japonesa* (1958a,

⁷³ As ideias de outros membros da CPLD como Kato, Sakata, Futatsugi não foram encontradas.

dorovante “o folheto de Ando”), explicita os objetivos do ensino de língua japonesa, o propósito da edição de um LD realizado pela colônia, descrevendo a imagem de um LD ideal. As partes que estiverem sem as fontes citadas nesta seção, referem-se a trechos extraídos deste folheto. Trata-se de um documento que serviu também como base de pesquisa nos estudos de Mori (2009), Santô (2009) Suenaga (2005) e Furusugi (2005) (ver 1.2 e 2.4.1).

Primeiramente, os princípios de Ando sobre o objetivo do ensino da língua japonesa na colônia japonesa podem ser resumidos na seguinte afirmação: “para que haja prosperidade na colônia e no Brasil e a transmissão da cultura japonesa é necessário que haja compreensão mútua e cooperação entre os *isseis* e *nisseis*. Para que *isseis* e *nisseis* criem uma relação estreita é preciso que os *nisseis* aprendam a língua japonesa” (tradução nossa).

Ando apontou dois objetivos de se criar o LD na colônia japonesa: (1) a necessidade da aprovação do governo brasileiro e (2) um conteúdo educativo que fosse eficaz para os *nisseis*.

Em relação ao conteúdo que veremos a seguir, entre as várias propostas levantadas por Ando, a mais enfática é o de “reduzir o número de *kanji* aprendidos”. Ando sugere o uso entre 400 a 500 *kanjis* nos LDs, como vimos no capítulo 3.2.3.2. Para se ter uma ideia, esse número é referente ao nível básico de ensino de japonês votado para os estrangeiros, sendo equivalente aproximadamente ao nível 3 do Exame de Proficiência de Língua Japonesa.

Para que possamos conhecer com mais detalhes como se formou em Ando essa proposta relacionada aos *kanji*, verificaremos também os textos que ele escreveu nas revistas *Esperança* e *Jidai*. Pela revista *Jidai* de 1949,

percebemos que por Ando ter tido uma experiência no ensino do português para filhos de japoneses, como também ter convivido com *nisseis* adultos, percebeu alguns problemas relacionados à aprendizagem da língua japonesa pelos *nisseis*. Esses problemas seriam: a falta de vocabulário, a pronúncia incorreta e o fato de não conseguirem escrever uma carta que expressasse os próprios sentimentos (ANDO,1949). Segundo a análise de Ando, a causa desses problemas seria o foco demasiado na aprendizagem de *kanji* que ocorria no ensino da língua japonesa. Por exemplo, o motivo da falta de vocabulário seria o grande esforço gasto com o aprendizado de *kanji*, negligenciando-se o enriquecimento do vocabulário. No que se refere à pronúncia incorreta, Ando afirma que os professores não conseguiam perceber os erros por se concentrarem no ensino de *kanji* realizado logo no início do processo de aprendizagem. Além disso, o problema relacionado à impossibilidade de escrever uma carta que expressasse os verdadeiros sentimentos se devia à atenção excessiva que se demandava em escrever os *kanji*, visto que o aluno não aprende um modo de se expressar em linguagem simples com menos quantidade de *kanji* (ibidem).

A ineficácia do ensino de japonês focado na aprendizagem de *kanji* é confirmado por Ando pela sua vivência com os *nisseis* adultos. Isso porque foi percebido pelo autor que a maioria dos *nisseis*, quando finalizavam o curso de japonês, acabavam por esquecer os *kanjis* aprendidos na escola (ANDO, 1956). Constatou que somente com os *kanjis* ensiados nas escolas japonesas, o *nissei* não tinha competência suficiente em ler textos escritos destinados para adultos, tal como os jornalísticos, e ainda, havia o agravante de que eram poucos os livros com o uso de *kanji* mais fáceis que poderiam ser lidos por

eles. Como consequência, os *nisseis* deixavam de ler em japonês, resultando no esquecimento dos *kanji*.

Isto posto, Ando defende que o ensino de língua japonesa na colônia japonesa não deveria ter como objetivo o desenvolvimento da competência em leitura almejando-se o nível de um adulto para se ler livros e revistas japonesas. Esse objetivo deveria ser direcionado somente para um grupo seleto de pessoas, e o LD deveria ter como meta ensinar unicamente o ensino básico completo.

Neste ponto, emerge um questionamento. Será mesmo possível, sem conseguir ler um livro em japonês, a “transmissão da cultura japonesa” que é o objetivo no ensino de língua japonesa, para Ando? Para tanto, será investigado com detalhes qual seria a maneira de se “transmitir a cultura” pensada por Ando. De acordo com Ando, só é possível conseguir “transmitir a cultura” através do “estreitamento da relação entre *issei* e *nissei*”. No entanto, percebe-se que quando Ando diz “relação entre *issei* e *nissei*”, ele se refere principalmente à “relação pai e filho”⁷⁴. Esta “relação” não é aquela indireta intermediada por leitura de livros e revistas, mas sim uma relação direta estabelecida face a face ou por interações como a troca de cartas onde há a transmissão de sentimentos. Assim, a habilidade de se ler um livro japonês sobre a cultura japonesa constituiria algo desnecessário para Ando, e a disponibilização desses livros em língua portuguesa seria o ideal para que os

⁷⁴ Tal suposição pode ser constatada no folheto de Ando onde lê-se: “O *nissei*, para o *issei*, é seu filho. Mas o *issei* aqui no Brasil é um estrangeiro que veio como imigrante, sendo o *nissei* um brasileiro. São esses estrangeiros e brasileiros, entrelaçados em um relacionamento consanguíneo de pai e filho que vão construir uma comunidade peculiar chamada a *colônia japonesa nikkei*” (ANDO, 1958a, tradução nossa).

nisseis pudessem ler. Afirma Ando:

[Sobre a maneira de aprofundar a compreensão e o interesse em relação à cultura japonesa do *nissei*] [...] publicando-se vários livros sobre literatura, geografia e história, entre outras coisas relacionadas à cultura japonesa em uma língua compreensível, que seria o português, seria suficiente para alcançar esse objetivo.

(ANDO, 1958a)

Como verificada na opinião de Ando em *Jidai* de 1947, a sua interpretação do conceito de “cultura” é amplo: “religião, arte, literatura, moral, costume, lei, ciência, o chamado sistema de produtos de uma cultura ou civilização de uma nação”(tradução nossa). Considerando-se esse conceito amplo de cultura, a leitura não possui um papel essencial na transmissão das atividades japonesas. Por exemplo, “a moral e os costumes” são passíveis de serem transmitidos na vida cotidiana, entre pais e filhos, desde que haja um bom relacionamento e o mesmo pode ser considerado em relação à “religião e à arte”. Além disso, a transmissão de conceitos relacionados à “literatura, leis, ciência e nação”, segundo Ando, é possível de se realizar apenas com a leitura de obras traduzidas para o português.

Segundo Ando, para que seja valorizada a construção de uma boa relação entre os *issei* e *nissei*, dentre as quatro habilidades linguísticas a serem desenvolvidas, o falar e o escrever com poucos *kanji* seriam as mais importantes para LD da colônia japonesa.

Outros pontos específicos abordados por Ando são: o princípio de que o LD fosse trabalhado durante um período de quatro anos e de que fossem adotados três materiais para sua elaboração – o LD de Japão, o LD do Brasil e

textos escritos na colônia japonesa. Propõe também um aprendizado da língua japonesa que desenvolva a “habilidade de tradução” – o que para Ando constituiria algo realmente útil para o Brasil, porém nenhum plano concreto foi apresentado. Ainda, reflete sobre os resultados não expressivos do ensino de japonês que ocorria até então, declarando a necessidade de um ensino de língua japonesa como língua estrangeira na colônia japonesa.

No folheto de Ando, não pode ser verificada nenhuma menção sobre duas questões que se tornaram temas centrais nas discussões que surgiram após o início da edição do LD: os prós e contras do uso de empréstimos lexicais do português e a ordem no ensino dos fonogramas japoneses. Apesar de não reportar sobre esses assuntos no folheto, podemos deduzir que para o autor, era natural que o empréstimo lexical do português fosse utilizado no LD, assim como o ensino de *katakana* fosse realizado antes do *hiragana*. Isso porque, de acordo com o texto do próprio autor, publicado na revista *Kaihô*, quando Ando era membro da RELJ e trabalhava na edição do LD, mencionou que naquele momento [processo de edição do LD] estava trabalhando na elaboração de textos com o uso de uma “língua brasileira escrita em *katakana*” - empréstimos lexicais do português - e de que estava formatando o LD de modo que os alunos aprendessem antes o *katakana* (Ando, 1958b).

Observamos assim que entre as diversas opiniões de Ando, são dois os principais fios condutores: 1) de que é necessário diminuir a quantidade de *kanji* a ser ensinada - já que o foco excessivo do ensino na aprendizagem de *kanji* pode se tornar um empecilho no processo de aprendizagem da base da língua japonesa e 2) de que para que seja possível a transmissão cultural realizada pela interação entre os *issei* e *nissei*, seria ideal o trabalho na

aquisição das habilidades “fala” e “escrita” (esta última com o uso de poucos *kanji*, mas que permita a expressão de sentimentos), sendo que o objetivo do ensino não teria como foco a leitura. As sugestões de Ando podem ser consideradas consistentes, uma vez que partem inicialmente do objetivo do ensino de língua japonesa – a compreensão mútua entre pai e filho imigrante *nikkei* -, considerando-se sua percepção e análise sobre a dificuldade de aprendizagem da língua pelos *nissei*.

4.2.2 As ideias apresentadas por Okazaki

Okazaki foi diretor da RELJ e membro editorial da CPLD e nesta pesquisa, suas ideias foram pesquisadas nas três publicações seguintes:

- i) *Ikusanga (NICHIGAKUREN, 1966)*⁷⁵
- ii) *Kaihô (BUNKYÔ, março/abril de 1957)*
- iii) *São Paulo Shimbun (31/01/1958)*, em que há a exposição de sugestões assinada por Okazaki em *Nihongokyôikukai de matometa an* [Ideias organizadas na Reunião de Ensino da Língua Japonesa, tradução nossa]

Em i e ii, encontramos o mesmo conteúdo, porém em iii, as ideias estão mais detalhadas, uma vez que além do conteúdo das outras duas publicações (i e ii), foram adicionadas outras sugestões. Apesar do artigo em iii ter sido

⁷⁵ Há uma publicação de sugestão também na edição de 1950, mas não está explícita a autoria do artigo.

publicado como sugestões da RELJ, podemos inferir que na realidade, constituem aquelas orientadas pelo próprio Okazaki. Desta forma, nesta pesquisa, tomaremos a publicação em iii como sendo a exposição dos ideais de Okazaki.

Em ii, Okazaki (1957) expõe que o objetivo de se elaborar um LD na colônia japonesa seria “a necessidade de um LD em conformidade com o ambiente do dia a dia do *nissei*” (tradução nossa).

Um ponto divergente entre Okazaki e Ando, tal como visto em 3.2, recai sobre a quantidade de *kanji* a ser ensinada no LD. Em iii, Okazaki (1958) argumenta a favor da inclusão de todos os “*kanji* para fins educacionais e dos *kanji* de uso diário”⁷⁶. Ressalte-se que se considerarmos os 881 *kanji* para fins educacionais, esse número já constitui o dobro da quantidade sugerida por Ando.

Em relação ao conteúdo, Okazaki sugere a inserção de tópicos relacionados a Estudos Sociais (Educação Moral)⁷⁷ no LD (ibidem). Por Estudos Sociais, Okazaki pode estar se referindo à disciplina do currículo escolar do ensino primário japonês em que se incluem geografia, história, política econômica e vida cotidiana. E por Educação Moral, a disciplina com o mesmo nome oferecido no ensino fundamental no Japão. Entretanto, Okazaki não detalha como seriam trabalhados esses conteúdos.

No tocante aos textos a serem utilizados para o LD, expõe que nos níveis elementares, poderiam ser coletados no cotidiano brasileiro e que nos

⁷⁶ Na realidade, na lista dos 1850 *kanji* de uso diário, incluem-se os 881 *kanji* para fins educacionais. Desse modo, falta um esclarecimento sobre este argumento de Okazaki.

⁷⁷ O texto original em japonês: *Shakaika (Dôtoku Kyôiku)*.

níveis mais avançados, poderiam ser ensinados conhecimentos relacionados à cultura japonesa e ao mundo. Revela também que na elaboração do novo LD dever-se-ia usar como referência os LDs do Japão e do Brasil, assim como os textos coletados no cotidiano brasileiro e da colônia japonesa (ibidem).

Os pontos defendidos por Okazaki seriam: ensino de *katakana* antes do *hiragana*; elaboração de 4 volumes para o ensino infanto-juvenil⁷⁸; elaboração de 2 volumes de um manual de autoestudo em português voltado para os estudantes; elaboração de um LD voltado aos estrangeiros [brasileiros]⁷⁹ e a necessidade da revisão do LD durante o processo de edição por alguma autoridade do Japão (ibidem). Não foi encontrada menção alguma sobre o uso de empréstimos lexicais do português no LD.

Com base nas ideias expostas nas publicações mencionadas, perceber-se que a imagem ideal de um LD de Okazaki é apresentada de forma fragmentada, não aprofundando quais são os objetivos educacionais.

4.2.3 As ideias de Takemoto

Apesar de Takemoto ter sido um dos membros efetivos da CPLD, foram encontradas somente opiniões fragmentadas no que se refere a um posicionamento sobre a concepção de um LD antes de sua entrada na Comissão.

⁷⁸ Na sugestão apresentada em ii, encontramos a menção a 1 volume para o ensino infantil, 3 volumes para o ensino fundamental I e 2 volumes para o ensino juvenil.

⁷⁹ Pelo contexto do texto e pelo uso da palavra japonesa “*gaijin*” na comunidade japonesa no Brasil, acreditamos que esse termo “estrangeiro”(gaikokujin) significa “brasileiro não descendente *nikkei*”.

Primeiramente, podemos citar sua fala em um debate realizado por dois professores de língua japonesa no qual foi mediador: “Se formos considerar a necessidade de um LD adaptado às crianças daqui, não há outro modo, a não ser editar por aqui” (*Nippaku Mainichi Shimbun*, 31/05/1956, tradução nossa). Takemoto expõe sua opinião quanto à edição de um LD adequado ao *nissei*, porém não detalha como isso pode ser realizado.

Em 1954, na revista *Kôya no Hoshi*, há um texto longo no qual Takemoto compara o LD *Sakura* e o LD Yanagita. Nesse texto transparece o pensamento do autor de que o LD deveria ter como objetivo o desenvolvimento de uma competência em leitura no nível de um adulto e que para tanto, seria pertinente que a criança aprendesse uma grande quantidade de *kanji*. Tal ideia seria uma exposição crítica a pouca quantidade de *kanji* do LD Yanagita que é reforçada também na seguinte afirmação:

“Aqueles que passam pelo currículo escolar de língua materna, após a conclusão do ensino fundamental 1 [ensino primário], precisam ser capazes de ler e compreender jornais e revistas [...] considerando-se a quantidade de vocabulário e de *kanji* do novo LD [LD Yanagita] [...] e observando-se os diversos textos jornalísticos existentes, espera-se que a compreensão desses configure algo problemático” (TAKEMOTO, 1954a, tradução nossa)

Destarte, há como se confirmar dois pontos defendidos por Takemoto em meados de 1950: (1) a necessidade da edição de um LD adequado aos *nisseis* e (2) o ensino de uma grande quantidade de *kanji* para o desenvolvimento da competência em leitura.

4.2.4 As ideias de Furuno

Logo após a RELJ iniciar suas atividades, foi publicado um artigo de Furuno no *Paulista Shimbun* (04/09/1957), criticando essa reunião. Nesse texto, Furuno alegou que nos LDs “faz-se necessário o uso de todos os 881 kanji para fins educacionais”, e ainda que “o ideal é que o guia de orientação de ensino seja escrito em português” (tradução nossa). Assim, foi possível confirmar os seguintes dois pontos defendidos por Furuno em 1957: (1) que todos os 881 *kanji* para fins educacionais devem ser incluídos no LD e (2) que o guia de orientação educacional seja confeccionado à parte e em português.

4.2.5 As opiniões de professores que serviram como referência para a edição do LD

As opiniões dos professores influenciaram a política editorial da CPLD. São aquelas expostas por profissionais que atuavam em escolas e que eram membros da *Nichigakuren* (ver 3.2.4.5). Isto posto, apresentamos o resultado de um questionário aplicado a 34 professores que participavam de um curso na *Nichigakuren* que aconteceu em dezembro de 1959⁸⁰. Em relação à pergunta: O que você espera do novo LD? – foram obtidas as seguintes respostas, ordenadas de 1 a 10, em ordem decrescente.

1. Um material de ensino que encaixe perfeitamente na vida do *nissei*.
2. Que seja incluído também uma parte de educação moral
3. Um material de ensino que misture os elementos culturais brasileiros e japoneses

⁸⁰ De acordo com *Ikusanga* (NICHIGAKUREN, 1966), o curso para professores acontecia uma vez por ano naquela época e, nesse ano de 1959 foi no dia 16 até 22 de dezembro.

4. Que tenha bastante histórias infantis
5. Algo que possa dar esperança às crianças
6. Que se inclua também o aspecto religioso
7. Que haja consulta com os professores atuantes [no momento da edição do LD]
8. Que seja um material voltado não só aos *nikkeis*, mas também aos brasileiros
9. Que seja inserido textos que apresentam o Japão nos níveis mais avançados
10. Material com o japonês preciso. Sou contra ao uso do *koroniago*

(*Paulista Shimbun*, 12/2/1960 apud SUENAGA, 2005, p.43, tradução nossa)

Percebe-se pelas respostas acima que são muitas as opiniões acerca de tópicos e de conteúdo didático (1,2,3,4,5,6,9). Pode-se também constatar que há dois pontos que convergem para a sugestão apresentada por Okazaki: a inserção da educação moral e a inserção de conteúdo sobre o Japão nos níveis mais avançados.

Nesse mesmo questionário, ao serem indagados sobre a ordem de ensino dos *kana*, 88% dos professores expuseram sua preferência em ensinar o *katakana* primeiro (*Paulista Shimbun*, 12/02/1960). Os motivos por esse favoritismo seriam: (1) maior facilidade de aprendizagem pelas crianças; (2) grande necessidade no ensino, pois a possibilidade de usá-los no Brasil é grande e (3) importância do ensino de *katakana* antes de *kanji* (ibidem).

Sobre esses motivos, podemos complementar com as seguintes reflexões. (1) Quando os professores alegam que o *katakana* é mais fácil de aprender pelas crianças, há uma possível crença de que os traços mais retos do *katakana*, em oposição ao *hiragana* que é curvilíneo, sejam mais fáceis de serem apreendidos pelos alunos. (2) A alta frequência de uso dos *katakana* referido pelos professores pode estar relacionada do modo de grafar nomes de regiões brasileiras ou de pessoas. (3) Supõe-se que os professores achem

necessário ensinar *katakana* antes de introduzirem os *kanji*, pelo fato do *katakana* ser formado a partir de uma parte dos *kanji* (por exemplo, ao se ensinar o *kanji* “江”, pode-se explicar que no lado direito aparece o *katakana* “エ”).

Outro ponto que é particularmente curioso é que havia professores contra o uso do *koroniago*. Pressupõe-se que o *koroniago* ao qual eles se referem seja o vocabulário com empréstimo lexical do português.

Apesar de nesse questionário não ter havido comentários sobre a quantidade de *kanji* a ser ensinada, é possível afirmar que os professores desejavam uma quantidade maior que a apresentada no LD do Japão. Tal fato foi registrado no Sumário da CPLD & ACBJ (ver 2.4) apresentado após conclusão da edição do *Nippongo*, onde se lê:

“Ao coletarmos as opiniões de profissionais da área da educação e dos professores em atuação em diferentes regiões, há uma considerável quantidade de vozes de que no LD da colônia, é favorável que se use os *kanji* em maior proporção que o LD japonês utilizado no Japão no momento atual” (CPLD & ACBJ, 1961, tradução nossa).

Resumindo, há 7 aspectos que podem ser confirmados sobre o que os professores desejavam em relação ao novo LD: (1) um LD adaptado ao cotidiano do *nissei*; (2) um conteúdo adequado ao *nissei* com a inserção de: aspectos culturais do Brasil e do Japão, histórias infantis, material que promova esperança nas crianças, educação moral, religião e informações sobre o Japão; (3) uma aprendizagem da escrita que se inicie com o *katakana*; (4) uma maior abrangência em relação à quantidade de *kanji*; (5) um material que

possa ser utilizado com os brasileiros e não somente com os descendentes; (6) o estabelecimento de uma comunicação prévia com os professores em atuação antes da edição, e (7) o não uso do *koroniago*.

4.2.6 Resumo

Quadro 7: Quadro comparativo das opiniões acerca do LD

	ANDO	OKAZAKI	TAKEMOTO	FURUNO	PROFESSORES
Objetivo do ensino de japonês	1) Relação próxima entre isseis e nisseis 2) Transmissão da cultura japonesa	—	—	—	—
Objetivo da elaboração do LD	1) Aprovação pelo governo brasileiro 2) Necessidade de um material eficiente para os nisseis	Necessidade de um material adequado ao ambiente vivido pelos nisseis	Necessidade de um material adequado aos nisseis	—	—
volumes	A serem ensinados em 4 anos	4 volumes para o ensino infantil-juvenil	—	—	—
quantidade de kanji	400 - 500	mais de 881	bastante	881	bastante
habilidades a serem desenvolvidas	falar, escrever	—	foco na leitura	—	—
Ordem dos kanas	—	Primeiro o katakana	—	—	Primeiro o katakana
Fontes de materiais dos textos	1) LDs brasileiros 2) LDs japoneses 3) textos da koronia	1) LDs brasileiros 2) LDs japoneses 3) fontes retiradas do Brasil e koronia	—	—	—
Temas dos textos	1) O cotidiano do nissei 2) Temas relacionados à koronia	1) O cotidiano do nissei 2) Cultura japonesa 3) Conhecimento do mundo 4) Estudos Sociais	—	—	1) Ajustados à vida do nissei 2) Cultura brasileira e japonesa 3) Histórias infantis 4) Conteúdo que promova esperança às crianças 5) Educação moral 6) Religião
Empréstimo lexical do português (koroniago)	—	—	—	—	Algumas vozes contrárias
Outras sugestões	Aprendizagem de tradução; ensino do japonês como língua estrangeira	Possibilidade de uso pelos brasileiros; elaboração de um manual para auto-estudo	—	Elaboração de um guia de orientação para os aprendizes	Possibilidade de uso pelos brasileiros
Meios de edição	—	Solicitação de colaboração das autoridades japonesas	—	—	Consulta aos professores atuantes

Entre os 5 posicionamentos, somente Ando possui uma posição assertiva em relação aos objetivos do ensino de língua japonesa. O que há em comum entre os pontos de vista entre Ando, Okazaki e Takemoto é que os três advogam por um LD que se adeque ao *nissei*. Contudo, Ando dá ênfase em um LD que seja eficaz à aprendizagem do *nissei* enquanto Okazaki ressalta que o LD deve ser adaptado ao cotidiano do *nissei*. Mas ao considerarmos que ambos se referem a uma adequação do conteúdo para facilitar a aprendizagem do aluno *nissei*, ambas as argumentações possuem o mesmo sentido.

Sobre a quantidade dos *kanji* a ser ensinada, excetuando-se Ando, uns defendem que o novo LD deve apresentar a mesma quantidade (Okazaki e Furuno) ou um pouco a mais que o LD de japonês como língua materna (Takemoto e professores). E em relação ao *koroniago*, não há uma sustentação assertiva a favor dos empréstimos lexicais do português em nenhum deles. Apesar de Ando, Okazaki e os professores opinarem a favor de um material que possa ser utilizado também para os brasileiros, não há a sugestão de nenhum plano concreto para que isso se realize.

São dois os aspectos em que há a convergência dos ideais de Ando e Okazaki: a base de informação para a elaboração do novo LD (LD do Japão, LD brasileiro e materiais produzidos pela colônia) e a necessidade de um conteúdo em concordância com a vida do *nissei*. Entretanto, possuem opiniões divergentes em relação à quantidade do uso de *kanji*, que é pertinente para determinar o conteúdo educacional. Percebemos também que há muitas opiniões em comum entre Okazaki e os professores.

4.3 Detalhes da política editorial da CPLD no momento da publicação do *Nippongo*

Para que possamos entender a política editorial da elaboração do LD *Nippongo*, recorreremos à explicação dada no Sumário da CPLD & ACBJ⁸¹ (CPLD & ACBJ, 1961). As citações não especificadas nesta seção serão aquelas obtidas nesse folheto.

Primeiramente, ao resumirmos o que foi escrito sobre os objetivos do ensino de língua japonesa temos:

“Para que a colônia japonesa prospere é preciso que haja uma mútua colaboração em conectar as gerações *issei*, *nissei* e *sansei* nos aspectos econômicos e culturais. Para isso, faz-se necessário a compreensão mútua, justificando-se assim, a aprendizagem da língua japonesa pelo *nissei*. [...] Ao aprenderem japonês, os descendentes *nikkeis* irão aprender também a cultura e as habilidades técnicas do Japão, e assim, desejamos que esses ajudem no desabrochar da cultura brasileira.[...]”.(CPLD & ACBJ, 1961, p.1, tradução nossa)

Observa-se assim que a prosperidade da colônia japonesa e a contribuição ao Brasil são os dois grandes objetivos mencionados.

No que se refere à explicação do tema central do *Nippongo*, fala-se em democracia e humanismo. A partir desse ponto de vista, amplia-se para “formação de um povo brasileiro que se posicione frente à prosperidade do Brasil”, como também para “*formação humana que visa o ideal da humanidade*”

⁸¹ Foi constatado nesta pesquisa que neste folheto de 1961, foi usado o mesmo texto do panfleto editorial de 1959 da CPLD em *Nihongo kyôkasho kankôkai no jôkyô* [Condição do Grupo de Publicação de LD de Língua Japonesa], citado em Mori (2009).

do mundo”. Fala-se também não mais em formação de “um espírito japonês”, mas na construção de um “*espírito elevado admirável por todas as pessoas*”.

Sobre os objetivos de se elaborar um LD na colônia, há três pontos levantados nesse documento: 1) aprovação pelo governo brasileiro; 2) necessidade de um LD que esteja em acordo com a realidade do Brasil e da colônia japonesa, e 3) inclusão de conteúdos de Estudos Sociais e Ciências.

A seguir, apresentaremos os detalhes sobre o conteúdo encontrados no Sumário da CPLD & ACBJ.

Período de aprendizagem: de 4 anos, sendo recomendado trabalhar 2 volumes em 1 ano.

Quantidade de *kanji*: 652 *kanji* no total. Estão incluídos os 563 *kanji* para fins educacionais que devem ser aprendidos até a quarta série do ensino fundamental do Japão, além de mais 89 outros *kanji*.

Habilidade linguística: desenvolvimento das quatro habilidades “falar, ouvir, ler e escrever”, iniciando-se com as habilidades “falar e ouvir” migrando-se aos poucos para “ler e escrever”. Entretanto, mesmo nos níveis elementares observa-se que há o investimento na escrita, pois encontra-se no Sumário da CPLD & ACBJ o seguinte objetivo: “ser capaz de escrever textos informativos simples e descrições objetivas”. Nos níveis mais avançados há a ênfase na leitura como se observa em: “desenvolver a proficiência em leitura de materiais gerais”.

Aprendizagem do *kana*: inicia-se com o *katakana*, passando-se em seguida para o *hiragana*. No primeiro volume, explora-se a aprendizagem de todos os *katakana* somando-se mais 24 *kanji* e no segundo volume, há a introdução do

hiragana.

Incorporação de empréstimos lexicais do português: de acordo com o Sumário da CPLD & ACBJ, diz-se que “nos níveis elementares faz-se o uso de algumas palavras do português que talvez sejam de uso comum na colônia”.

Base de coleta de informação para a elaboração do LD: buscou-se conteúdo relacionado ao Brasil (inclui-se a colônia japonesa), ao Japão e ao mundo.

Gêneros textuais: histórias infantis, narrativas, biografias, textos escritos por crianças, textos informativos e textos descritivos.

Os fundamentos de escolha dos textos: a CPLD justifica em parte relatando sobre os gêneros textuais. Informa que foi “evitado o uso de histórias infantis, narrativas e biografias japonesas, gêneros esses que enfatizam comportamentos peculiares dos japoneses”. Explica ainda que foram escolhidos textos que “possuíssem a beleza da humanidade, e também características que pudessem ser admiradas por toda a humanidade, tais como força e honestidade”.

Conteúdo: nos níveis elementares (volumes 1 a 4), diz-se explorar “*katakana*, *hiragana*, e foco nas formas básicas da língua japonesa”. Os textos seriam elaborados com temas “próximos e de fácil identificação pelas crianças cujos objetivos sejam o enriquecimento emocional e de aquisição”, como também o aumento do interesse no estudo da língua. Já nos níveis mais avançados (volumes 5 a 8), a escolha do conteúdo teve como fundamento “a construção de conhecimento com base no que foi aprendido até então, de modo que se expresse os objetivos da Comissão Editorial, enumerados no Sumário como: “espírito colaborativo, amor à terra, cultivo do patriotismo, desenvolvimento da

capacidade de decisão e do cultivo do espírito que preze a honestidade, a tolerância e o voluntariado; conhecimento rumo à sociedade científica”. Além desses, fala-se também em reflexão crítica e expansão da experiência direta e indireta. São aspectos relacionados à formação humana e há uma relação profunda com a disciplina Educação Moral ministrada pelas escolas do Japão.

Textos sobre Estudos Sociais: nos níveis elementares trata-se de uma área próxima da realidade do aluno, tais como “lar, vizinhança, parentes e escola”. E nos avançados, amplia-se essa área com temas como “nossa comunidade, nosso país, o Japão e o mundo”. Esses tópicos também estão intimamente relacionados às disciplinas Estudos Sociais, vida cotidiana e geografia do currículo escolar japonês. Nos níveis avançados trata-se também de textos da área de história, tais como “vida na antiguidade, evolução da humanidade, vida nos tempos modernos”, e ainda, temas com personalidades históricas e a história da colônia japonesa.

Textos sobre Ciências: nos níveis mais elementares, há conteúdos como “animais domésticos, vegetais e legumes para uso na cozinha”, como também temas que estimulam a capacidade de observação: “zoológico e plantas comuns que podem ser encontradas no Jardim Botânico”. Nos níveis avançados, foram selecionados os seguintes temas: “espécies de peixes, de insetos, répteis, micróbios, meios de transporte e meios de comunicação”. Podendo-se observar que há uma ênfase na aprendizagem de biologia.

Com base no que foi apresentado no Sumário da CPLD & ACBJ podemos verificar que o *Nippongo* é um LD com uma grande quantidade de *kanji* em relação aos LDs oriundos do Japão depois da segunda-guerra e que

tem a leitura como a principal habilidade linguística a ser desenvolvida. Ainda, nos níveis elementares, há a ênfase na aprendizagem da língua com temas próximos à realidade dos alunos. Por outro lado, nos níveis mais avançados, o foco recai sobre o conteúdo que tratam de temáticas ligadas à Educação Moral, Estudos Sociais e Ciências.

4.4 Diferença entre a concepção e a execução do LD

Nesta seção examinaremos o processo de elaboração editorial comparando-o com as sugestões prévias que surgiram antes da elaboração do LD, e considerando a explicação apresentada pela própria comissão. Trata-se de um estágio importante no qual ocorrem as escolhas do conteúdo do material didático. Portanto, nesta pesquisa, foram analisados 5 aspectos apresentados pela própria CPLD: objetivo do ensino de língua japonesa, objetivo da elaboração do LD, escolha dos textos, empréstimo lexical do português e ordem de aprendizagem dos *kana*. As citações sem referência serão aquelas obtidas pelo Sumário da CPLD & ACBJ (1961).

4.4.1 Objetivos do ensino de língua japonesa: habilidades linguísticas a serem desenvolvidas e a quantidade de *kanji*

São dois os objetivos do ensino de língua japonesa levantados pela CPLD: 1) a mútua compreensão e colaboração entre as gerações issei, nissei e sansei para a prosperidade da colônia japonesa e 2) a aquisição da língua japonesa e aprendizagem da cultura e tecnologia japonesas para contribuição ao Brasil. À primeira vista, esses objetivos parecem ser literalmente os apontados por Ando. Entretanto, o que a CPLD entendia por transmissão da cultura e habilidade japonesa diferia substancialmente do entendimento de Ando – o que resultou na elaboração de um LD que se distanciava das suas propostas.

Como visto em 4.2.1, Ando focava os seguintes dois pontos por

considerar que a transmissão da cultura ocorria pelo relacionamento próximo entre os *isseis* e *nisseis*: o desenvolvimento da competência comunicativa e o da escrita com o pouco uso de *kanji*, mas que fossem suficientes para a transmissão de sentimentos, ressaltando que a competência em leitura de textos destinados a adultos não deveria ser o foco do ensino. Por outro lado, a CPLD assumiu a posição de que a transmissão da cultura ocorreria pelo acesso à cultura japonesa através de leitura dos textos em japonês. Esta linha de pensamento pode ser comprovada pela seguinte afirmação de Takemoto publicada no *Paulista Shimbun*, logo após a publicação do *Nippongo*: “Para nós, seria gratificante que as crianças tomassem como base este LD para se tornarem capazes de ler livros e revistas provenientes do Japão, e assim, compreender a cultura japonesa” (*Paulista Shimbun*, 20/04/1961, tradução nossa). Em outras palavras, a CPLD entendia que a “cultura” fosse transmitida pela leitura, o que torna compreensível o porquê da grande quantidade de *kanji* utilizada no *Nippongo*. Nas publicações japonesas de impressos destinados a adultos, é utilizada uma quantidade enorme de *kanji*, e para que houvesse um desenvolvimento da competência em leitura, a aprendizagem desses logogramas era entendida como algo muito importante.

Além disso, ao verificarmos a linha de pensamento apresentada pelos membros da CPLD antes da edição do *Nippongo*, é constatado que Okazaki, Furuno e Takemoto apoiavam o foco na aprendizagem de *kanji* no ensino da língua japonesa. Ao compararmos com o LD até a quarta série do primário usado no Japão na época, verifica-se que o *Nippongo*, apesar de compor uma série de volumes a ser ensinada em quatro anos de aprendizagem, apresentava uma quantidade maior de *kanji* que o LD japonês. Essa adoção de

uma grande quantidade de *kanji* foi resultado das opiniões coletadas dos professores atuantes e de educadores pela CPLD (descrito em 4.2.5).

Em suma, podemos dizer que no *Nippongo*, houve uma ênfase na habilidade de leitura cujo objetivo consistia na transmissão da cultura, como também houve o uso de uma quantidade de *kanji* superior aos LDs japoneses pelo fato da CPLD considerar as vozes de professores, já que os próprios membros da comissão achavam isso.

4.4.2 Objetivo da elaboração do LD

Como objetivo da elaboração de um LD na colônia, a CPLD listou três pontos: 1) aprovação pelo governo brasileiro; 2) necessidade de um LD que esteja de acordo com a realidade do Brasil e da colônia japonesa, e 3) abordagem de conteúdos de Estudos Sociais e Ciências.

Sobre o primeiro objetivo, a aprovação pelo governo brasileiro, trata-se de um ponto defendido claramente por Ando. Pode-se dizer que é um objetivo que a CPLD herdou das atividades da RELJ. Já o segundo objetivo, a necessidade de um LD que esteja em acordo com a realidade do Brasil e da colônia japonesa, possuía defensores como Ando, Okazaki, Takemoto e professores de um modo geral, sendo também, um desejo da grande maioria dos imigrantes aqui residentes. E o terceiro objetivo, a abordagem de conteúdos de Estudos Sociais e Ciências, é algo que havia sido previamente sugerido por Okazaki quando esse defendeu que no LD deveria ser incluída a disciplina de Estudos Sociais (Educação Moral do Japão). Para pensar a razão da inserção da disciplina Ciências, podemos utilizar a pesquisa sobre a história

do conteúdo do LD do Japão como referência. Após a era Meiji até a derrota do Japão na segunda guerra, o LD de língua japonesa do Japão publicado apresentava um conteúdo que abarcava de forma integrada os conteúdos de outras disciplinas, como Educação Moral, Cidadania, Geografia e Ciências (KAI, 2012, p.33). Foi somente após a segunda guerra que o LD de língua japonesa passou a ter conteúdo unicamente linguístico e literário. Dessa forma, é possível supor que o *Nippongo* recebeu a influência do modelo de LD japonês do período de antes da segunda guerra, visto que abarcou conteúdos diversos. A inserção de conteúdo como Educação Moral e Ciências também pode estar relacionada à preocupação dos *isseis* da época que consideravam o ensino brasileiro incompleto, de modo geral (3.1.4.2).

4.4.3 Fonte de materiais, processo de escolha e conteúdo dos textos

A CPLD explicou minuciosamente a fonte da coleta de materiais, os fundamentos de escolha dos textos e do conteúdo. Abaixo daremos início a uma análise sobre onde surgiram essas escolhas, bem como relacioná-las com os objetivos, e com o pensamento central da CPLD.

Primeiramente, no que se refere aos materiais de base dos textos usados no LD, podemos dizer que os temas foram buscados pela CPLD no Brasil, na colônia, no Japão e no mundo. Os temas que envolviam o Brasil, a colônia e o Japão faziam parte da sugestão de Ando e Okazaki enquanto que os materiais que tinham como referência o conteúdo de ordem mundial consistiam de proposta da CPLD e baseavam-se no pensamento central do LD de "formação do ser humano que tem como ideal o que é considerado ideal por

toda humanidade do mundo”. Além disso, LDs do Japão como *Sakura* e *Yanagita* eram criticados por seu conteúdo didático ser distante do universo do *nissei* e dificultava sua aprendizagem. Portanto, podemos dizer que a adoção de textos a respeito da colônia foi para fazer com que os nisseis sentissem intimidade com os LDs e que isso facilitasse a aprendizagem.

No que se refere aos fundamentos da escolha dos textos, sua visão se distanciava do ensino pré-segunda guerra que se inspirava no nacionalismo do Japão e pode ser tomado como um indicativo da comissão em ensinar um conteúdo que estivesse de acordo com os conceitos de democracia e humanismo. De forma que se essa explicação foi realizada pela CPLD, é possível que, na época, ainda houvesse na colônia vozes a favor de um conteúdo que dessa atenção à formação do “espírito japonês”, ou seja, de um conteúdo com uma orientação nacionalista. Em relação ao uso de biografias no LD, apesar da CPLD relatar que uma das peculiaridades do *Nippongo* é o fato de terem escolhido personalidades brasileiras, é presumível considerar que isso se tratava de uma estratégia política com o objetivo de conquistar a aprovação do governo do Brasil. Isso parece verdadeiro, pois, posteriormente, o *Nippongo* é traduzido para o português, conseguindo então, a desejada aprovação oficial. Não somente o uso de biografias de personalidades brasileiras, mas também a adoção de conteúdos que remetem ao Brasil pode ser considerada estratégia para a conquista da aprovação oficial do LD pelo governo brasileiro.

A seguir, discorreremos sobre o conteúdo dos textos. A proposta de, nos níveis mais elementares, adotarem-se “conteúdos familiares” está em consonância com as sugestões de Ando, Okazaki e os professores. E no que

refere à escolha de conteúdo que visa à formação de valores morais, tais como “o espírito cooperativo mútuo” para os níveis mais avançados, podemos afirmar que recebeu as influências de Okazaki e dos professores. Há também por trás dessa escolha, o intento da *Nichigakuren*. Vimos em 3.2 que no momento da edição do LD foram coletadas as opiniões dos professores da *Nichigakuren* e de acordo com Morales (2008, p.58), a *Nichigakuren* dava importância a “um ensino que prezava a formação humanística”. Dessa forma, podemos alegar que a escolha de conteúdo sobre educação moral também sofreu a influência das ideias da *Nichigakuren*.

Referências diretas sobre os conteúdos relacionados a Ciências e Estudos Sociais não foram encontradas, portanto, traçaremos nossas considerações relacionando-os com os objetivos do ensino de língua japonesa e da elaboração do LD apontados pela CPLD. Em Ciências, foram selecionados muitos textos relacionados à Biologia, tais como: animais domésticos e vegetais. Apesar da CPLD colocar como um dos objetivos de ensino a “transmissão de tecnologia japonesa”, ao analisarmos o conteúdo de Ciências, é possível de constatar que há uma ênfase maior àquela relacionada a agricultura. Em Estudos Sociais, percebemos tópicos como história, geografia e vida cotidiana “do Brasil, do Japão, da sociedade *nikkei* e do mundo” – o que revela estar em concordância com a justificativa apresentada pela CPLD acerca necessidade de elaboração de um LD que “esteja em consonância com a realidade do Brasil e da colônia japonesa”. Além disso, percebe-se que a intenção de desenvolver um conteúdo que abarque o conhecimento de ordem mundial também está de acordo com as sugestões de Okazaki, bem como com a linha de pensamento central da CPLD.

4.4.4 Empréstimos lexicais do português

As medidas adotadas para o uso de empréstimos lexicais do português que aqui serão apresentadas terão como fontes de pesquisa o Sumário da CPLD & ACBJ e a explicação dada pela comissão editorial publicada no *Paulista Shimbun*, na edição de 22/01/1964, logo após o lançamento do *Nippongo*.

A razão levantada pela CPLD para o uso de empréstimos lexicais do português recai sobre o fato de eles serem muito familiares às crianças *nikkeis* (*Paulista Shimbun*, 22/01/1964 apud SUENAGA, 2005, p.59). Ainda há o esclarecimento de que o uso de termos familiares tem como objetivo a compreensão textual, somando-se o fato de que esses termos, por serem previamente conhecidos pelas crianças, não requeriam explicações adicionais.

“No que se refere às palavras “brasileiras” de cada lição, não há a necessidade de se ensinar uma a uma. Se [o aluno] conseguir ler sem dificuldades e for útil para que ele consiga compreender a ideia geral da lição, já é o suficiente.”

(*Paulista Shimbun*, 22/01/1964, tradução nossa)

A CPLD também explica que os empréstimos lexicais do português que aparecem nos textos de nível elementar irão reaparecer novamente nos níveis mais avançados, mas com os respectivos sinônimos em japonês.

“Essas palavras “brasileiras” apresentadas nos níveis elementares, irão reaparecer em japonês à medida que se prossegue para os níveis mais avançados. Acreditamos ser ideal que nesse momento fosse realizado o ensino desse vocabulário.” (ibidem, tradução nossa)

Como exemplo concreto desse trabalho com o vocabulário, temos a palavra “*mîryo*”[milho] que aparece no LD de nível elementar e o uso de seu sinônimo em japonês “*tômorokoshi*” no LD de nível mais avançado. A explicação da palavra “*mîryo*”[milho], sendo ela já parte do repertório de vocabulário do aluno de nível elementar, não seria necessária. Já a palavra japonesa “*tômorokoshi*”[milho] deveria ser aprendida como um vocábulo novo no nível avançado. Deste modo, compreendemos que o uso de empréstimos lexicais do português não passou de um instrumento para facilitar a leitura de textos. De forma que se tratava de um recurso adicional de auxílio para a compreensão de textos, a medida utilizada para selecionar tais termos se baseou, conforme a CPLD, no uso da “língua brasileira utilizada comumente na colônia”.

Segundo a CPLD, os empréstimos lexicais são usados no LD de níveis elementares e em textos com temáticas familiares. No *Paulista Shimbun* (22/01/1964 apud SUENAGA, 2005, p.59) a CPLD explica que os empréstimos lexicais foram utilizados em textos com temas que se encaixam perfeitamente com os pensamentos e sentimentos das crianças, como também em textos que possam ser úteis à formação do caráter das crianças.

Em suma, os empréstimos lexicais do português que circulavam frequentemente na colônia tinham como objetivo tornar o conteúdo dos textos mais familiares à criança, e conseqüentemente, facilitar sua compreensão.

A importância dada ao uso de termos familiares no *Nippongo* possui duas justificativas. O primeiro ponto tem relação com um problema enfrentado pela área de ensino de língua japonesa na época da edição do *Nippongo*. Nesse período, tinha sido observada a baixa motivação na aprendizagem da

língua pelos *nisseis* (ver 3.1.5.2). Acredita-se que o cuidado da CPLD na elaboração de um LD que fornecesse no nível elementar “uma aprendizagem na qual a criança mostre-se interessada e que a torne capacitada para ler e escrever de modo divertido e fácil” tenha ligação com o problema acima citado. Os empréstimos lexicais do português foram então adotados no *Nippongo* para permitir uma familiarização das crianças com o conteúdo, aumentar sua motivação (em especial as de nível elementar) e facilitar o processo de aprendizagem. Como segundo ponto, podemos afirmar que há relação com a política editorial da CPLD. Nos níveis mais avançados, foram adotados textos de educação moral, ou seja, textos referentes à formação humana, mas esse enfoque também é encontrado nos níveis elementares. Tanto que os empréstimos lexicais também foram adotados para que as crianças tivessem fácil acesso a textos que objetivavam a formação do caráter, tal como explicado pela CPLD.

Baseando-se nessa explicação da CPLD, Suenaga (2005) conclui que a adoção do *koroniago* [empréstimo lexical do português] no *Nippongo* visa à construção de uma identidade própria da colônia japonesa. Entretanto, entendemos que tal associação pode ser algo que ainda mereça ser investigada, não se podendo afirmar com tanta certeza, uma vez que, ao considerarmos as explicações da CPLD, não há menção a essa intencionalidade no emprego de *koroniago*, mas sim a preocupação em utilizá-lo como instrumento de auxílio à aprendizagem da língua japonesa. Mesmo porque o objetivo de aprendizagem no *Nippongo*, conforme viemos descrevendo, não era o japonês da colônia, mas sim, o japonês do Japão.

4.4.5 Ordem de introdução dos *kanas*

A CPLD adotou introduzir primeiramente o *katakana* e depois o *hiragana* – uma ordem inversa do que era realizado no ensino de língua japonesa no Japão da época - sob sugestão de Okazaki e dos professores. Essa ordem de aprendizagem foi discutida durante três meses até ser aceita entre os membros da CPLD, de acordo com Kato (ACBJ, 1979). Takemoto justifica essa ordem de ensino-aprendizagem dos *kana* em um artigo do *Nippaku Mainichi Shimbun* (10/02/1960) onde relata que, de acordo com as opiniões coletadas de professores no período inicial da edição do *Nippongo*, através de questionário aplicado no curso de aperfeiçoamento de professores (ver 4.2.5), essa era a ordem desejada pela grande maioria dos profissionais.

Além disso, essa decisão por parte da CPLD pode ser justificada pelo seguinte trecho noticiado no *Nippaku Mainichi Shimbun* (10/02/1960) : “O LD é algo que pertence à colônia inteira, e dessa forma, não há como ignorar as intenções dos muitos professores atuantes neste processo de elaboração”⁸² (tradução nossa). Se o desejo da maioria dos professores era o de ensinar o *katakana* antes, a CPLD julgou que o LD deveria ser editado respeitando-se essa vontade. Takemoto continua:

“Se o LD ficasse pronto, mas se a maioria dos professores não o adotasse por conta da aparição anterior do *hiragana*, isso significaria um desperdício de todo o esforço da comissão editorial, perdendo-se inclusive o sentido da CPLD.”

(*ibidem*, tradução nossa).

⁸² Trecho original : “教科書はコロニア全体のものであり、多数現職教師の意向を無視してつくられるべきものではない” (*Nippaku Mainichi Shimbun*, 10/2/1960)

Há também a sugestão de que aos que desejassem estudar primeiro o *hiragana*, esses poderiam começar a usar o segundo volume da série (ibidem). Takemoto manteve a mesma justificativa em um artigo do *Paulista Shimbun* (19/11/1959), relatando que a ordem de aprendizagem dos *kana* adotada é resultado da priorização às opiniões dos professores. Além disso, afirma que, devido ao uso de palavras da língua portuguesa em japonês no Brasil, o uso do *katakana* seria algo frequente e de que muitos aprendizes tinham facilidade na aprendizagem desses *kana*.

Apesar dessas outras justificativas apontadas por Takemoto, podemos concluir que a ordem apresentada em *Nippongo*, iniciando-se pelo ensino do *katakana*, foi influenciada principalmente por constituir o desejo da maioria dos professores, visto que seriam esses os principais usuários do *Nippongo*.

4.4.6 Outros pontos a serem considerados

1) Período de aprendizagem: o período estipulado em 4 anos está em consonância com a sugestão de Ando. De acordo com Moriwaki et al., (2010), na década de 1960, havia o problema das crianças abandonarem as escolas japonesas após frequentarem os primeiros 4 a 5 anos do ensino público brasileiro. Essa realidade da época pode ter influenciado na estipulação desse prazo.

2) Proposta de um LD voltado aos brasileiros: Ando, Okazaki e professores haviam sugerido um LD no qual os brasileiros pudessem aprender a língua japonesa. No entanto, tanto as explicações como os comentários em *Nippongo* eram todos apresentados em japonês, não podendo dessa forma ser

considerado adequado à aprendizagem pelos brasileiros.

3) Publicação de um manual para estudo autodidata: apesar de ser uma ideia defendida por Okazaki e Furuno, não houve a publicação. No Simpósio da ACBJ de 1979, o membro efetivo da CPLD, Kato, relatou que havia sido editado um caderno de vocabulário em português e espanhol para os níveis elementares, mas que esse não chegou a ser publicado (ACBJ, 1979). A existência desse caderno pode ser confirmada em janeiro de 2015, ao ser encontrado no acervo da Biblioteca do *Bunkyo*.

4) Aprendizagem para adquirir a habilidade de tradução: apesar de ser uma das ideias de Ando, não há registro entre os posicionamentos da CPLD de que sequer tenha sido considerado durante a elaboração do *Nippongo*.

4.4.7 Resumo

A seguir, segue o mesmo quadro comparativo 7, adicionando-se uma coluna que diz respeito à política editorial da CPLD. As células com fundo cinza são partes que a CPLD adotou.

Quadro 8: Quadro comparativo das opiniões acerca do LD

(com a política editorial da CPLD)

	ANDO	OKAZAKI	TAKEMOTO	FURUNO	PROFESSORES	CPLD
Objetivo do ensino de japonês	1) Relação próxima entre isseis e nisseis 2) Transmissão da cultura japonesa	—	—	—	—	1) Relação de cooperação entre isseis e nisseis 2) Transmissão da cultura e tecnologia japonesas
Objetivo da elaboração do LD	1) Aprovação pelo governo brasileiro 2) Necessidade de um material eficiente para os nisseis	Necessidade de um material adequado ao ambiente vivido pelos nisseis	Necessidade e um material adequado aos nisseis	—	—	1) Aprovação pelo governo brasileiro 2) Necessidade de um material adequado ao ambiente dos nisseis 3) Abordagem de Estudos Sociais e Ciências
volumes	A serem ensinados em 4 anos	4 volumes para o ensino infantil-juvenil	—	—	—	A serem ensinados em 4 anos
quantidade de kanji	400 - 500	mais de 881	bastante	881	bastante	652
habilidades a serem desenvolvidas	falar, escrever	—	foco na leitura	—	—	falara, ouvir, escrever e ler
Ordem dos kanas	—	Primeiro o katakana	—	—	Primeiro o katakana	Primeiro o katakana
Fontes de materiais dos textos	1) LDs brasileiros 2) LDs japoneses 3) textos da koronia	1) LDs brasileiros 2) LDs japoneses 3) fontes retiradas do Brasil e koronia	—	—	—	1) Brasil e koronia 2) Japão 3) mundo
Temas dos textos	1) O cotidiano do nissei 2) Temas relacionados à koronia	1) O cotidiano do nissei 2) Cultura japonesa 3) Conhecimento do mundo 4) Estudos Sociais	—	—	1) Ajustados à vida do nissei 2) Cultura brasileira e japonesa 3) Histórias infantis 4) Conteúdo que promova esperança às crianças 5) Educação moral 6) Religião	1) Cotidiano do nissei 2) Cultura japonesa 3) Estudos Sociais 4) Ciências 5) outros que se ajustem à intenção da comissão editorial
Empréstimo lexical do português (koroniago)	—	—	—	—	Algumas vozes contrárias	Adoção
Outras sugestões	Aprendizagem de tradução; ensino do japonês como língua estrangeira	Possibilidade de uso pelos brasileiros; elaboração de um manual para auto-estudo	—	Elaboração de um guia de orientação para os aprendizes	Possibilidade de uso pelos brasileiros	—
Meios de edição	—	Solicitação de colaboração das autoridades japonesas	—	—	Consulta aos professores atuantes	—

Apesar da opinião de Ando sobre objetivo do ensino de língua japonesa parecer a mesma apresentada pela CPLD, na prática eles se diferenciavam e, portanto, não se pode dizer que os ideais de Ando tenham sido adotados

efetivamente pela CPLD.

Observando o quadro, podemos perceber que a maioria das sugestões apresentadas por Okazaki e pelos professores foi adotada na elaboração do *Nippongo*. As únicas propostas de Ando que foram consideradas pela CPLD foram aquelas que estavam em concordância com as apresentadas por Okazaki. Sendo assim, as sugestões de Ando relacionadas a tópicos fundamentais como objetivo do ensino de japonês, quantidade de *kanji* e habilidades a serem desenvolvidas não foram adotadas pela CPLD.

Capítulo 5. Considerações finais

Nesta pesquisa, seguindo um dos critérios estabelecidos pela Historiografia da Linguística, foram levantados o contexto sócio-histórico e o processo de formação da política editorial do livro *Nippongo*, que foram influenciados por vários fatores a destacar: graças à criação da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, sob a denominação de *Bunkyo* e de outros grupos formados pelos próprios líderes da comunidade nipo-brasileira, no âmbito da educação em ensino de língua japonesa como *Nichigakuren* e Aliança Cultural Brasil - Japão, podemos concluir que as escolas japonesas do período pós-segunda guerra ressurgiram de um período de trevas. Outro ponto importante é que os jornais nipo-brasileiros eram lidos por boa parte dos imigrantes e exerciam grande influência na formação de opinião da sociedade japonesa. Ademais, é um período marcado pelo abrandamento das leis nacionalistas contra estrangeiros, que propiciou que as escolas japonesas retomassem o ensino de língua japonesa, voltando às suas origens, com ampla participação de líderes comunitários e imigrantes japoneses na figura de *Nichigakuren*, que reunia as escolas japonesas.

Em relação ao estado psicológico dos imigrantes, podemos dizer que a partir do momento em que estes decidiram permanecer definitivamente no Brasil, alterou-se o rumo da educação de seus filhos, já citado por diversos pesquisadores. Em primeiro lugar, eram muitos os imigrantes que, ao abrirem mão de retornarem ao seu país, carregavam o forte desejo de transmitirem a língua e a cultura japonesa aos seus filhos. Entretanto, os *isseis* perceberam

que a motivação dos *nisseis* nos estudos de língua japonesa era baixa, instaurando-se um clima de apreensão. Concomitante a essa preocupação, os líderes da época buscaram solucionar o problema de se ensinar uma língua proibida com a criação de um LD original que atendesse os descendentes brasileiros, mas correspondesse às exigências das autoridades educacionais brasileiras com o intuito de obter autorização legal.

Neste contexto, Ando foi uma figura proeminente que tentou quebrar um paradigma vigente da época, ao questionar o sistema de ensino baseado na memorização dos logogramas. Foi um líder, como já foi dito por diversos pesquisadores, e suas ideias abriram portas para um intenso debate sobre o assunto na mídia impressa da colônia em especial no *Paulista Shimbun*. Aparentemente suas ideias de ensino tinha a aprovação de muitos conterrâneos, mas no estágio da elaboração do livro em concreto, notamos que surgiram divergências de opiniões quanto ao conteúdo dentro da própria RELJ, grupo liderado por Ando. As atividades então acabaram por estagnar por conta da mudança drástica proposta por Ando, com um ensino de japonês focado na conversação, com a redução da quantidade de *kanji* a ser abordados e essa ideia não vingou. Havia um paradigma indestrutível e quase indiscutível na colônia japonesa de que os nipodescendentes deveriam aprender um conteúdo denso que não fosse tão distante dos jovens japoneses mesmo tendo uma realidade linguística e cultural diferente.

Além de mais, com a ausência de Ando que se retornou ao Japão, foi estabelecida uma nova comissão de LD (CPLD) com membros renovados. Estudamos os integrantes da CPLD e constatamos que na prática prevaleceram as opiniões de professores atuantes e de pessoas relacionadas

ao ensino de língua japonesa, pois o objetivo era de que esses fizessem o uso do *Nippongo*. Nesse sentido, revelou-se haver uma grande crença de que o ensino de japonês deveria ser feito através da leitura, com aquisição de bastantes *kanjis*. A grande maioria dos educadores que opinaram foram professores remanescentes do pré-guerra e essa característica pode explicar tal atitude, além de reforçar que as crenças da época contribuíam para perpetuar tal sistema de ensino.

Entretanto, não podemos deixar de enumerar aspectos inovadores do novo LD, *Nippongo*. Esses aspectos são ligados a contexto sócio-histórico da época. A CPLD adotou textos com conteúdo que despertasse interesse dos aprendizes, como assuntos familiares do cotidiano do imigrante para os nisseis, com a inserção de empréstimos lexicais do português. No que se refere à adoção de textos sobre o Brasil, podemos dizer que foi uma estratégia dos imigrantes em inserir assuntos brasileiros para viabilizar a aprovação por parte das autoridades educacionais do governo brasileiro. Outro ponto importante é que a CPLD evitou os textos ligados ao pensamento nacionalista dos japoneses, apesar das vozes de professores atuantes favoráveis ao tema.

Comparando os LDs utilizados anteriormente à publicação do *Nippongo*, podemos dizer que houve uma continuidade do ensino do pré-segunda guerra em relação ao foco nos *kanjis* e na aprendizagem dos *kanas*, mas também a adoção de uma nova abordagem com a introdução de empréstimos lexicais do português e a inserção de textos com tópicos mais abrangentes, bem como relacionados ao Brasil constituindo-se características de uma ruptura do modelo vigente.

Nesse sentido, a partir da formação da CPLD, esta assumiu

comportamentos diferentes de acordo com o que analisamos, distanciando-se das ideias iniciais de Ando e mantendo os modelos tradicionais de ensino da época, mostrando o quanto a escrita era considerada importante na aprendizagem da língua japonesa.

Registramos que o trabalho minucioso de buscar em fontes primárias da época, entre as quais jornais e informações qualitativas que normalmente não vêm à tona, viabilizou o entendimento do clima de opinião da época, dos estratégias engendradas pelos professores e autores na elaboração de livros didáticos, e que a história é feita de homens motivados por suas convicções. Inferimos que a formação linguística e crenças arraigadas na forma de aprender a sua primeira língua foram transferidas na forma de ensinar, dado o perfil geracional dos autores. E nesse sentido, acreditamos ter contribuído, ainda que modestamente, na compreensão das raízes históricas e sociais dos modelos que ainda são perpetuados no ensino de japonês no Brasil.

Referência Bibliográfica

ALIANÇA CULTURAL BRASIL - JAPÃO. **Ashita e torikumu: nihongo to nihon bunka no denshou [Em direção ao amanhã: transmissão da língua e cultura japonesa]**. Aliança Cultural Brasil - Japão. 1979.

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968 - 1988)**. Editora Humanitas. São Paulo. 1998.

_____. **Hitória, estórias e historiografia da linguística brasileira.**

Todas as Letras, v.14, n.1. Editora Mackenzie. São Paulo. p.14-37.

Disponível em:<

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4526/3488> >

Acesso em: 20/02/2016.

ANDO, Z. **Bunka no honshitsu to tokusyusei [Essência e peculiaridade de cultura]**. JIDAI. V.3, 1947. Doyôkai. São Paulo. p.23-36.

_____. **Hôjin sitei eno porutogarugo oyobi nichigo kyôiku ni tsuite**

[Ensino de língua portuguesa e língua japonesa para descendentes japoneses]. JIDAI. v.8, 1949. Doyôkai. São Paulo. p.66-73.

_____. **Nippongo kyôiku ni tsuite fukei ni uttaeru [Apelo para pais sobre educação da língua japonesa]**. Esperança. jul. de 1956. n.7. São Paulo.

_____. **Nippongo kôza [Aula da língua japonesa]**. Esperança, jul.& ago de 1957. n.17. São Paulo.

_____. **Nissei to Nippongo Mondai : koronia no ryôshiki ni uttaeru [Nissei e o Problema da língua japonesa : Apelo à consciência da colônia japonesa]**. São Paulo. 1958a.

_____. **Wareware de tsukuru nippongo tokuhon [Livros didáticos que nós criamos]**. Kaihō. mai. & jun. 1958b. n.12. Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (BUNKYÔ). São Paulo.

_____. **Nissei yô nichigo tokuhon wa hitsuyô [É necessário livro de leitura para nisseis]**. O Paulista Shimbun. São Paulo. 06/03/1959.

BATISTA, R. O. Introdução à historiografia da linguística. Cortez. São Paulo. 2013.

BRASIL. Assembleia Legislativa do Estado do São Paulo. **DECRETO N. 17.698, DE 26 DE NOVEMBRO DE 1947**. São Paulo. 1947. Disponível em:<
<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1947/decreto-17698-26.11.1947.html> > Acesso em: 22/04/2016

Britannica Japan Co.,Ltd. / Encyclopædia Britannica, Inc. **Buritanika kokusai daihyakka jiten syôkômoku denshi jisyo ban [Encyclopædia Britannica electric dictionary version]**. 2011.

BUNKYÔ. (Sociedade Paulista de Cultura Japonesa). *Kaihô* (revista). **Bunka kyôkai gojû nensai rijikai gijiroku [Ata de reunião]**. Jan & fev. 1958. n.10. São Paulo.

BUNKYÔ. (Sociedade Paulista de Cultura Japonesa). *Kaihô* (revista). **Bunka kyôkai gojû nensai rijikai gijiroku [Ata de reunião]**. mar & abr. 1958. n.11. São Paulo.

BUNKYÔ. (Sociedade Paulista de Cultura Japonesa). *Kaihô* (revista). **Kon-nichi no koronia nichigo kyôiku sono mondai to unmei wa? Zadankai [Mesa redonda sobre as questões e o destino de educação de língua japonesa na colônia japonesa]**. ago. 1959. n.19. São Paulo.

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO

JAPONESA NO BRASIL. **Burajiru Nihon imin 80 nen shi [História dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil]**. Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. São Paulo. 1991. Disponível em:<
<http://www.brasiliminbunko.com.br/Obras/26.pdf>> Acesso em: 22/04/2016

COMISSÃO DO LIVRO DIDÁTICO DA LÍNGUA JAPONESA ; ALIANÇA CULTURAL BRASIL- JAPÃO [Nihongo Kyôkasho Kankô linkai & Nippaku Bunka Fukyûkal]. **Nihongo kyôkasyo hensyû tekiyô [O Sumário de Edição do Livro Didático da Língua Japonesa]**. São Paulo. 1961.

EHARA, H. **Burajiru ni okeru nihongo kyôiku no genjô to kadai [Japanese Language Education in Brazil : Struggle for Adaptation to Changing Environment]**. Collected papers on foreign language and literature at Teikyo University. Tokyo. 2007. vol.13, p.25-62. Disponível em:<
<https://apps.main.teikyo-u.ac.jp/tosho/hehara13.pdf> > Acesso em: 25/08/2014

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ESCOLAS DE LÍNGUA JAPONESA DO BRASIL (Hakkoku Nichigo Gakkô Rengôkai : Nichigakuren). (org.).**Ikusanga - Zenpaku Nichigo Kyôikushi [História do Ensino de Japonês no Brasil]**. São Paulo. 1966.

_____. (org.).**Sôritsu 30 syûnen kinen shi [Boletim comemorativo dos 30 anos da Federeção]**. 1984.

FUJII, T. **Koronia to jânarizumu [Colônia e jornalismo]**. In: 60 anos de kasatomaru. Zaihaku kenjinkai rengôkai. São Paulo. 1969.

FUJIMORI, Y.; NISHI, K. **Kokugo kyôkasyo ni umekomareta nihon bunka : kisetu ni kansuru goichôsa o chûshin ni [Cultura japonesa embutida no livro didático de língua japonesa : Uma pesquisa sobre vocabulário referentes às estações de ano]**. Kokugoka kyôiku kenkyû. Dai 114 kai ibaragi

taikai kenkyû happyô yôshisyû. 2008. p.97-100. Disponível em:<
[http://ci.nii.ac.jp/els/110007009749.pdf?id=ART0008928845&type=pdf&lang=jp
&host=cinii&order_no=&ppv_type=0&lang_sw=&no=1461370284&cp=](http://ci.nii.ac.jp/els/110007009749.pdf?id=ART0008928845&type=pdf&lang=jp&host=cinii&order_no=&ppv_type=0&lang_sw=&no=1461370284&cp=) >
Acesso em: 22/04/2016

FUKASAWA, M. **Nikkei media shi [História de jornalismo nipo-brasileiro]**.
In: Burajiru Nihon Imin Hyakunen Shi [Historia de Cem anos da Imigração
Japonesa no Brasil (3) seikatsu to bunka hen (1)]. Fûkyôsha Publishing Inc.
Tokyô. 2010.

FURUNO, K. **Nihongo mondai arekore [Várias questões da língua
japonesa]**. O Paulista Shimbun. São Paulo. 04/09/1957.

FURUSUGI, M. **Yôshônen muke kyôkasho no hensen to burajiru nikkei
syakai no nihongo kyôiku [A mudança de livros didáticos para criança e a
educação da língua japonesa na sociedade nipo-brasileira]**. Jinmonken,
Vol 6. Centro de Estudos Nipo-Brasileiro. São Paulo. 2005. p. 44-85.

_____. **Ando Zenpati : onshi no kotoba nihon imin ni yakudatsu
ningen ni nare [Ando Zenpati : Palavras de seu respeitado professor - seja
útil para imigrantes japoneses]**. Museu Histórico da Imigração Japonesa no
Brasil. São Paulo. 2010.

HANDA. T. **Nissei mondai o meguru zadankai [Mesa redonda sobre as
questões de nisseis]**. JIDAI. v.5, 1948. Doyôkai. São Paulo.

_____. **O imigrante japonês — história de sua vida no Brasil**.
Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo. 1970.

HAYASHI, M. **Nihon seishin syugi no seisui : senzen nihon ni okeru
nejireta sisô gengo no jôken [The Rise and Fall of the Thought of the
Japanese Spirit: The Condition of the Tortuous Language of Thought in**

Prewar Japan]. Sociologos, vol.34. The University of Tokyo. Tokyo. 2010.

HOSOKAWA, S. **Nikkei burajiru bungakushi gaiyô [O sumário de história de literatura nipo-brasileira]**. In: Burajiru Nihon Imin Hyakunen Shi (Historia de Cem anos da Imigração Japonesa no Brasil) (3) seikatsu to bunka hen (1). Fûkyôsha Publishing Inc. Tokyo. 2010.

ISHIGAMI, T. **San Pauro no nihongo zasshi "Jidai": nihongokan oyobi nihongo kyôikukan [Revista japonesa em São Paulo "ÉRA": sua visão para língua japonesa e educação de língua japonesa]**. Bulletin of Shinshû Universtiy. 25:1-16. Shinshû University. Japão. 1991. p. 1-16. Disponível em :< <https://soar-ir.shinshu-u.ac.jp/dspace/handle/10091/4454> > Acesso em: 12/08/2014

ISHIMINE, Y. **Nikkei burajiru shitei no tameno nihongo kyôkasho ni mirareru porutogarugo shakuyô [Emprestismo do português visto no livro didático de língua japonesa para filhos nipo-brasileiros]**. NIDABA, Vol.37. Linguistic Society of West Japan. Hiroshima. 2008. p.203-212.

_____. **Burajiru ni okeru nikkeijin ni taisuru nihongo kyôiku no henshen – gakusyû keikensya no tyôsa kekka [A mudança na educação para descendentes nikkei no Brasil – o resultado de aprendizados]**. Kokusai kyôryoku kenkyûshi [Revista de cooperação internacional]. V 16, N. 2. Universidade de Hiroshima. Hiroshima. 2010. p.153-169.

IZUMI, S. **Imin : burajiru imin no jittai chôsa [Research on the actual conditions of Brazilian immigrants]**. Kokon Shoin. Tokyo. 1957.

JAPANESE AMERICAN NATIONAL MUSEUM. **Discover Nikkei**. Contribuído por: Caminho da memória. São Paulo, Brazil: Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos de Imigração Japonesa no Brasil, 1998. Disponível em:<

<http://www.discovernikkei.org/pt/interviews/clips/900/?show=en> > Acesso em: 22/04/2016.

JAPÃO. Ministério dos Negócios Estrangeiros. **Nihon no kyôkasyo kentei seido [Japan's School Textbook Examination Procedure]**. Disponível em:< <http://www.mofa.go.jp/mofaj/area/taisen/kentei.html> > Acesso em: 22/04/2016

KAI, Y. **Seiristuji ni okeru kokugoka no kyôka naiyô : Kyôzai no hensen karano apurôchi [O conteúdo de disciplina língua japonesa – Abordagem no ponto de vista da mudança]**. Zenkoku daigaku kokugo kyôiku gakkai Kôkai kôza bukkuretto 2 Kokugo kyôkasho kenkyû no hôhō : kokugo kyôzai no hensen o kangaeru [A Sociedade de educação da língua japonesa como língua materna da toda universidade no Japão, brochura 2, A metodologia de pesquisa de livro didático da língua japonesa – A consideração sobre mudança de material didático]. Zenkoku daigaku kokugo kyôiku gakkai. 2012. Disponível em: <

http://www.gakkai.ac/JTSJ/kouza/?action=multidatabase_action_main_filedownload&download_flag=1&upload_id=2258&metadata_id=345 > Acesso em: 05/01/2012

KÔYASHA. *Kôya no Hoshi* (revista). **Chihô ni atte shakaiteki ni katsudô shitsutsuaru wakôdo Zadankai [Mesa redonda de jovens que atuam na sociedade no interior]**. dez. 1950. n.3. São Paulo.

MARTINS, L. A. C. P. **História da Ciência : Objetos, Métodos e Problemas**. Ciência & Educação. v.11, n.2. 2005. p.305 - 317. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf> > Acesso em: 22/04/2016.

MASUDA, S. **Burajiru ni okeru nihongo no syôrai ni tsuite [Futuro da língua japonesa no Brasil]**. JIDAI. v.8, 1949. Doyôkai. São Paulo. p.62-65.

MORALES, L. M. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como língua estrangeira.** Tese de doutorado - Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

MORI, K. **Burajiru nikkeijin no 'Nihongo'wo meguru jôkyô to gensetsu : 1908 nen kara 1980 nendai matsu made [Estudo de discursos em termos de 'Língua Japonesa've suas condições socio-cultural-históricas no Brasil : a partir de 1908 até fim da década de 1980].** Memoir Of The Graduate School Of Letters Of Osaka University. v. XLIV, n. II, p. 123-161,Osaka. 2004.

_____. **Gengo o meguru iminshi [A história referente à língua].** In: Burajiru nikkei okinawa imin syakai ni okeru gengo sessyoku (Línguas em Contato na comunidade Nikkei e Okinawana no Brasil). Hituzi shobo. Tokyo. 2009. p.31-123.

MORIWAKI, R.; NAKATA, M. **História do ensino da língua japonesa no Brasil.** Editora da UNICAMP. Campinas. 2008.

MORIWAKI, R.;FURUSUGI, M.; MORI, K. **Burajiru ni okeru shitei kyôiku (nihongo kyôiku) no rekishi [História de educação para os filhos (educação de língua japonesa) no Brasil].** In: Burajiru Nihon Imin Hyakunen Shi (Historia de Cem anos da Imigração Japonesa no Brasil) (3) seikatsu to bunka hen (1). Fûkyôsha Publishing Inc. Tokyô.

NEGAWA, S. **San Pauro shi Riberudade tiku niokeru senzen sentyûki no nikkei kyôiku kikan [Organizações educacionais nipo-brasileira em bairro Liberdade de São Paulo antes e durante a guerra].** Ryûkoku daigaku keizaigaku ronshû. Kyoto. 2007.

_____. **Senzen senzhûi burajiru ni okeru nikkei imin shitei kyôiku no shiteki kenkyû [Historical Studies about the Education of Children of Japanese Descent in Brazil during and before the World War II Period].** Tese de doutorado. International Research Center for Japanese Studies. Kyoto. 2013a.

_____. **Aru sentôteki kirisutosya no "tairiku yûhi" to burajiru deno kyôiku katsudô : kishimoto kôichi to gyôsei gakuen o megutte [The 'Continental exploits' and educational activities of one militant Christian in Brazil : on Koichi Kishimoto and the Gyôsei Gakuen].** Kirisuto kyô syakai mondai kenkyû (62). Alternative:Institute for the Study of Humanities & Social Sciences, Doshisha University. Kyoto. 2013b. p.199 - 225.

_____. **Dainiji sekaitaisen zengo no nanbei kakkoku nikkeijin no dôkô : burajiru no jirei o chûshin ni [Trends and Nikkei in the Counries of South America, Prior to and Following Workd War II: Centering on the Case of Brazil].** Ritsumeikan Studies in Language and Culture. v.25, n.1. International Institute of Language and Culture Studies, Ritsumeikan University. Kyoto. 2013c. p.137-154.

_____. **Senzen senzhûi burajiru ni okeru nikkei imin shitei kyôiku no shiteki kenkyû [Historical Studies about the Education of Children of Japanese Descent in Brazil during and before the World War II Period].** Tese de doutorado. International Research Center for Japanese Studies. Kyoto. 2013.

NIKKEY SHIMBUN. **Kugakusei sasaete hanseiki : arumonia gakuseiryô ga 50 syûnen [Meio século de amparo de estudantes com dificuldades econômicas : O pensionato Harmonia comemora 50 anos].** O Nikkey

Shimbun. São Paulo. 23/09/2003. Disponível em:<
<http://www.nikkeishimbun.jp/2003/030923-71colonia.html> > Acesso em:
22/04/2016

_____. 24 de novembro, 2009. Disponível em:<
<http://200.218.30.171/nikkei/html/show/091124-62colonia.html> > Acesso em:
19/12/2012

OKA, S. **Nihongo kyôiku no syuppan : Bunka kyôkai kara josei kin o**
[Publicação de livro didático : Apelo para apoio financeiro]. O São Paulo
Shimbun. São Paulo. 12/02/1958.

OKAZAKI, C. **Nissei no nichigo gakusyû no mondai : nichigo kyôkasyo o**
chûshin to shite [As questões de aprendizagem de língua japonesa por
nisseis : Sobre tudo a respeito de livro didático de língua japonesa].
Kaihô. mar & abr. 1957. n.6. Sociedade Paulista de Cultura Japonesa
(BUNKYÔ). São Paulo.

_____. **Nihongo tokuhon no hensyû ni tsuite [Sobre edição de livro de**
leitura da língua japonesa]. O São Paulo Shimbun. São Paulo. 31/01/1958.

OTA, K. **Kindai nihon no kyôkasyo no ayumi : meijiki kara syôwa senzen**
ki no henshen [O caminho de livros didáticos no Japão moderno : de era
Meiji até Showa antes da guerra]. Sunrise Syuppan. Shiga. 2006. p.22-29.

Disponível em:< <http://libdspace.biwako.shiga-u.ac.jp/dspace/bitstream/10441/393/4/%e8%bf%91%e4%bb%a3%e6%97%a5%e6%9c%ac%e3%81%ae%e6%95%99%e7%a7%91%e6%9b%b8%e3%81%ae%e6%ad%a9%e3%81%bf%e3%80%80%e5%9b%bd%e8%aa%9e.pdf> >
Acesso em: 22/04/2016.

PAURISUTA ENCHÔSEN KYÔIKU SHI KAKÔ IINKAI. **Paurisuta enchôsen**

kyôiku shi [História de educação na Alta Paulista]. São Paulo. 1941.

PRINCETON UNIVERSITY LIBRARY. **Primary sources: a guide for historians.** New Jersey. 2016. Disponível em:<
<http://libguides.princeton.edu/history/primarysources> > Acesso em: 22/04/2016.

SAITÔ, H. **Koronia no nihongo [Língua japonesa na colônia japonesa].** JIDAI. v.14, 1951. Doyôkai. São Paulo.

SAKURAI, C. **Os japoneses.** Editora Contexto. São Paulo. 2007.

SANTO, I. **Burajiru nikkei imin shakai to nihongokan [A sociedade de imigrante japonês no Brasil e visão sobre a língua japonesa].** In: Burajiru nikkei okinawa imin syakai ni okeru gengo sessyoku (Línguas em Contato na comunidade Nikkei e Okinawana no Brasil). Hituzi shobo. Tokyo. 2009. p.145-237.

SHIBATA, H. **Da casa de pau-a -pique aos filhos doutores: trajetórias escolares de gerações de descendentes japoneses (dos anos 1950 aos anos 1990).** Tese de doutorado - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

SHINTANI, A. H. **World War II as Seen in Life Records of Japanese in Brazil: A Study of Diaries, Newspapers and Radio Broadcasting.** A thesis submitted for the Master in Studies on International Society, Kyoto University. Kyôto. 2013. Disponível em:<
http://www.academia.edu/5164947/World_War_II_as_Seen_in_Life_Records_of_Japanese_in_Brazil_A_Study_of_Diaries_Newspapers_and_Radio_Broadcasting > Acesso em: 22/04/2016.

SUENAGA, S. T. **Kyôzai kara miru burajiru no nihongo kyôiku no hensen [A mudança no ensino da língua japonesa no Brasil a partir dos materiais**

didáticos]. Dissertação de mestrado de Linguística Aplicada de Língua Japonesa. Universidade de Waseda. Tokyo. 2005.

SUWA, M. **Kachigumi, makegumi kôshô o tsûjita burajiru nihonjin imin no shinsei no hensen ni tsuite : atarashii seishin no keisei o motomete [Identity Transition of Japanese-Brazilian through the struggle between the winning belief group (KACHI-GUMI) and Losing belief one (MAKE-GUMI) after the World War II]**. Shagakuken ronsyû. v.16. Waseda University. Tokyo. 2010. p.63-73. Disponível em:<
http://dspace.wul.waseda.ac.jp/dspace/bitstream/2065/33589/1/ShagakukenRonsyû_16_Suwa.pdf > Acesso em: 22/04/2016.

SUZUKI, M. **Burajiru ni okeru nihongo kyôiku no genjô to sono syôrai ni tsuite [A situação atual e o futuro de educação de língua japonesa no Brasil]**. Anuário do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Centro de Estudos Nipo-brasileiros. São Paulo. 1967.

TAKEMOTO, Y. **Shinkyû nihongo tokuhon no mondai (1) : naiyô to bunsyô ni tsuite [Questões de livro de leitura de língua japonesa (1) : O conteúdo e os textos]**. Kôya no Hoshi. abril, 1954, vol.23. Kôyasha. São Paulo.

_____. **Shinkyû nihongo kyôkasho no mondai (2) : kanji seigen to kanazukai [Questões de livro didático de língua japonesa (2) : O limite de kanji e uso de kana]**. Kôya no Hoshi. jun, 1954, vol.24. Kôyasha. São Paulo.

_____. **Taidan : Nippaku no kusabi [O encontro : O elo entre o Japão e o Brasil]**. O Nippaku Mainichi Shimbun. São Paulo. 31/5/1956.

TAKEMOTO, Y. **Nihongo kyôkasho koronia no risô o morikomu : Takemoto Yoshio shi ni shian o kiku [Entrevista para Takemoto sobre o esboço do**

pano : livro didático de língua japonesa incorporado as ideais da colônia japonesa]. O Paulista Shimbun. São Paulo. 19/11/1959.

_____. **Ze ka hi ka : koronia ban nihongo kyôkasyo no katakana sensyutsu [Sim ou não : Aprender katakana primeiro no livro didático da colônia japonesa].** O Nippaku Mainichi Shimbun. São Paulo. 10/2/1960.

_____. **Jônetsu sosoide ichinenhan : nichigo kyôkasyo no hensan owaru [Dedicação de um ano e meio : Encerramento de edição dos livros didáticos da língua japonesa].** O Paulista Shimbun. São Paulo. 20/04/1961.

_____. **Shin kyôkasyo ni tsuite (2) pogo kanagaki no koto [A respeito de livros didáticos (2) : empréstimos lexicais do português].** O Paulista Shimbun. São Paulo. 22/01/1964.

TOYAMA, O. **Burajiru nikkei syakai : hyaku nen no suiryû [Comunidade japonesa no Brasil: Cem Anos de águas corridas].** Editora Toppan-Press. 2006.

WATANABE, M. **Yanagita Kunio no kokugoka kyôkasho : "Atarashii kokugo wâkuchoppu", "Atarashii kokugo shôgakkô yô kariyuramu shian" o chûshin ni [Livros didáticos por Yanagita, Kunio : Sobre Língua Japonesa Caderno de Exercício Novo, Esboço de Currículo].** Zenkoku daigaku kokugo kyôiku gakkai happyô yôshi. The national Association of College Teachers for Japanese Language and Literature Education, 118. Tokyo. 2010. p.239-242.

Disponível em:<

[http://ci.nii.ac.jp/els/110007861674.pdf?id=ART0009537405&type=pdf&lang=en
&host=cinii&order_no=&ppv_type=0&lang_sw=&no=1408919076&cp=](http://ci.nii.ac.jp/els/110007861674.pdf?id=ART0009537405&type=pdf&lang=en&host=cinii&order_no=&ppv_type=0&lang_sw=&no=1408919076&cp=) >

Acesso em: 24/08/2014.

YASUDA, T. **Kokugo shingikai : Meisô no 60 nen [Conselho de Língua Japonesa do Governo : 60 anos da dispersão]**. Kodansha. Tokyô. 2007.

_____. **Kindaichi Kyôsuke to nihongo no kindai. [Kindaichi Kyôsuke e era moderna de língua japonesa]**. Heibonsha. Tokyô. 2008.

YOSHIDA, H. **Sengo syoki kentei kokugo kyôkasyo no kenkyû : seido to jittai o chushin ni [A Study on the Authorized Textbook in Japanese Language of the Early Postwar Years : In the case of system and realization]**. Departmental Bulletin Papers, Vol.61. The Graduate School of Education, Hiroshima University. Hiroshima. 2012. p.93-102. Disponível em:<<http://ir.lib.hiroshima-u.ac.jp/00033987> > Acesso em: 25/08/2014.

_____. **Showa 20 nendai ni okeru chihôban kokugo kyôkasyo no kenkyû : Hokkaidô ban kokugo kyôkasyo no jittai to tokusyoku (1) [Edição regional de livros didáticos na era Showa 20 : Situação atual e peculiaridade de livros didáticos para região de Hokkaidô (1)]**. Kokugo kyôiku kenkyû. Universidade de Hiroshima. Hiroshima. 2014. Disponível em:<https://ir.lib.hiroshima-u.ac.jp/files/public/37301/20150522140744832158/KokugoKyoikuKenkyu_55_67.pdf >Acesso em: 22/04/2016.

ZHANG, G. S. **Sengo kyôiku kaikaku no naka no Yanagita Kunio [Yanagita Kunio na época de revolução de sistema educacional após a gueera]**. The journal of scientific reseaches on education, vol.14. Tokyo Metropolitan University. Tokyô. 1995. p. 43-55. Disponível em:<http://ci.nii.ac.jp/els/110004998341.pdf?id=ART0008072067&type=pdf&lang=en&host=cinii&order_no=&ppv_type=0&lang_sw=&no=1474382338&cp=>

Acesso em: 21/11/2015

ANEXO

Anexo 1: Capa de livro didático *Nippongo*, vol. 1

(fonte: <http://www.brasiliminbunko.com.br/>)

Anexo 2: Capa de livro didático *Nippongo*, vol. 2

(fonte: <http://www.brasiliminbunko.com.br/>)

Anexo 3: Índice de livro didático *Nippongo*, vol. 1

(Fonte: Biblioteca do *Bunkyô*)

Anexo 4: Um texto de livro didático *Nippongo*, vol. 1

(Fonte: Biblioteca do *Bunkyô*)

Anexo 5: Capa de jornais em forma de papel arquivados

(fonte : Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil)

Anexo 6: O Paulista Shimbun em forma de papel

(fonte : Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil)

Anexo 7: Capa do São Paulo Shimbun em forma de microfilme

(fonte : Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil)

Anexo 8: Artigo de Nippaku Mainichi Shimbun arquivado em forma de microfilme

(fonte : Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil)

Anexo 9: Zenpati Ando
(fonte: FURUSUGI, 2010)

Anexo 10: Kimio Moriya
(fonte: *São Paulo Shimbun*, 17/09/1959)

Anexo 11: Coquetel Party no *Bunkyô* : participantes

(fonte: Aliança Cultural Brazil – Japão, 1959)

Anexo 12: Coquetel Party no *Bunkyô* : Takemoto e Moriya

(fonte: Aliança Cultural Brazil – Japão, 1959)

Anexo 13: Yoshio Takemoto

(fonte: *Nippaku Mainichi Shimbun*, 13/04/1960)

Anexo 14: Chikashi Okazaki

(fonte: *Kaihô*, ago. de 1960, n.19)

Anexo 15: Kikuo Furuno

(fonte: *Paulista Shimbun*)

Anexo 16: Livros didáticos *Nippongo* na livraria japonesa em São Paulo

(fonte: *São Paulo Shimbun*, 20/01/1961)